BIBLIOTECA DE CULTURA — VOLUME II

ANDRADE FURTADO

Esboços e Perfis

IMPRENSA UNIVERSITÁRIA DO CEARÁ

O Professor Manuel Antônio de ANDRADE FURTADO é um dos vultos de maior expressão dos meios culturais do Ceará, com larga fôlha de serviços prestados ao magistério, ao jornalismo e à literatura, a que se dedicou desde cedo, impondo-se ao respeito e à admiração dos seus coestaduanos.

Como Professor, exerce a cátedra nas Faculdades de Filosofia e de Direito, sendo Diretor desta última, além de ocupar as destacadas funções de Vice-Reitor da Universidade do Ceará.

Na qualidade de jornalista militante, vem dirigindo, desde a sua fundação, o tradicional vespertino "O Nordeste", que se distingue por sua orientação católica.

Como escritor, tem publicados inúmeros livros e trabalhos diversos, nos quais há revelado, sobretudo, a sua vocação de ensaísta nato, além de poeta exímio. É membro da Academia Cearense de Letras, do Instituto do Ceará e de outras instituições culturais do Estado e do País.

Homem público dos mais ilustres, ANDRADE FURTADO já ocupou o cargo de Secretário do Interior e Justiça e o de Interventor Federal no Ceará.

Entre os inúmeros trabalhos que já publicou, destacam-se: "Elogio Fúnebre de S. S. o Papa Pio X", "A reabilitação da mulher pelo Cristianismo", "Discurso" (oração oficial da turma de bacharelandos de 1915), "Liberdade Econômica e Instrução Pública" (tese de concurso à Faculdade de Direito), "O Nacionalismo e a Imprensa", "A solução do magno problema do Ceará", "O ensino jurídico", "O ensino religioso", "A Catedral", "A extensão do Direito", "Quixeramobim e sua vida religiosa", "O País de Amanhã", "A fundação da Faculdade de Direito", "Legenda de glória", "O centenário de Ozanam", "Para que o mundo pense", "O Papa — Defensor do Direito Internacional", "A Filosofia do Desastre", "O jubileu da Academia" e outros.

A êsse acervo bibliográfico vem reunir-se, agora, "Esboços e Perfis", que constitui mais uma publicação da Imprensa Universitária do Ceará.

WGTON
1982
MMARY
57
el Ant onio de
rfis

Digitized by the Internet Archive
in 2014

https://archive.org/details/esbocoseperfis00furt

Esboços e Perfis

BIBLIOTECA DE CULTURA - VOLUME II

Manuel Antônio de ANDRADE FURTADO

ESBOÇOS E PERFIS

Publicação da Universidade do Ceará
1957

Surge à luz da publicidade o segundo volume da BIBLIOTECA DE CULTURA da Universidade do Ceará.

Teve a melhor acolhida, no meio intelectual, o primeiro passo dado, com o lançamento do livro do Professor Dolor Barreira — "Clóvis Beviláqua e Outros Trabalhos" — que a IMPRENSA UNIVERSITÁRIA editou, por iniciativa do Magnífico Reitor, Professor Antônio Martins Filho.

Prosseguindo, nesta tentativa de indiscutível valor, no sentido de projetar o nome da Terra Cearense no vasto campo das Letras, aparece um novo documentário da vida mental entre nós.

O volume ora divulgado — "Esboços e Perfis" — da lavra do Professor Andrade Furtado, reune uma série de estudos sôbre vários aspectos da conjuntura contemporânea, relativos a homens e fatos, destacados do cenário em que vivemos.

Como se vê, a reunião destas parcelas constitui uma soma de serviços prestados à missão de enaltecimento dos nossos valores e um estímulo aos que professam o culto da divulgação das idéias.

BIBLIOTECA DE CULTURA vale por uma das grandes facetas do programa executado, para maior prestígio da Universidade do Ceará, pelo Magnífico Reitor, a quem foi confiado o destino, no período difícil de formação, de tão relevante emprêsa educacional, nesta unidade da Pátria.

A IMPRENSA UNIVERSITÁRIA reconhece, mais uma vez, o êxito auspicioso dêste cometimento para a formação do nosso patrimônio, no domínio das atividades da Inteligência!

O SACRAMENTO DA EUCARISTIA NA FORMAÇÃO DA NACIONALIDADE

O ponto de partida da História da nossa Civilização foi um solene ato eucarístico. Nenhum povo, porventura, teve sôbre os seus destinos o privilégio desta bênção particular. A procedência da colonização brasileira deriva daquele primeiro altar, levantado à orla das selvas e à beira do mar, entre a amplidão azul dos nossos céus e a imensidade verde das nossas matas.

A Cruz foi o marco possessório das novas terras descobertas e o penhor de conquista dos indígenas para a comunhão da Humanidade.

Na areia da enseada de Cabrália, nesta gloriosa Bahia de tradições imortais, ajoelharam, erguendo as almas até o trono do Criador, os marujos da frota audaz que transpôs o Oceano em frágeis velas, à mercê das ondas e dos ventos.

O Monte Pascoal fôra, de tôda a eternidade, alteado acima da planura intérmina do horizonte, para representar, na manhã radiosa daquele dia, a sua missão de luz, merecendo ser chamado, expressivamente, o Farol da Nacionalidade.

A Primeira Missa do Brasil, que inspirou à palhêta de Victor Meirelles o quadro mais lindo e mais comovente da nossa galeria artística, é a apoteose magnífica da consagração da Pátria ao Altíssimo.

Discurso proferido no Primeiro Congresso Eucarístico Nacional, na Cidade do Salvador.

A Hóstia branca, erguida nas mãos de Frei Henrique de Coimbra, foi adorada pela tripulação agradecida, num forte surto de fé.

Ao lado, os índios bravos, seminus, tiveram a intuição espontânea de tão viva e augusta cerimônia.

Houve uma transmutação do ambiente, naquele instante único em que Jesus realizara a sua incarnação mística, para vir, no Continente Americano do Sul, exercer desde aí o seu convívio quotidiano com os caçadores de almas, pelos sertões a dentro.

O maior poeta da raça, filho dêste rincão fértil em mentalidades geniais, traçou a epopéia inaudita dos bandeirantes da Fé, apelidados por êle — vândalos do Cordeiro, piagas do Amor.

Foram, na verdade, *os batedores da matilha de Deus...*

Só tinham, nessa emprêsa acima de tôdas as mais famosas dos anais do Universo, "por couraça uma sotaina e uma cruz por bordão".

Desde aquêle Santo Sacrifício, celebrado no ilhéu da Coroa Vermelha, nas proximidades de Pôrto Seguro, nunca mais o Cristo deixou de ser servido e honrado, enaltecido e adorado nesta metade do Novo Mundo.

As entradas que percorriam os longínquos recessos tropicais da floresta virgem levavam consigo muitas vêzes o capelão, que lhes ministrava, para gôzo e fôrça das consciências, o Pão de Vida, como aos Isrealitas no deserto era o maná a garantia de um novo alento.

No Santíssimo Sacramento, os primitivos colonizadores foram encontrar a doçura em meio das maiores asperezas, a coragem em meio dos mais trágicos perigos. A índole indômita do selvagem curvou-se diante da virtude excelsa dos missionários e da intrepidez sôbre-humana dêsses arautos da paz que derramavam o próprio sangue das veias na obra de catequese das almas. A Cruz abria "os braços grandes para acolher os índios

rubros"... E a voz do mártir murmurava: "Irmãos, vim trazer-vos minha vida, vim trazer-vos Jesus"!

Êsses heróis eram santos e o santo é a imagem do Mestre Divino.

No Pão substancial hauriam aquela fortaleza invencível com que se apossavam dos corações rudes, refratários a qualquer sentimento de ternura. Tão visível é a influência da união nos evangelizadores das selvas, que os animais, rojados aos seus pés, lhes obedecem!

O homem sem a Eucaristia reduz-se à condição mais humilhante na escala zoológica. É o bugre barbarizado devorando, na antropofagia dos instintos bestiais, o seu semelhante.

Com a Eucaristia, reabilita-se na ascensão pelo Cristo à sua progênie celeste. É o rei incontestável, na plenitude dos seus direitos de soberania, árbitro da criação, senhor dos animais.

Vêde a figura veneranda de Anchieta, entre os ferozes aborígenes! Que poder extraordinário sôbre a vontade rústica do gentio! Aquêles peitos de bronze bruto tornavam-se, por encanto, brandos como se fôssem de cêra fina e delicada. Foi chamado o admirável jesuíta — "Novo Adão" — por exercer no seio das tribos e entre as feras o prestígio do nosso primeiro pai no Éden Terreal.

Espetáculo prodigioso, como assinalaram alguns cronistas, vê-lo cercado de pássaros obedientes ao seu aceno, deixando-se mansamente afagar até que lhes desse a bênção da partida, dizendo-lhes: "Ide-vos, agora, em paz e continuai a louvar a Deus".

Nas memoráveis cartas do Apóstolo da América está, a cada passo, revelado o segrêdo dessa magia da bondade, dêsse magnetismo da virtude. São páginas impregnadas da suave fragrância do Tabernáculo e bem se vê que é no Sacrário onde vai beber, cada dia, o tônico de que precisa a sua fragilidade para enfrentar todos os imensos riscos da sua missão. Por outro lado, as

modificações do caráter entre aquêle povo infiel denotavam o influxo sobrenatural da vida eucarística.

Narra o fundador da redução de Piratininga que alguns índios de paragens vizinhas simulavam amizade aos padres para, atraindo-os ao seu reduto distante, lá os trucidar. Uma enfermidade mortal sobreveio e logo os fulminou, quando já haviam conseguido os emissários daquela nação que alguns padres os acompanhassem. Em tudo se manifestava, de maneira clara e evidente, como nos tempos apostólicos, a presença de Deus vivo ao lado dos seus ministros. Era no recolhimento e no silêncio do Santuário de sapé que depois iam levar comovidos, em transportes de gratidão, as confidências do seu afeto ao bom Jesus, sentido na realidade de tantos milagres! Não era só a fé que os animava, nem a esperança nas promessas divinas do Evangelho. Era muito mais que isso: — O Cristo oculto nas espécies sagradas, a lhes dar a cada instante a demonstração de que não estava ausente, mas ao contrário, como no Cenáculo, no meio dêles.

Quando surgiram intrigas malévolas contra os membros da Companhia, acusados falsamente de granjear a estima dos índios para mais tarde os escravizarem, os que pertenciam ao número dos batizados repeliram a imputação aleivosa, reconhecendo que os padres eram homens diferentes dos outros, porque "traziam o seu Deus no coração".

Expostos a tôda sorte de adversidades, os levitas da nossa colonização espiritual sustentavam uma luta tremenda para vencer a intransigência dos selvícolas que, na linguagem adequada de um missivista do século XVII, pareciam "aproximar-se mais à natureza das feras do que à dos homens".

Não houve, entretanto, desfalecimento nem recuo nessa emprêsa sem igual. Podemos afirmar que àquela época neste hemisfério foram escritas as páginas mais comovedoras e deslumbrantes da heroicidade cristã.

Os olhos de tôdas as nações cultas do orbe voltaram-se

para êste cenário soberbo, onde os batalhadores da Igreja se cobriam de triunfos, recebendo freqüentemente a palma do martírio.

A Ibiapaba, nas fronteiras do Nordeste, viu cair fulminado um dêsses artífices ciclópicos da construção da nacionalidade. A audácia do padre Francisco Pinto, expondo-se, por amor da catequese, aos rancores dos truculentos Tocarijus, teve por epílogo a morte violenta do abnegado jesuíta. Depois de alcançar a pacificação dos habitantes da zona do Jaguaribe partiu para as terras do norte êsse varão esforçado e conhecido em tôda a Província, tão venerado dos índios da Capitania do Ceará, em cujo sertão, em mãos dos gentios Tapuias, deu a vida, segundo o depoimento de Simão de Vasconcelos, *em uma gloriosa missão de obediência.*

Bem sabeis qual fôra essa embaixada que o qualificativo honroso merecidamente exalta. O Padre Francisco Pinto, "o heróico Amanayara", com o seu não menos valoroso companheiro, padre Luís Figueira, mais tarde igualmente devorado, conforme afirma Vicente Salvador, pelos selvagens Aruãs da ilha do Marajó, ia, com sacrifício da própria existência, estabelecer o culto da Eucaristia entre as tribos pagãs. (1)

O sangue dêsse obscuro mártir esquecido foi, sem dúvida, a semente abençoada e fecunda que germinou e se fêz árvore, floresceu e frutificou, cobrindo-se hoje a nossa terra das graças especiais daquela fé intrépida e decidida dos sertanejos meus irmãos. Não existe nos ínvios recôncavos das serras, nem nas planícies extensas das regiões centrais do Estado, um só vilarejo ou arraial, um pequeno agregado de habitantes, mesmo tantas vêzes uma fazenda mais povoada, em que não seja necessàriamente encontrada a capelinha alva e poética, em cuja ara sagrada

(1) Jesuíta e Jesuítismo — Barão de Studart.

o vigário da freguesia, de espaço a espaço, vai celebrar os Santos Ofícios.

A seiva vivificante daquele supremo holocausto de amor, consumado tão longe das vistas de gente civilizada, havia de produzir êsse vigor exuberante no sentimento religioso da raça.

No período colonial, o Santíssimo Sacramento foi a *ultima* ratio das reservas morais de combate contra a resistência indomável do meio agreste e da população hostil. Quando o desfalecimento natural alquebrava o ânimo de aço dos realizadores daquela imensa cruzada de penetração das matas e de conquista das almas, era em Jesus Hóstia que iam cobrar as energias, para continuação da arrojada e estrênua pugna.

Bem se pode imaginar o que vale o feito portentoso dos pioneiros impertérritos que desbravaram o caminho à vitória do Cristianismo em Terra de Santa Cruz!

Quem seria capaz de somar as fadigas, os atos de abnegação, os lances de caridade dos edificadores dêsse monumento da Pátria unida e bela, livre e forte, como é a nossa, arrancada à selvageria dos costumes e à rudeza de sentimentos dos Tupinambás e Caetés, Baikaris e Tupiniquins, habitantes dessa imensa Índia Brasílica?

Contra a ação apostólica dos catequizadores surgiram mais tarde as invasões armadas da pirataria huguenote. É ainda ao culto da Eucaristia que recorreram, na iminência de uma derrota fatal, os infatigáveis defensores do nosso patrimônio de honra e de fé.

Ante os feitos épicos das tropas holandesas, quando o êxito das batalhas parecia pender para o lado dos adversários da integridade nacional, foram os nossos antepassados bater à porta do Santuário, para implorar de Jesus Cristo presente no altar a decisão em nosso favor da magna causa em jôgo.

É bastante eloqüente e fala de maneira peremptória da confiança invacilável no auxílio divino aquela famosa "apóstrofe

atrevida" do padre Antônio Vieira, exigindo de Deus a todo custo o desbarato do agressor hereje.

Nunca nas horas mais difíceis daqueles embates titânicos pela consolidação colonial deixou de ser plenamente evidenciada a crença ardente e sólida em Nosso Senhor na Eucaristia.

Não se recorreu em vão a êsse manancial de graças inauferíveis de onde promanou a vitória certa da verdade sôbre o êrro, da cultura sôbre a ignorância, da virtude sôbre o vício, no período de elaboração do nosso progresso, em todos os seus múltiplos aspectos. É surpreendente que homens sem lei nem Deus, conforme o dizer horrorizado de Luís de Cespedes, abandonassem os seus usos cruéis e hábitos atrozes para abraçar a doutrina evangélica de amor e de paz, de humildade e conciliação.

Simples esforços humanos não explicam por si mesmos essa completa modificação e só, com efeito, a influência da Presença Real na Eucaristia oferece a solução compreensível dêsse relevante problema da nossa História.

O ilustre escritor Roberto Southey mostrou-se vivamente impressionado, ao meditar sôbre as nossas origens, vislumbrando nos fastos do nosso passado a projeção futura do Brasil.

Ao examinar o assunto, diante dos trabalhos dos fundadores da nacionalidade, aquêle estrangeiro notável ficou convencido, como observa autorizadamente Eduardo Prado, de que "das emprêsas dêsses homens obscuros surgiram conseqüências mais amplas e provàvelmente mais duradouras que as conquistas de Alexandre e Carlos Magno".

A iniciativa formidável da conversão de um novo mundo representa a perpetuidade da eficácia divina da união do homem com o seu Redentor.

O impávido refém das praias de Iperuig podia citar numa das suas cartas admiráveis aquêle texto expressivo das Letras Sagradas: — *Maledictus homo qui confidit in homine!*

Não era, por certo, nas garantias da terra, tão precárias e

efêmeras, que punham a sua confiança os executores das esplêndidas campanhas em prol do ampliamento do reinado de Cristo.

Nem se poderia conceber, no meio de gente prevenida e ferecíssima, qualquer segurança para os que levavam adiante o cometimento da Civilização.

A fonte de tôdas as energias, a chave de todos os êxitos, o mistério dessa perda do instinto de conservação no desempenho da tarefa sem par, tôda aquela indescritível capacidade de ação, humanamente inexplicável, é simplesmente o fruto de uma intensa vida eucarística.

Estamos agora, nesta fase dramática da nossa existência, a procurar de novo salvar a terra que nos serviu de berço, invadida por uma onda de barbaria, vinda de longe, para afogar na hediondez materialista a Cruz que os nossos antepassados ergueram triunfante, como penhor autêntico da nossa emancipação moral.

Não cremos que os descendentes de heróis, a quem se deve a criação dêste País gigante, venham a se deixar vencer pelos agentes da decomposição social.

Outrora tivemos de reduzir às imposições da lei divina a índole revel dos habitantes das matas. Hoje, a nossa missão não é menos árdua nem menos imperiosa.

Teremos de enfrentar o bárbaro civilizado, muito mais temível do que o índio selvagem. Os expedientes da sua ofensiva são mais ardilosos e, por vêzes, mais desumanos. Querem assaltar os inimigos da nossa Pátria as trincheiras de resistência do caráter, porque conhecem a contextura ética da nossa fibra.

Enquanto não fôr subvertido o profundo sentimento católico do povo, não haverá possibilidade alguma de se tomar conta, em nome do paganismo redivivo, dêste domínio continental que gozou tão altas complacências do Céu no período da sua colonização.

O problema da defesa patriótica da nossa unidade territorial,

outrora ameaçada por franceses, inglêses, espanhóis e holandeses, continua a ser um caso de honra para o nosso brio cívico.

O internacionalismo extremista emprega hoje a sua tática demolidora para estabelecer a desunião fratricida entre os filhos da mesma Pátria. É a Religião o laço mais forte da coesão nacional. Se êsse elo fôsse rompido, teríamos as portas abertas de par em par à insânia bolchevista.

O culto da Eucaristia, que foi, quando da formação da nacionalidade, o potencial da enorme resistência às adversidades de todos os elementos, seja agora a fonte da nossa fé e da nossa esperança na caridade infinita de Deus para com a Pátria.

A conclusão da minha tese está perfeitamente a se impor.

É a Divina Eucaristia a lição máxima para o momento excepcional que estamos vivendo. Aos pés de Jesus Sacramentado iremos encontrar, à imitação dos nossos valentes ancestrais, a onipotência para suplantar as fôrças do mal que intentam uma conjuração generalizada contra a paz de Cristo no reino de Cristo.

O exemplo do passado representa uma indicação preciosa às iniciativas a tomarmos, na luta pela causa da integridade do Brasil. Chamemos tôdas as classes sociais para as vigílias sagradas, junto ao trono bendito, onde pulsa o Santíssimo Coração do Deus vivo!

Enquanto sob êste firmamento, onde brilha o Cruzeiro do Sul, como o signo de predestinação da família patrícia, houver em nossas igrejas e ermidas o culto permanente de desagravo à ingratidão dos que esquecem e aos ultrajes dos que combatem a soberania de Nosso Senhor nas consciências — não há-de pesar sôbre a Nação o castigo merecido, que a apostasia das instituições está a atrair.

A vida aucarística é, na atualidade, o que foi no período colonial da nossa Pátria, o recurso extremo da salvação nos dias tempestuosos e o remanso de gloriosa paz nas horas de trabalho para engrandecimento do nome brasileiro!

O CULTO DA TRADIÇÃO

A festa espiritual, que aqui estamos celebrando, representa, nestes tempos de tanta injustiça e de tanta irreverência para com o Passado, uma homenagem ao sentimento de fé na vitalidade da raça.

Há 50 anos, nasceu o Instituto do Ceará, que se nos afigura uma corrente límpida, a refletir, no líquido cristal, as louçanias e magnificências do nosso meio intelectivo, opulento, na verdade, em expressões culturais.

As coisas humanas, no conceito eloqüente de Carlyle, exigem um ideal. Êsse ideal é a alma das coisas humanas...

Neste grêmio, a todo o transe se tem querido, durante meio século, manter aceso o fogo sagrado dos entusiasmos sadios pela causa da terra e da gente brasileiras...

A juriscultura de Paulino Nogueira, a ilustração de Thomás Pompeu de Sousa Brasil, a eloqüência de Antônio Augusto de Vasconcelos, a erudição clássica de monsenhor Bruno de Figueiredo, a meticulosidade investigadora de João Batista Perdigão de Oliveira, a filantropia abnegada de Antônio Bezerra de Menezes, o poliformismo científico de Júlio César da Fonseca, a faceirice literária e elevação de pensamento de José Sombra passaram por êste âmbito, enchendo-o de uma excelsitude sublimada, que infunde, ao mesmo passo, respeito, alegria e encanto.

Quando aqui cheguei, senti, na atmosfera dêste ambiente, o

Discurso proferido no cinqüentenário do "Instituto do Cea

estímulo e a vibração dêsses exemplos que o túmulo não extinguiu nem extinguirá jamais.

O homem é imortal! Deus o fêz da argila frágil, no plano da sua sabedoria impenetrável... Mas infundiu-lhe o sôpro da essência imorredoura.

Cremos no alcance infinito dos nossos esforços, para perpetuação, através das gerações que se sucedem, dos valores reais da nossa mentalidade e do nosso civismo.

O Instituto do Ceará defende, como seu espólio de honra, o espírito tradicional desta gleba exuberante em possibilidades sem conta, civilizada à luz dos princípios de paz do Evangelho.

Pode o Passado apresentar erros e mesmo conter crimes... Mas, na afirmação de um pensador contemporâneo, falhas e delitos praticam-se, não se cultuam. Exalta-se a virtude. Condena-se o vício.

Vidal de Negreiros desperta aplausos pela sua bravura, a repelir o intruso holandês Maurício de Nassau. Calabar infunde vergonha e desprêzo, pelo ato de ignomínia com que se bandeou para o lado do invasor estrangeiro.

O rito de consagração das glórias nacionais, que se exerce e ministra, neste templo do saber, é, porventura, o segrêdo da veneração que desperta a sua brasilidade autêntica.

Herdamos dos nossos ancestrais o amor à disciplina. Vibra em nossas veias o ritmo da ordem. A velha latinidade revive, ainda, em nossa admiração à harmonia de formas seculares.

Roma antiga legou-nos o sentido da nossa educação política e administrativa. A estabilidade do seu Império sòmente veio a ser subvertida pela invasão dos bárbaros.

A Igreja manteve, no campo religioso, o equilíbrio, que a heresia de Lutero espedaçou, indo encontrar a insubmissão da Reforma tôda a resistência, nos países latinos, como o nosso.

Veio depois, não há negar, a Revolução... Na França, que é, no critério de ilustre crítico moderno, "o forno onde se cozinha

o pão do pensamento humano", ergueram-se as iras anônimas contra a majestade da Lei.

Charles Maurras esclarece que o movimento de 1789 foi a desfiguração monstruosa da fisionomia da nacionalidade.

"Les idées de la Révolution dite Française, contre lesquelles toutes nos hautes traditions protestent avec horreur, ont absolument dénaturé le monde latin".

Reconhece o sociólogo atual, diante da evidência dos fatos, que o latino — seja francês, português, italiano, espanhol ou brasileiro, acrescentamos nós — perde, em face daquele surto de anarquia social, a sua própria razão de ser e o que foi, outrora, podemos assim nos expressar, o seu timbre diferencial no universo.

Repetindo o que tem sido, já, por tantas autoridades no assunto doutrinado, o vírus revolucionário, em vez de uma diátese do espírito étnico, vem a ser, precisamente ao contrário, uma negação afrontosa dos nossos créditos de latinidade.

Sem alicerces o edifício desaba, como a árvore que tomba, porque lhe definharam as raízes...

Também, sem esteio no chão, onde germinou a semente fecunda, caem as instituições mais sólidas...

O grande serviço prestado ao nosso meio, por esta corporação insigne, composta de homens de estudo, é vindicar as tradições veneráveis da família patrícia, que, nos seus costumes austeros, nas suas preferências e inclinações naturais, encontra, sem dúvida, a maneira mais edificante e mais digna de ser solidária com os heróis que arrancaram das selvas primitivas, bravias e agrestes, povoadas de bugres e de feras, esta forte, jovem e bela nação católica.

Êste sodalício bem deve ser apontado, na linguagem de um espírito fulgurante, como uma fôrça geradora do progresso social e, ao mesmo passo, um elemento de conservação, rememorando a síntese da vida de um povo, uma fonte de esperança, desper-

tando o estímulo para a ação e o empenho para conseguir um futuro cada vez melhor.

Para servir-me da imagem do eminente Eduardo Prado, poderá, quem sabe, apagar-se do coração dos porvindouros o sentimento da Pátria, mas se, dentre êles, surgir, nesta terra, algum psicólogo que, com a reverência devida às grandes coisas mortas, quiser escrever a história do patriotismo autóctone, uma página, e das mais lindas, será, senhores, em vossa honra!

Atravessamos um século de destruição e de ludíbrio dos mais altos predicados da vida. Por tôda parte, profanam-se as flôres da bondade e exaltam-se as degradações do mal.

Nestes tempos de horrendos vitupérios, no domínio da verdade, de execráveis covardias, na arena do pensamento, "o principal dever é crer no dever"!

Lembremo-nos da advertência de um escritor de nota: — "O dever nunca tem decepções"...

Não nos podemos, de fato, iludir acêrca do que nos impõe a consciência.

Sigamos a sua diretriz, que o caminho irá certo...

Ainda que o anticristianismo dos judeus de Moscou proclame o oposto, são, em todo o ponto, indispensáveis os preceitos morais à existência coletiva.

O panorama que se nos antolha, onde quer que impere o despotismo das paixões subalternas, é notòriamente sombrio e alarmante.

Opina Sertillanges que mais vale uma virtude, para os destinos da comunidade, que tôdas as riquezas materiais do planêta... Êle tem razão. A idolatria do ouro e do gôzo quebranta as energias superiores e atira os indivíduos, conforme observa Taine, à vala comum da mediocridade e da depravação.

Por isso, os condutores de Estados, em nossos dias, se são inteligentes, não hesitam em fazer instante apêlo às potências

espirituais, a fim de se resolverem, satisfatòriamente, as dificuldades econômicas.

A um parlamentar lusitano que, tendo em vista a carestia reinante, exclamava da tribuna: — "O que nos falta é dinheiro!" — aparteou o ministro do Interior de Portugal, incontinenti:

"Está v. exa. enganado. O que falta é espírito social. Não éramos mais ricos há séculos, e conseguimos levantar obras materiais e políticas não excedidas por nenhum outro país da Europa"...

O conselheiro federal da Suíça, sr. Etter, professor de nomeada e aplaudido homem de ação, declarava, ainda há pouco, que estamos assistindo, agora, à contrapartida inevitável da opressão dos espíritos pela guerra dos sem Deus.

O que resulta da rebeldia contra o primado da consciência é o que se vê: — o desprêzo do próximo, a sujeição do fraco, a supremacia da fôrça sôbre o Direito.

Quem voltou os olhos para o quadro tétrico da Espanha sovietizada, percebe que a estrada aberta através das igrejas em chamas e dos conventos arrasados leva, em linha direta, à mais brutal escravização do homem.

Para que tudo aquilo sucedesse, foi preciso calcar aos pés, sob o tacão do ditador tártaro, por uma violência estúpida de métodos asiáticos, as conquistas mais galhardas e mais formosas do gênio castelhano.

Aquêle choque social crudelíssimo não foi o resultado de evolução, mas de convulsão.

* * *

Ressaltando esta sociedade, em dez lustros de trabalhos ininterruptos, os feitos e cometimentos dos audazes elaboradores da coesão nacional, cria uma mentalidade de aprêço e de devota-

mento pela terra amiga, que deu jazigo aos nossos pais e serviu de berço aos nossos filhos.

Desgraçado de quem repudia a idéia bendita da Pátria!

É um infeliz que, afinal, atenta contra o próprio interêsse, desde que, no lúcido conceito de alguém, quebra os laços que o unem aos mais semelhantes dos seus semelhantes...

Não é insignificante ter nascido aqui ou além, como acentuou uma voz bem inspirada. O mesmo grão não dá a mesma colheita.

Quem nega a influência do clima no desenvolvimento orgânico?

Sob o Cruzeiro do Sul, neste trecho feraz e livre da América, experimenta-se o privilégio de viver em nova e farta Canaan prometida, onde o homem luta, apenas, com a deficiência de recursos para explorar as largas provisões da natureza.

É diante da imensidão das selvas equatoriais da Amazônia, viajando sôbre as águas do Rio-Mar, que se tem a noção proporcional da grandeza física do Brasil.

Os habitantes da Terra de Santa Cruz necessitam corresponder, moralmente, às dimensões dêste admirável País.

E isso se conseguirá, rendendo o tributo consciente de glorificação à memória dos bravos que penetraram a floresta hostil, indo implantar o marco do progresso, entre as tribos indígenas do Acre longínquo, ou, reagindo contra preconceitos e egoísmos injustificáveis, espedaçaram os grilhões do cativeiro, naquela luminosa campanha pela Redenção dos negros.

São êsses inesquecíveis gestos de generosidade sem par que consagram, nos fastos de um povo, a nobreza e a beleza orientadoras das aristocracias, que se formam à custa da própria integridade d'alma.

Quis falar-vos, nesta festa, em que damos início às comemorações do cinqüentenário do Instituto do Ceará, do culto à

tradição, de que êste emérito grêmio se ufana de ser guarda vigilante e amorável.

As atividades empreendidas, em tão considerável lapso de vida social, têm-nos proporcionado honroso e efetivo intercâmbio com os centros literários e científicos do País e do estrangeiro.

Tornam-se destarte conhecidas, fora dos limites do Estado, as pesquisas e indagações que enaltecem o nome e afirmam o mérito dêste recanto da Federação.

É *magna pars* de tudo o que foi realizado, em todo êsse período, o varão ilustre que envelheceu no trato diuturno dos livros e na investigação beneditina dos acontecimentos relacionados com a nossa história, o sr. dr. Barão de Studart, preciosa relíquia da intelectualidade conterrânea.

Fêz, em França, recentemente, o acadêmico Luís Bertrand o elogio da velhice. "Nunca experimentei maiores gozos espirituais, nunca senti a minha inteligência mais viva, falo, é claro, da inteligência pura" — declarou aquêle celebrado oráculo do pensamento gaulês.

E acrescentou, satisfeito: — "Creio que com a velhice se depura o gôsto, a sensibilidade se afina, ao mesmo tempo que o raciocínio se firma ainda mais. É certo que verifico que outras faculdades anímicas se enfraquecem, como a memória. Mas para que preocupar-me com essa quebra? Vejo apenas que a minha memória precisa de muletas e dou-lhas. Tomo notas e apontamentos mais amiúde. Mas, que vale isso, se o meu espírito se transformou em instrumento de maior sensibilidade, de uma delicadeza, de uma exatidão extremas? O sentimento dêste domínio consola-me de tôdas as perdas".

O que se deu com o imortal Luís Bertrand vemos que se observa com o nosso querido e venerando presidente. No seu pôsto de comando, nesta casa, mantém a mesma regularidade cronométrica e o mesmo aprumo vertical de sempre, sabendo

cultivar a arte de envelhecer com elegância, tal qual o primoroso colaborador da "Revista dos Dois Mundos".

É na pessoa do nosso chefe, por todos os títulos merecedora dos loiros dêste jubileu triunfal, que queremos sintetizar, expressivamente, o êxito da vitória, a justo preço alcançada.

O honrado Govêrno do Estado fêz bem em dar a significação patriótica que a data de 4 de março assinala no calendário da Terra da Luz, tornando êsse dia feriado, entre nós.

O Instituto do Ceará, no exercício do seu infatigável apostolado presente de tranferir ao futuro o patrimônio das realizações do pasado, contribui, de modo brilhante e meritório, para que entre os pósteros fulgure, em claridade perene, o brasão simbólico da nossa altivez e fidalguia de origem latina e cristã!

QUATRO VÊZES SECULAR A MILÍCIA DE SANTO INÁCIO

Há quatrocentos anos, o Mundo contemplou espetáculo verdadeiramente inaudito... Um pugilo de bravos lançou-se ao tentame hercúleo de restaurar a disciplina da Fé, segundo o pensamento da Igreja.

À frente, encontrava-se a figura singular de combativo asceta, possuído de indomável poder de vontade.

A Ordem que fundara merecera a bênção paternal e a aprovação canônica do Sumo Pontífice, Paulo III, na Bula "Regimini Militantis Ecclesiæ".

Desde êsse dia, a terra foi estreita para teatro das ações assombrosas dêsses "homens de ferro", que tudo sofreram para dilatar no Universo o reino de Cristo.

O maior dos nossos aedos cantou os Jesuítas, em estrofes épicas, que jamais se apagarão dos fastos da literatura indígena:

"Eram êles que o verbo do Messias
Pregavam, desde o vale às serranias,
Do polo ao equador...
E o Niagara ia contar aos mares
E o Chimborazo arremessava aos ares
O nome do Senhor!"

Oração proferida na sessão solene do "Instituto do Ceará", em comemoração do IV Centenário da Companhia de Jesus.

O Papa Pio XII, pacìficamente reinante em meio das terríveis tormentas da guerra atual, afirmou, ainda há pouco, que é sabido de sobejo o amor e o aprêço que nutre, no imo do peito, para com os autores de tão imorredouras façanhas.

Dêsse enternecido sentimento do Pai comum da Cristandade, milhões de católicos participam, na passagem memorável da data, quatro vêzes secular, em que foi instituída a benemérita sociedade missionária.

Os sinais dessa milícia evangélica estão repletos, com efeito, de fatos da mais subida significação.

Agiram os organizadores do exército de vanguarda da Igreja, sem a previsão dos altos desígnios da Providência a seu respeito.

No dizer de comentador ilustre — Deus é que planeava, oculta e misteriosamente, a sua obra...

A fundação da Companhia de Jesus é, sem dúvida, um dêsses episódios para que não se encontra explicação natural. Sòmente o influxo da inspiração divina pode justificar cometimento de tão extraordinário porte.

Se remontássemos a muitos anos atrás, encontraríamos na côrte de Espanha um oficial elegante e gentil a disputar entre as aventuras das batalhas e os torneios dos salões, a primazia entre os fidalgos da época.

Às ordens do duque de Najera, partira em defesa da cidade de Pamplona contra as falanges de Henrique d'Albret.

No choque renhido, dera os mais assinalados testemunhos de exímia bravura e firmeza moral.

Estava ali para guardar a cidadela. Resistiria a todo transe, fôssem quais fôssem os perigos, diante da superioridade dos assaltantes daquele trecho da pátria, invadido pelos inimigos da sua nação e do seu rei.

Rendida a fortaleza pela artilharia, os franceses prestaram homenagem ao destemor do guapo militar, que dirigira o com-

bate, de fio a fio, e ali jazia estendido sôbre uma camilha, com a perna direita fraturada a bala.

Inácio de Loiola terminara, assim, a luta desigual.

Nada há de mais nisso. Envolveu, entretanto, um caso tão trivial inefável segrêdo da graça.

Poucos meses mais tarde, aquêle esbelto capitão de Castela estava transformado num peregrino de estrada, a esmolar de pouso em pouso, de cidade em cidade.

Havia, na sua atitude, incompreensível para os conhecidos de outrora, dos dias de magnificência das suas brilhantes paradas de cavalaria, uma espécie de heroísmo desencaminhado, como entendera alguém...

Visionário ardente, povoa-se a sua alma de sonhos, que o conduzem a longas jornadas até Roma, até Jerusalém...

Freqüenta, depois, as famosas universidades, sempre envolto num halo de predestinação, como tangido por inelutável fadário.

Aquêle mendigo de 35 anos apenas empunha, agora, uma gramática e versa compêndios clássicos de filosofia.

Promove reuniões, em salas de enfermaria, nos hospitais e erguem-se contra êle suspeitas que quase o levam das masmorras às fogueiras da Inquisição.

Vai pôsto em liberdade, nada ficando provado contra a ortodoxia das suas doutrinas.

Novamente envolvido em inquéritos, é, ainda, declarado inocente.

Resolve mudar de meio, porquanto se sentia perseguido por ignotas intenções.

De Alcalá, dirige-se a Salamanca, onde não é menos desconfiada a sociedade em que se move.

Transpõe, então, os Pirineus, toma a estrada de Orleãs e chega, afinal, às portas de Paris.

É naquele amplo cenário, que se há de exibir aos olhos de

mundo o estudante retardatário, que, durante ano e meio palmilha os meandros da língua latina, com sofreguidão e tenacidade.

Pela mão de Pedro Fabro, entra para o "Colégio de Santa Bárbara", em busca de estudo de melhor quilate.

O obscuro mendicante exerce em tôrno da sua personalidade atração inexplicável...

Seduz para o tirocínio da pobreza três companheiros dos labôres escolares.

Surge uma celeuma intensa. Procede-se a investigações, para esclarecer dúvidas. Vem, depois, a nova absolvição do temerário aliciador, tão mal sucedido nas suas primícias de proselitismo.

Quem diria, em face disso, que estava reservado, àquele vexilário intemerato da Grande Cruzada da Fé, alargar pela superfície intérmina do planeta o domínio de Cristo, por plagas da América e da África, da Ásia e da Oceania!

Hoje, que quatro séculos foram decorridos da instituição da Companhia, podemos aqui examinar, sem delongas, o valor de tão árduo empreendimento para reduzir povos infiéis.

Nessa investida titânica, Inácio de Loiola, segundo a observação de pensador emérito, teve inicialmente de forjar os seus heróis.

Ouvi dizer — escreveu, numa linguagem de simplicidade encantadora, Edmundo Auger — ouvi dizer ao nosso hábil manejador de homens que a massa mais trabalhosa que teve de plasmar foi aquêle incomparável Francisco Xavier, nos seus começos...

Era jovem, galhardo e nobre biscainho. Tendo estudado com esmêro filosofia e retórica, fazia pouco caso de Inácio, que, a êsse tempo, "vivia pobremente, de esmolas de amigos; nem passava por êle que não troçasse dos seus planos".

Não estava disposto, aquêle gentil-homem, a abandonar os comparsas da roda folgazã, nas suas travessuras faceiras e finos lances de galanteria.

Inácio, por sua vez, não tinha desejo de ceder a ninguém o

colega altivo, desembaraçado e imaginoso, que tanto se celebrizara nos devaneios da inteligência.

Um dia, a fascinação de Inácio empolgou num relâmpago o espírito sequioso de fama do condiscípulo renitente, que se pôs sob a direção incondicional do antigo contendor, em quem reconheceu qualidades de perfeito chefe.

Durara três anos a luta, pertinaz e contínua, para conduzir aquêle navarro de têmpera varonil ao caminho áspero da Verdade.

Os "vândalos do Cordeiro" poderiam asseverar, mais tarde, que nunca teriam empreendido a transformação do globo, se tivessem consultado as luzes da prudência humana.

Por isso, nas circunstâncias mais tormentosas, abandonavam-se a Deus com absoluta confiança, como se a felicidade dos negócios tivesse de vir do Alto, por uma espécie de milagre. Não obstante, punham todos os meios em execução, a fim de alcançar o êxito desejado, como se tudo dependesse, exclusivamente, da sua indústria e operosidade.

Depois da vitória alcançada sôbre Francisco Xavier, o terreno estava aplainado para a realização da sua estratégia.

O primeiro passo foi a oblação de tôda a sua vida, aos pés da imagem da Virgem Puríssima, no Santuário de tanto fervor, situado na vertente meridional de Montmartre, de onde não se apagou a lembrança do martírio de São Dinís e dos seus companheiros.

De lá, daquela colina maravilhosa, os primeiros Jesuítas contemplaram a planície rasa, em que assenta a Cidade-Luz.

Tanta opulência escondia tanta miséria!

A confusão turbilhonante das idéias, das vaidades e das ambições chegava até aos seus ouvidos, como um clamor em prol do desenvolvimento do programa traçado.

Estava em causa, na verdade, a sorte do mundo.

Ou a Igreja, numa reforma intrépida, encontrava a salvação,

ou, na afirmativa de uma autoridade, ver-se-ia envolvida no báratro de uma demolição anárquica.

Tiveram, de antemão, a perspectiva dos fortes recontros nos campos de batalha, desenrolados ao seu olhar de montanheses do infinito, acostumados às grandes alturas.

Quando, ao descer a noite, Inácio e os seus compromissados tomaram o caminho da cidade, traziam resoluções inabaláveis e vinham abrasados no desejo impávido de cumprir a sua missão árdua e fértil em perseguições, tanto de amigos como de inimigos.

Estava delineada a monumental fortaleza da Igreja.

Mas que é a Companhia de Jesus?

Um têrço de tropa ágil, a ocupar a dianteira das legiões mobilizadas de Cristo-Rei, sob uma regra religiosa, e nada mais.

Tropa que se mantém sempre alerta, pronta, a qualquer instante, para todo gênero de escaramuças.

Um Jesuíta, comenta originalmente Paul Doncoeur, não é nada de mais. É um soldado que não tem pêso de bagagem ao empreender a sua marcha...

Alguém já disse, com certo humorismo, que os Jesuitas são homens que se levantam às quatro horas da madrugada, para rezar às oito da noite as Ladainhas de Todos os Santos...

Isso significa, simplesmente, que não existe nada de extraordinário na vida do Jesuita.

A sua regra, acentua um escritor moderno, tem apenas um efeito: — acumular fôrças espirituais e libertá-lo de tôdas as exigências.

Não lhe impõe nenhuma obrigação particular. Prepara-o sòmente para aceitar tôdas as que se fizerem necessárias.

Pregar, confessar, ensinar, escrever, nada é excluído do que possa contribuir para louvor de Deus e bem do próximo.

Voltaire, apesar do seu sectarismo contumaz, traçou estas

palavras cheias da salutar evocação do tempo em que passou num colégio da Companhia:

"Durante sete anos que vivi na casa dos Jesuítas, que vi entre êles? A vida mais laboriosa e mais frugal, tôdas as suas horas ocupadas entre os cuidados que nos prodigalizavam e os exercícios da sua profissão austera.

Como eu, podem atestá-lo milhares de alunos. Não haverá um só que se atreva a desmentir-me".

A citação do filósofo de Ferney é, seguramente, de reconhecida eloqüência.

"Nenhuma sociedade religiosa, sem exceção, se pode orgulhar — escreveu d'Alembert — de um tão vasto número de homens célebres nas ciências, nas letras e nas artes. Quase não há uma classe de escritores em que ela não conte sumidades autênticas".

Nos "Exercícios Espirituais" encontrou Santo Inácio o pábulo da perfectibilidade para os seus discípulos.

Êles representam bem, com tôda a certeza, o cerne da Congregação.

Êsses "Exercícios" — sentenciou o douto padre Ravignan — não são o nosso instituto, mas são a sua alma e a sua palma.

Sôbre os "Exercícios" disse Edgar Quinet: "A obra que encerra todo o seu segrêdo, obra extraordinária, verdadeiramente fascinadora que se confunde com a sua vida, é o que Tácito chamava os Arcanos do Império... Estamos aqui no próprio manancial originário da Companhia".

Para o alemão Boehmer, êsse livro minúsculo, a pesar das suas diminutas proporções, é dos que decidiram dos destinos da humanidade.

Foi êsse compêndio de sínteses surpreendentes que fêz do Jesuita o cavaleiro andante das partidas heráldicas, para dilatação crescente do reinado social de Jesus Cristo.

A vida que leva não tem, como afirma abalizado psicólogo

contemporâneo, nem as longas contemplações dos Cartuxos, nem o ofício, as penitências e o silêncio dos Cistercienses, nem a pompa da Liturgia dos Beneditinos.

Não seria nada, não teria sentido algum, se não fôsse isto: um amor ardente, demonstrado pelo serviço total do Pai Celeste na Companhia de Jesus, às ordens da Igreja e do seu Chefe, sempre como Êle quiser, quando Êle quiser e enquanto Êle quiser...

Em qualquer conjuntura, o Jesuíta traz consigo, na expressiva alegoria do padre Guigues, o Crucifixo dos seus votos...

Por isso êle é sempre aquêle padre calmo, santo, sobranceiro, o Piaga do Amor, de que nos dá luminoso perfil, em versos lapidares, o cantor dos escravos.

Diante do bugre iracundo e feroz, falava sorrindo:

"Irmãos, eu vim trazer-vos minha vida. Vim trazer-vos Jesus!"

E quantas vêzes a voz do mártir sôbre a fogueira, *murmurava ungida, entre o fumo e a luz*:

"Ó morte, és o viver!"

Mas isso não é fantasia da inspiração poética, neste ardente clima dos trópicos.

No Canadá ou na China, às margens do Zambeze ou do Ganges, a fibra é sempre a mesma.

São os couraceiros de aço que o solitário de Manresa soube fundir no cadinho purificador da meditação nos mistérios da Cruz.

Todos possuem a mesma têmpera do invicto padre Brebeuf, trucidado pelos iroqueses, entre requintes de perversidade, e que "sofria como um rochedo"...

A imensa extensão do território brasileiro foi palmilhada pelas sandálias do Jesuíta, desbravador das selvas e do coração das gentes.

Aos seus passos, nasciam escolas e capelas. Como por en-

canto se aldeavam os aborígenes missionados, surgindo da flora virgem os primeiros centros de atividade intelectual.

Ouçamos a opinião acatada do distintíssimo e aristocrático escritor Eduardo Prado, sôbre a ação da Companhia de Jesus, no Brasil:

"A obra dos Jesuítas faz a admiração de todos os historiadores. São milhões e milhões de sêres que viviam como feras e cujos descendentes hoje vivem como homens. São rios, lagos, montanhas e planícies revelados ao mundo por êsses inumeráveis viajantes da Companhia, que eram santos, geógrafos, escritores, historiadores e naturalistas e cujas obras sôbre as novas terras formam, por si sós, bibliotecas, que a posteridade relê, aprendendo".

É por isso que o eminente Capistrano de Abreu, o maior conhecedor da nossa evolução etnográfica, fêz sentir que não se pode escrever, em separado, a História do Brasil, tão entrelaçada ela se encontra com a História da Companhia de Jesus.

Por outro lado, o conspícuo Barão de Studart, nome que nesta casa se pronuncia com a reverência e a saudade de um culto de afeição inextinguível, considera a consolidação do domínio colonial português, neste hemisfério, fruto legítimo da abnegação e do sacrifício dos descendentes de Santo Inácio.

Quem poderá, com efeito, avaliar ao justo o esfôrço sem par dos palinuros da Civilização, que prepararam a rota franca à vitória do Cristianismo, nas possessões do Império?!

Quem será capaz de somar as fadigas extenuantes, os gestos de altruísmo, os assomos de caridade dos edificadores do monumento de Pátria unida e bela, livre e forte, qual é a nossa, arrancada à selvageria dos costumes e à rudeza dos sentimentos dos habitantes primitivos desta extensíssima Índia Brasílica?

Em nosso rincão, na altaneira Ibiapaba, caiu fulminado um dêsses artífices ciclópicos da construção da Nacionalidade.

A ousadia do padre Francisco Pinto, afrontando, por amor

da catequese, as iras dos temerosos tocarijus, teve por comovente epílogo a morte trágica dêsse valoroso Jesuíta.

Depois de haver conseguido a pacificação dos habitantes da zona do Jaguaribe, partira para as fronteiras do norte êsse sacerdote tão conhecido e estimado dos índios da capitania do Ceará, em cujo sertão, nas mãos dos gentios tapuias, deu a vida, segundo o depoimento de Simão de Vasconcelos, *em uma gloriosa missão de obediência.*

Êsse padre Francisco Pinto, o "heróico Amanaiara" das crônicas de então, com o seu não menos intrépido companheiro padre Luís Figueira, mais tarde igualmente devorado, conforme assevera Vicente do Salvador, pelos selvagens aruãs, na ilha do Marajó, selou com o sangue do martírio a primeira página da nossa epopéia na marcha para o Oeste.

Ensina Varnhagem que a Companhia de Jesus disseminou os seus arautos por tôda a imensidão do País, e, com isso, favorecendo a unidade do seu ministério sagrado, concorreu, poderosamente, para assegurar a do Brasil, "entabolando mais freqüência de notícias e relações de umas vilas para outras, e contribuindo, com as pacificadoras palavras do Evangelho, para estabelecer a fraternidade entre os habitantes das diferentes capitanias".

A essa magnífica e sólida estrutura da maior organização política e social do Continente — a obra dos Jesuítas em Terra de Santa Cruz — quer render o Instituto do Ceará, nesta empolgante solenidade pública, o seu preito de glorificação e reconhecimento.

Outrora, quando as matas intrincadas cobriam as planícies do litoral, fechando as portas das florestas à penetração de pés estrangeiros, os filhos de Santo Inácio abriram as cortinas verdes das selvas às entradas das bandeiras civilizadoras.

Iam à frente aquêles campeões da Igreja, desempenhando o seu papel de vanguardeiros do progresso e da religião.

Pacificado o ambiente pela missão aventurosa e diplomática, chegavam depois os elementos da colonização.

Em tôrno de cada ermida, encimada pelo símbolo da Redenção, constituía-se logo o aldeamento, — germe vivo de uma futura colmeia humana...

Assim nasceu a nossa opulenta Pátria, cristã e latina, com a predestinação de mais largas vitórias, ainda, no campo de horizontes sem têrmo da liberdade espiritual e das prerrogativas jurídicas.

Tudo isso teve por ponto de partida a superior direção dos Jesuítas, que, no conceito exato de preclaro sociólogo patrício, desde Montesquieu até Augusto Comte, tem recebido a admiração de todos os gênios e os insultos de todos os ignorantes!

Êste sodalício de homens de estudo, fiéis às tradições inapagáveis do nosso passado histórico e das nossas conquistas geográficas, não podia nem devia ficar silencioso, quando se comemora a passagem do IV Centenário da Companhia de Jesus.

A minha palavra, neste momento, é o eco da gratidão profunda do nosso povo ao esfôrço sobrenatural dos que moldaram a Nacionalidade no crisol da honra, da paz, da justiça e da ordem.

Traduz a solidariedade moral e cívica da raça aos júbilos dêsses infatigáveis e denodados operários de Deus, que, por disposição do Altíssimo, celebram a sua festa magna com lágrimas de sofrimento e emoção.

A guerra bárbara submete a família de Santo Inácio, nesta hora crítica da existência universal, nos países conflagrados, aos mais angustiosos padecimentos.

Uma sombra de mística tristeza desce sôbre o painel das comemorações, motivadas por tão justo e notável acontecimento.

É que as alegrias dessa tropa de choque da Igreja foram, desde as suas origens, misturadas com o fel da esponja que tocou os lábios do Mestre Divino, no Calvário.

Duros e amargos, como no comêço, são ainda hoje os dias dos discípulos de Loiola.

O Instituto do Ceará bendiz a auréola inofuscável que, há quatro séculos, envolve dos resplendores deslumbrantes da santidade e do heroísmo a perseverança imortal dêsses apóstolos do Senhor nas pugnas, sem remissão e sem tréguas, pelo ideal sublime da maior glória de Deus!

O MUNDO SEM ESPÍRITO

A vida, hoje em dia, vem perdendo muito do seu antigo sabor. Não reponta, no homem, como outrora, a alegria espontânea, nem mesmo na mocidade. O semblante das turbas é carregado e sombrio. Há sintomas de enfastiamento da existência, apesar da preocupação existencialista, no domínio da filosofia. Entretanto, o século das luzes possui, sem dúvida, bem maiores atrativos do que a velha idade, quando não se contavam com tantas descobertas admiráveis, delícia e confôrto do tempo atual.

A razão será, numa indagação objetiva, que sòmente se cogita das coisas da matéria e vive-se num mundo sem espírito. Perguntava, há pouco, François Mauriac, um dos pares da Academia Francesa: — "Lendo os doutores da nossa época, não sentis, logo ao vivo, a imbecilidade — de causar calafrios — de um mundo sem alma?"

Ah! A falta de Deus nas consciências produz, com efeito, visìvelmente, esta esterilidade da alegria e da inteligência. Quando se quer demonstrar contentamento é fazendo barulho. Não há encanto, mas atordoamento, nos fortes ruídos. A verdadeira alegria é alguma coisa de discreta e suave, em suas expansões, em sua íntima satisfação.

Também, quantos mal educados e pervertidos julgam que a graça reside na pornografia. Que engano!

Lembro-me, nesta altura, da advertência salutar de Etienne Gilson: — "Não estragueis a alegria das almas boas e simples!"

Realmente, não devemos degradar os sentimentos da felicidade, com baixezas que fazem corar as faces e enojar os corações.

O escritor Jules Romain, membro da Academia Francesa, traçou uma página cintilante sôbre o papel do espírito nas relações humanas. No dizer daquele psicólogo, precisamos não permitir que a influência espiritual seja uma influência subalterna, difusa e a longo prazo... De que serviria um couraçado formidável — indaga êle — provido de todos os últimos aperfeiçoamentos, a navegar no mar alto, sem ponte de comando e sem estado maior? É o que lhe parece a nau da Civilização, em meio de tantos progressos, mas destituída do senso de orientação, dos valores do espírito. Acha êle, ainda assim, a imagem um tanto fraca. Seria necessário desenhar, além disso, no fundo do barco, um bando de marinheiros embriagados que acendessem um grande fogo junto aos paióis de munições. Vejam a situação alarmante de quem se encontra no batel da vida, quando deserta do seu bôjo o comando do espírito, tudo ficando à mercê de insubordinados irresponsáveis, entontecidos pelas paixões. A patuléia sem chefe...

É, por ventura, esta intuição do perigo que abala o equilíbrio do Direito das Gentes.

Aí, está, como se "bogotou", de uma hora para outra, na Colômbia, a segurança e a paz de um povo honesto e tranqüilo...

Tomás Brena, no seu oportuno livro — "A Tragédia Atual" — acentua que o mal maior do nosso século está em que se aprende nada da história vivida com tanta dor e tantos mortos. A política — diz êle — não explica a economia e não a explicam as três individualidades, indubitàvelmente poderosas, que têm a Europa à beira do seu abismo... A História é o homem. Se se quer melhorar o mundo será indispensável, em primeiro lugar, melhorar o homem. Tudo o que se pode esperar de mais perfeito, de mais benéfico, de algo novo, arquitetado para um porvir de bênçãos, acha-se contido dentro do homem mesmo...

Disse Berdiaeff, autorizadamente, ser execrável para o destino humano, o imperialismo tecnicista, que sobrepõe, numa inversão nefasta da ordem racional, o endeusamento da máquina, elevando-a à categoria de subordinamento dos valores do espírito. É ainda aquêle pensador russo, uma voz que agora se extinguiu, no exílio, quem declarou: — Karl Marx, fundador da dialética materialista, que horroriza o mundo, eliminou do socialismo todo elemento ideal. Foi êste o seu crime intelectual, sua traição à classe operária...

O resultado da sua obra sinistra temo-la diante dos olhos no quadro impressionante da sangueira e da escravidão de tantos povos sujeitos à pior condição moral de todos os tempos. No juízo de um comentador patrício, Luís Delgado, professor da Faculdade de Direito da Universidade do Recife, tomou conta dos habitantes da zona do silêncio, sôbre a qual desceu a cortina de ferro da URSS, uma espécie de alienação, uns a fugir, outros a perseguir.

É que, na consideração de Rickert, naquele ambiente tenebroso, os ideais da cabeça e do coração cederam lugar aos ideais do estômago e dos instintos.

Nada deve assombrar se, dêste ponto de vista, conclui êle, aparece, em última análise, a evolução de tôda a humanidade, como uma luta pela melhor estrebaria... Corre em Viena, depois dos acontecimentos dramáticos da Tchecoslováquia, esta anedota:

Um cão austríaco, magro e friorento, encontra na fronteira anafado mastim checo que pretendia entrar no território do vizinho país.

— Não venhas para cá — adverte o mísero rafeiro austríaco — Aqui não há nada que comer.

— Mas ao menos deixar-me-ão ladrar, respondeu o cão chescolovaco... E atravessou a fronteira...

A situação de amordaçamento da palavra sufoca os povos

sovietizados. As multidões que se deixam arrastar pelos déspotas contemporâneos são vítimas da fatalidade do meio.

Se alguns crêem nos seus ditadores, é porque quando não se possui uma crença superior, iluminada e forte, acredita-se em idolatrias estúpidas... Quem não adora a Deus, rende culto a feitiços, já dizia De Maistre.

Discutiu-se muito, no século passado, e continua-se a debater no atual, o problema das relações entre a ciência e a religião. Não falta mesmo quem, tendenciosamente, haja pretendido apontar, entre elas, uma incompatibilidade radical... A êsses chamou, há pouco, na Europa um publicista mordaz — os românticos da ciência. Êles porém não enxergam as coisas através do prisma da realidade. Tanto assim, que, por tôda a parte, desde o grito de alarma de Alex Carrel, se começa a apelar para a moral, o que quer dizer, para a religião, como solução única aos enigmas que as últimas descobertas científicas vieram trazer à consciência humana... Repetimos, com um luminar da sabedoria contemporânea: — "para a moral e, portanto, para a religião". De fato, quem diz moral, diz necessàriamente religião, ou seja "a subordinação do homem a Deus, no qual a moral encontra o seu fundamento verdadeiramente universal, teórica e pràticamente insubstituível".

É por isso que, presentemente, se apela, a cada instante, para a responsabilidade da ciência, na orientação das conquistas do homem. Que perigo e que lástima entregar à impiedade, e ao ateísmo sem escrúpulos os inventos que revolucionam os meios adiantados da cultura e do progresso!

Já disse alguém que aquêles que se têm na conta de sábios são tentados a se considerarem e a querer se os considerem em lugar proeminente, na escala moral da humanidade. Vê-se a cada passo, todavia, quanto, infelizmente, desmentem os acontecimentos quotidianos êsse preconceito e essa presunção. Os bugres da África são, por vêzes, mais sensíveis às advertências do

fôro íntimo do que os mais puros arianos, pioneiros dos maiores portentos da Civilização da nossa época.

Ainda na última guerra, tivemos a comprovação monstruosa dessa tese e vimos que a crueldade e a ciência andaram de mãos dadas, através do cenário de tão apavorantes horrores. Se romper uma terceira conflagração no mundo, já se nos afigura ela uma hecatombe apocalíptica, com o emprêgo da arma infernal — a bomba atômica e tôda uma série de explosivos tremendos ligados à desintegração da energia nuclear.

As mesmas observações e leis biológicas — comentou um cronista de além mar — tanto podem inspirar a dedicação cristãmente edificante de um Pasteur, como as horríveis experiências de Struhof ou os crimes hediondos do dr. Petiot...

Se a ciência é desprovida de significado moral, naturalmente aberra dos princípios da honra e desconhece os imperativos do dever...

Tôda atividade do homem, necessàriamente, implica em valor moral. Êste valor — como é óbvio — o fato científico, só por si, não possui. É o homem quem lho comunica, segundo ensina a palavra de fé e de luz dos arautos da verdade católica.

De bem pouco serve o progresso, declarou Vauvenargues, se não se tem alma... Na imagem poética de Taine, a fé na vida do espírito é o par de asas que nos eleva acima de nós mesmos, às regiões do Infinito!

Ainda agora mesmo, a "Comissão Internacional sôbre os Recursos Morais e Espirituais da Humanidade", numa mensagem à Conferência de Unidade para a Paz, à qual assistem representantes de todos os pontos do planeta, assegura que o problema mais grave que faz frente ao mundo é a derrocada moral no seio dos povos. William Chung, representante da China e Presidente daquela assembléia, afirmou que há bem poucas esperanças de se resolverem tantos problemas relevantes, a menos que se volte à plena observância das normas éticas tradicionais.

O Presidente Truman, em carta memorável ao Sumo Pontífice Pio XII deixou escritas estas observações lapidares: "Creio que a maior necessidade dos tempos que correm, base de tudo o mais, é o renascimento da fé. Quero marcar com estas palavras a renovação dessa crença na dignidade e valor da pessoa humana, para que os direitos do indivíduo, nas suas relações com Deus, sejam respeitados, em tôdas as nações.

Ha que robustecer a Fé na Verdade e na Moralidade. Por meio desta Fé realizar-se-ão os desígnios do Altíssimo nos corações e nas ações dos homens.

Creio, com tôda a minha alma, que os que não reconhecem as suas responsabilidades perante Deus, não podem cumprir com exatidão os seus deveres para com os seus semelhantes. A grande cruzada — conclui o chefe da maior Democracia do Globo — é fazer urgir e vigorar a Fé nos valores eternos, sem dar atenção aos obstáculos que existem ou podem se erguer ao longo do caminho". Estas desassombradas e incisivas admoestações contêm uma lição de alta sociologia e da mais profunda eficácia, aquela lição que nos deu o Pastor Angélico: — a Justiça abre o caminho da Paz com a fôrça da razão, não com a fôrça das armas! *Opus, justitiae pax*... Duas grandes fôrças, em verdade, dominam o mundo: o braço e a inteligência, a ação e o pensamento, ensina o Cardeal Cerejeira.

Sirvamo-nos dêsse elemento conjunto para proporcionar à sociedade o bem e a segurança que ela espera de vinte séculos de Civilização! A Fé desanuvia os horizontes das brumas do temor. A dúvida é que faz os combatentes hesitarem. O nosso tempo exige ânimo sem vacilação e sem mêdo; homens de fé! Deixem que se assustem os pusilânimes e os covardes. Há espécies de timidez, como lembrou o Cardeal Saliége, que fàcilmente redundam em traições. Urgem batalhadores, à altura das circunstâncias excepcionais da hora que vivemos. Batalhadores confiantes na vitória e na projeção da luta até o limiar da Eternidade. Per-

guntamos aos transigentes e dúbios, nesta encruzilhada difícil, como indagava Vieira: — Homem, onde está o teu entendimento? É possível que, em face do que se estende diante dos olhos, não se aperceba ainda a atitude a assumir, em defesa do patrimônio de cultura e de honra da Humanidade? Não é admissível tal indecisão em frente da barbárie. Rui Barbosa clamou bem alto contra a neutralidade entre o Direito e o Crime, entre a Liberdade e a Tirania. Os que vacilam, nesta emergência, como muito bem disse o ilustre prelado colombiano, Monsenhor Caycedo, não são homens de princípios, mas de fins... É para isto que a Fé existe, como escudo do caráter, como estimulante e sustentáculo da coragem.

O exemplo de luminares da ciência, de um Pascal e de um Ampère, de um Descartes e de um Newton, demonstra a necessidade, que hoje temos, para dar solução às questões gravíssimas da atualidade, de um regresso à firmeza de convicções morais, indispensáveis para a jornada penosa em prol da conciliação entre as classes e da harmonia entre os povos. "Homem de bom saber" chamava-se na Renascença aquêle a quem a verdade libertava dos erros e chicanas dominantes. Chamemos, em nossa época, homem de fé intrépida o que arrosta as superstições e sofismas que criaram na atmosfera intelectual o clima de envenenamento da mentalidade contemporânea.

O insigne publicista brasileiro, Carlos de Laet, disse, profèticamente, ainda quando se esboçavam os negrumes da tempestade que hoje sacode os quatro ângulos da Terra: — "Ou a Humanidade volta ao Decálogo, ou se esbarrará na dinamite"... Já passou a fase das explosões que punham em risco apenas a pessoa dos reis, dos presidentes de repúblicas ou dos seus ministros. Por se ter desprezado a lei de Deus, chegamos ao período bem mais sério da "partícula mesão" encontrada pelo cientista brasileiro dr. César Lattes e que estupefaz os meios estadunidenses pela maior extensão dada à potência da energia

cósmica. Não são apenas, como previa o jornalista patrício, um governante e o seu séquito que podem sofrer as conseqüências do esquecimento e da negação do Criador. É a humanidade inteira que se vê à margem de um sorvedouro de morte. Tais são os efeitos dos ultrages à santidade divina. Bem previu o velho Victor Hugo que a Fé haveria de ser para os homens êste puro facho que afugenta o terror, esta palavra de esperança, escrita na última página da vida, êste batel, no qual pode salvar-se a tripulação do mundo...

Crê, espera, ama e serás forte, clamava Savanarola, a quem Felix Vernet denominou uma das grandes figuras da História, — um gênio — o gênio da inteligência e da santidade! Esta fórmula é a fórmula cristã de dar alma ao mundo!

PADRE ANCHIETA — PRIMEIRO MESTRE

Fêz notar ilustre sociólogo brasileiro, Eduardo Prado, que os cem anos que medeiam entre a descoberta da América e a data da morte de Anchieta, constituem uma época decisiva na História da Humanidade.

O Apóstolo do Brasil nasceu sob o signo da mais agitada e comovedora pugna pelo triunfo e pelo brilho do Cristianismo. Tinha de ficar patenteado, naquelas pelejas memoráveis, que a Igreja não soçobraria ao choque da Renascença pagã, nem a revolta de Lutero teria outro efeito que o maior cuidado do Clero pela correção dos abusos humanos.

De todos os fatos singulares daquele período social tão fértil em renhidas batalhas pelos direitos de Deus, queremos aqui, nesta semana de estudos, dedicada a Anchieta, na sessão magna que o Instituto do Ceará lhe consagra, examinar, de rápido, a epopéia ciclópica da cristianização dêste enfeitiçado recanto do Orbe.

É preciso, em tão favorável oportunidade festiva, despertar na memória do povo, a lembrança sugestiva das nossas origens, para que se compreenda não ser possível apagar os luzimentos da catequese, sem lançar sombras espêssas sôbre os fastos da Nacionalidade.

As vozes dos crentes e dos patriotas clamam, desde o mais longínquo passado, pela harmonia e colaboração entre as fôrças de renovamento espiritual e material do País, para que êle não fuja da própria realidade, arrastado por êsse laicismo irracional

que, no dizer de eminente historiógrafo contemporâneo, em cada pedra do caminho encontrará um pretexto e em cada padrão, um remorso...

Nesta hora da homenagem coletiva da Terra de Santa Cruz ao seu primeiro mestre, acordem as consciências adormidas, as almas até agora indiferentes aos clamores da justiça, e vejam que as glórias mais altas da Pátria estão confundidas com os feitos mais significativos e insinuantes da Religião.

A hostilidade movida pela ação do agnosticismo ao apostolado da Igreja é, do mesmo passo, grave ofensa a Deus e forte ingratidão aos imensos benefícios prestados, sob os auspícios do Céu, por Anchieta e os seus colaboradores admiráveis, à obra da Civilização em nossas plagas.

Saímos da "infância bárbara" pela mão do venerável taumaturgo que, entre os seus maiores prodígios, conta êsse de transformar, ao influxo de sua mansidão e humildade, a natureza selvagem em centros de progresso e núcleos de cultura, ao ritmo da inspiração cristã.

Como se sabe, nasceu Anchieta em Laguna, na ilha de Tenerife, do arquipélago das Canárias, a 19 de março de 1534. Estudou em Portugal, na Universidade de Coimbra, ingressando aos 18 anos na Companhia de Jesus — êsse ninho de águias possantes que a Igreja construiu nas elevações cimeiras do monumento multissecular da sua organização divina, e de que o santo evangelizador das selvas americanas é um real exemplar.

Ao jovem e ardente filho de Santo Inácio se antolhou vasto campo de experimentação do seu fecundo ministério, no desbravamento das almas rudes dos aborígenes desta parte do globo, que Colombo acabara de fixar em meio do Oceano tenebroso.

Tinha razão Saint Hilaire de se encher de vivo entusiasmo pelos feitos gigantescos dos exploradores da solidão verde das terras de Vera Cruz.

O drama épico da formação da Nacionalidade está repre-

sentado naquele período excepcional da nossa existência histórica, em pleno século XVI, quando o Brasil era a estreita faixa litorânea extremada pelo meridiano de Tordezilhas. Prevalecesse aquela linha divisória e na judiciosa observação de emérito escritor patrício, tôda a Amazônia, todo o Mato Grosso, todo o Rio Grande do Sul e grande parte de Goiás, São Paulo, Paraná e Santa Catarina pertenceriam à Espanha.

É ainda Saint Hilaire, celebre naturalista francês, menos encantado pelas maravilhas das nossas paragens do que pelos heroísmo das nossas façanhas, quem proclama, insuspeitamente, a sua estupefação, comparando as canseiras, privações e surprêsas que aguardam, ainda hoje, o viajante aventureiro, ao penetrar estas ínvias regiões, com as exaustivas e ásperas travessias das nossas matas primitivas. Era o espírito de resignação e de coragem insuflado pelo incomparável Anchieta e os seus companheiros de labuta evangélica, que fortalecia o ânimo intrépido dos bandeirantes, a quem se deve o avanço das balizas da Pátria.

O genial dinamizador das energias morais da raça, cuja figura realça, neste quadrante do Planêta, os fatos mais fúlgidos do tempo, — no despretensioso registo das crônicas, "curava doentes, ensinava a ler as crianças, e pregava a Religião aos gentios, e compunha cânticos e, nas horas de perigo, comandava tropas guerreiras". Porisso os índios viam, no seu semblante plácido de homem de Deus, reflexos dos fulgores do Céu. Chamavam-no *Pagé-o-Assu,* em virtude do prestígio da sua pessoa, cuja palavra convincente e cujos modos cativantes "tinham o poder de prender mais do que podiam fazê-lo, na expressão de um seiscentista, as cordas mais fortes".

A influência avassaladora do audaz caçador de almas, pelas brenhas inóspitas das florestas virgens, não desapareceu com a sua morte. Euclides da Cunha, numa observação tão própria do seu espírito investigador da trama que entretece a verdade regionalista, asseverou que o nome de Anchieta tem na nossa terra

a propriedade de fundir tôdas as crenças e opiniões numa veneração comum.

"Por tôda a parte — escreveu êle magistralmente — em tôdas as situações de uma carreira longa e brilhante, como simples irmão ou no fastígio do provincialado, enfeixando nas mãos poderes extraordinários, não há um salto, um hiato, um acidente ligeiro, perturbando a continuidade da sua existência privilegiada de grande homem, útil, sincero e bom".

O autor de "Os Sertões" referiu-se, é claro, às pessoas de compostura, a refletirem o conceito unânime da consciência nacional, em tôrno da individualidade invulnerável dêsse *Atila da Fé*.

Não quebra, portanto, a harmonia do consenso de exaltação do missionário providencial que, na pinturesca idealidade de um publicista patrício, ninou o Brasil, embalando-o suavemente, fazendo-o crescer à sombra desta árvore maravilhosa que é a Igreja Católica, o insulto alvar de algum energúmeno desvairado pelo ódio ao Bem. Essa voz discordante não faz eco, afunda na ignomínia da paixão soez de onde tenta em vão altear-se... E o perfil luminoso de Anchieta se projeta na imensidão do espaço e na plenitude do tempo, como o nume tutelar das plagas que civilizou, a despertar, em todos os corações palpitantes de amor ao Brasil, nestes quatro séculos de marcha batida para as cruzadas do Porvir, os mais justos e generosos movimentos de consagração patriótica.

Entre homens feras e mulheres nuas, na frase lapidar de Simão de Vasconcelos, êste jovem é, conforme frisa eloqüentemente o ilustre Jônatas Serrano, nesse momento dramático e por assim dizer inverossímil da nossa história, o representante de Deus, do Direito, da Cultura, o plenipotenciário da Paz, o mais extraordinário dos embaixadores da verdadeira Civilização, o primeiro dos grandes educadores do Brasil.

Não fundou sòmente, antes de qualquer outro, um colégio, o

de Pirantininga, onde aprenderam a ler os filhos dos selvícolas, mas também o hospital de misericórdia do Rio de Janeiro, onde se abrigavam os enfermos ao desamparo. Cuidava das almas e dos corpos, com a mesma caridade bebida no perene manancial do Evangelho.

Escritor, naturalista e poeta, foi, no julgamento geral dos críticos, o iniciador da literatura brasileira. Desde os primórdios dos seus estudos na Europa, quando cursava dialética e filosofia na Universidade, revelava sensível temperamento artístico, sendo recebido, com pouca dificuldade, no noviciado da Companhia "pelas muitas esperanças que dava, segundo documentos da época, com a sua boa índole, muito engenho e felicíssima memória".

Nas praias de Iperoíg, prisioneiro em mãos dos Tamoios, deu a lição soberba de desprendimento da vida, por amor de Deus e da adotiva Pátria, cuja integridade assegurou. Entre tantos perigos, de que se viu rodeado, voltou os olhos para a Virgem Puríssima e encontrou nela a âncora da salvação.

Como são lindos, mesmo depois de traduzidos, êstes versos, escritos por êle em latim clássico, ao som das ondas, nas areias movediças, e gravados, em seguida, no mármore da sua lembrança:

Eis o que eu, neste dia, ó Mãe Celeste,
Te jurei com amor;
É o teu canto que amansou do inimigo
O vesano furor.

Enquanto entre os Tamoios conjurados
Jovem refém de paz,
Eu procurava apaziguar a raiva
Do índio fero e audaz,

Ó doce Mãe, o teu amor materno
Ao meu olhar sorriu,
Tomou-me pela mão, e corpo e alma
Com o manto me cobriu.

Era uma luz do Céu! Dores, tormentos
Eu desejei sofrer...
Desejei muita vez, em duros ferros
A morte padecer.

Mas ai! não merecia, eu era indigno,
O meu Senhor não quis;
É aos heróis sòmente que compete
Essa morte feliz!

O Cristo tinha para êle reservada outra missão não menos excelsa e não menos profícua, que a de mártir sacrificado ao tacape do índio revel. Era o apostolado sôbre-humano daqueles titãs de coração mais duro do que o âmago da maçarandubeira, de inteligência mais refratária do que as sombras das moitas intrincadas às claridades radiantes da aurora!

"A cada passo, conforme referências de informações do tempo, achava encontros de almas, que parece não esperavam mais que por êle, ou para o batismo ou para a confissão, e daí a pouco se iam para Deus".

Na sua despretensão de instrumento dócil, empunhado pela Providência, reconhecia-se nulo para a emprêsa que aos ombros lhe pesava. E Machado de Assis, o purista das formas cristalinas, lapidava, em estrofes de ouro, o elogio do humilde servo de Jesus:

Êste que as vestes ásperas cingia
E a viva flor da ardente juventude
Dentro do peito a todos escondia,

. . . . . .

Os cantos de outro clima e de outra idade
Ensinava sorrindo às novas gentes
Pela língua do amor e da piedade.

Era o *claro* Anchieta, de que falava Santa Rita, no "Caramuru", o perlustrador do vasto território, cujas divisas estavam por se determinar, desde os socalcos das serras altivas do Sul aos campos gerais das livres planícies do Norte.

Teve razão Gonçalves Magalhães ao pintar em coloridos fulgurantes a "egrégia heroicidade" do ilustrado varão que "todo se sacrificava ao bem dos homens", para perguntar às gerações sucessivas dos estudiosos da vida nacional:

Que outra virtude a tanto amor iguala?
Que prêmio a tanto amor reserva o mundo?

A fama das proezas preclaras do ínclito apóstolo transpôs terras e mares, e foi repercutir nas colinas da Cidade Eterna. Sôbre Anchieta recaíram as árduas responsabilidades de Provincial da Companhia de Jesus, nos domínios do Brasil.

A nomeação só surpreendeu a êle, na afirmativa justa e sóbria de Capistrano de Abreu.

"Em tôda a Província — comenta o provecto historiador conterrâneo — ninguém o igualava em crédito. A Roma chegaram como pregoeiros suas próprias cartas, tão instrutivas sempre que podia forrar-se dos padrões obrigatórios, e as impressões levadas por Inácio de Azevedo deixaram-no assinalado".

Fernão Cardim, numa epístola histórica sôbre esta Índia Brasílica, traça em linhas originais o seu primeiro encontro com o Provincial:

"O padre vinha de trás, a pé, com as abas da cinta, descalço, bem cansado; é êste padre um santo de grande exemplo e oração, cheio de tôda a perfeição, desprezador de si e do

mundo, uma coluna grande desta Província, e tem feito grande cristandade, e conservado um grande exemplo: de ordinário anda a pé, nem há retirá-lo de andar, sendo muito enfêrmo. Enfim sua vida é *vére* apostólica".

Das cartas e escritos de Anchieta, editados pela Academia Brasileira, há apenas um ano, em homenagem ao semeador do Evangelho entre os tapuias, dissera Capistrano que a sua divulgação em livro constituía uma dívida do Brasil, que não comportava moratória.

Foi, no julgar de Afrânio Peixoto, aquêle tributo de aprêço da mais alta côrte intelectual do País ao Apóstolo do Brasil uma oração pela Pátria, a quem êle deu a vida, o trabalho das suas ininterruptas canseiras, o ardor da sua inteligência transbordante de amor de Deus, as prendas do seu coração inflamado num zêlo inaudito pela satisfação das almas. Nesses documentos enfeixados num grosso volume de mais de quinhentas páginas, em bom formato, há preciosas lições da nossa História, sem exageros de fantasia, sem omissões insinceras ou cavilosas, história de primeira mão, no conceito de um escritor atual, história viva e palpitante, "por quem a fêz e a escreveu".

Já houve mesmo alguém a assinalar, com tôda procedência, que êsse informante da terra, das plantas, dos bichos e dos índios, compara-se e excede aos melhores, antes e depois dêle.

Pero Vaz, Vespúcio, Pero Lopes, Hans Staden, Gondavo, Nóbrega, os Jesuítas das "Cartas Avulsas", Fernão Cardim... têm em Anchieta, conforme proclama com elegância a introdução do citado livro da Academia de Letras, um competidor que os ombreia e sobreleva: Até o seu tempo, antes do Tratado Sistemático, o inventário descritivo de Gabriel Soares — nenhum o excedeu, descrevendo o Brasil e os Brasis!

Estamos, por conseguinte, nesta reunião magna do Instituto do Ceará a render, mui merecidamente, o preito da nossa imensa admiração, mais do que isso, o testemunho consciente da nossa

gratidão imarcescível não sòmente àquele que delineou páginas inesquecíveis dos anais da Nação, mas ainda àquele que realizou feitos portentosos da nossa existência cívica, ajudando a formar o caráter do povo dentro dos moldes eternos da nossa constituição moral.

Instituição de alta cultura, dedicada ao exame profundo das interpretações e das investigações do nosso maravilhoso passado, não podia deixar que decorresse em silêncio, dentro do seu grêmio, a celebração nacional do IV Centenário do Padre José de Anchieta.

O Barão de Studart, que encarna, na sua figura veneranda, as mais caras tradições desta casa, consagrada ao culto do patriotismo, nos incita, em memorável conferência sôbre os Jesuítas, pronunciada há alguns anos no Círculo Católico de Fortaleza, a ver, na consolidação da ingente obra colonial dos portuguêses neste Continente, o gênio diplomático do humilde evangelizador das nossas matas.

Não fôra a intervenção pacífica, entre as tribos ferozes em armas, daquele *Piaga do Amor*, de que fala o poeta imortal dos pescadores de almas para o Cristo, dos Vândalos sublimes do Cordeiro, dos homens de ferro, batedores da matilha de Deus, e, na frase de Southey, citada pelo historiógrafo cearense, seria hoje francesa a capital do Brasil.

Ante êsse episódio deslumbrante do delineamento da nossa configuração geográfica em território íntegro, onde mais tarde viesse a crescer êste grande povo cristão, pergunta o erudito e querido presidente desta associação científica:

"Que brasileiro há por aí que o desconheça ou não lhe admire e venere a memória?"

Como o Barão de Studart, eu também não compreendo, nem o compreenderá, por certo, nenhum conhecedor das nossas lutas seculares pela conquista desta nossa amada Pátria, indiferença ou desdém pelo sacerdote que escreveu a Cartilha, no di-

zer de alguém, em que os primeiros brasileiros soletraram a Civilização!

Enquanto o padre José de Anchieta granjeou indefectível estima no seio dos seus contemporâneos, desfrutando também, entre os pósteros, insuperável influência, vemos que as iras de uns e as antipatias de outros não cessam de se manifestar contra a Companhia de Jesus, em cuja forja acrisolou o seu caráter de rija têmpera o impávido catequista, a quem estamos aqui enaltecendo.

Houve alguma coisa, por certo, de sobrenatural na flamejante pira de louvores, nessa uníssona celebração dos méritos do valoroso missionário, poupado sempre pelos mais odientos e gratuitos insultadores da congregação, a que pertenceu e de que foi nobre e florido luzeiro.

Inácio de Loiola, asseverou Papini, é talvez o menos popular dos santos... E o notável comentador da Vida de Cristo explica com vagar o seu pensamento: "Santo Inácio, pela sua natureza e pela missão que se elegeu, é, em certo sentido, o mais absolutamente católico dos santos".

Há de ser por esta razão que os perseguidores da fé, os inimigos do Catolicismo não podem tolerá-lo, nem muito menos amá-lo.

A profunda observação de Papini inspirou ao festejado literato castelhano, D. José Maria Péman, autor da laureada obra teatral "O Divino Impaciente", belíssimo estudo sôbre a necessidade de regressarem os espíritos, em nossos dias, ao Catolicismo dêsse santo, que é bem o que se poderia denominar um Catolicismo perfeito, coeso, integral.

Péman, em seu trabalho recente, que despertou formidável entusiasmo na Espanha, pinta com pincel de mestre e a largos traços o esbôço do Catolicismo totalitário do fundador da Companhia de Jesus, nesses períodos lapidares que vale a pena repetir:

"Os grandes santos pesam tanto como a sua época, isto é, tanto como as crises e as angústias da hora em que viveram... Assim, nos dias de São Bento, está em crise a disciplina eclesiástica, e para a enfrentar São Bento exercita e fomenta as virtudes monásticas.

Nos tempos feudais do Poverello, está em crise a caridade e o amor. São Francisco de Assis transmuda-se em Serafim.

Nos dias de São Domingos de Gusmão está em crise a verdade do dogma, e êsse douto padre da Igreja desenvolve o estudo e cria uma legião de teólogos e de pregadores.

Todos êsses santos são redentores parciais de algum aspecto em crise da doutrina ou da vida católica.

Assim os racionalistas diletantes podem satisfazer a sua admiração em mil facêtas amáveis da maneira de ser dêsses defensores da fé.

Na época de Santo Inácio, porém, o que estava em crise não era êste ou aquêle aspecto parcial do credo ou dos costumes católicos; mas sim a própria catolicidade e tôda ela na sua mais íntima essência.

Não bastava para combater essa crise acentuar tal ou qual passagem da crença ou da moral católicas. Havia que reafirmar o Catolicismo inteiro, havia que restaurar de baixo até em cima, a unidade, a obediência e a disciplina da Igreja. Por isso os inimigos do Catolicismo não encontram neste bloco austero de catolicidade, que é Santo Inácio, uma porta ou sequer uma fenda por onde façam penetrar nêle as transigências do seu diletantismo. Por mais que o rodeiem e o observem de todos os lados, esbarram em todos êles com o que odeiam — a Igreja, Roma".

A luta persiste, no desenrolar dos séculos, travada sempre com tenacidade e astúcia renovadas para derruir o depósito doutrinário e moral do Evangelho em conjunto, conforme a caraterística atribuída ao atual ateísmo combativo pelo Sumo Pontífice Pio XI, gloriosamente reinante.

É bem o Catolicismo, em tôdas as suas manifestações, que serve de alvo às armas de todos os calibres, de longo e pequeno curso, porque o que se tem em mira destruir, com sanha implacável, é a ação regeneradora da mestra infalível do Bem e da Verdade, pelo método de paganização dos costumes e das leis.

"Santo Inácio — no conceito de Péman — é por princípio êsse Catolicismo-bloco, sentindo e medindo profundamente a grande crise do seu tempo. É a refutação viva e antecipada de todo êsse Cristianismo laico e humanitário, feito de efusões sem subordinação, e de deliqüescência sem perfil moral. A Santo Inácio há que tomá-lo todo ou deixá-lo todo. Não existe nêle brecha, por onde os sentimentais descrentes entram a julgar da poesia na contemplação das coisas. Inácio é, por qualquer lado que se olhe, tôda a disciplina e hierarquia da Igreja".

A atividade de Anchieta teve por proscênio a vastidão sem limites de um cenário agreste, povoado por hordas antropófagas, longe dos centros de cultura, das bibliotecas, dos meios científicos, artísticos e literários.

Isolado no ambiente aspérrimo da sua catequese, estabelecendo apenas contacto longínquo com a vida de pensamento da humanidade, teve que abrir mão de tôdas as riquezas e confôrto do progresso, em bem da obra de redenção de tantas almas por batizar.

Procurou adquirir virtudes singulares, capazes de vencer a natureza rebelde daqueles bugres, temerosos até nas expansões da própria estima.

Demos aqui a amostra de como falava aos indígenas, na língua nativa, trasladando um tópico do seu relato, quando acompanhava Nóbrega às praias de Iperoíg:

"Visitamos ambas as aldeias e entre êles ia falando em voz alta por suas casas, como é seu costume, dizendo-lhes que se alegrassem com a nossa vinda e amizade; que queríamos ficar entre êles e ensinar-lhes as coisas de Deus, para que Êle lhes

desse abundância de mantimentos, saúde e vitória sôbre seus inimigos e outras cousas semelhantes, sem subir mais alto, porque esta geração sem êste escalão não querem subir ao Céu".

Vemos neste trecho da missiva de Anchieta a linha dominante do seu programa de ação. Tinha que se impor pela promessa dos bens palpáveis, a fim de ganhar as almas, a pouco e pouco, para as efusões beatíficas da graça sobrenatural.

Enquanto o denodado capitão espanhol, ferido na defesa da cidade de Pamplona e rendido mais tarde, no Castelo de Loiola, ao assédio do ideal de vida perfeita, segundo os mandamentos severos do Evangelho, cuidou de elaborar um plano de reforma global dos espíritos pela observância de uma catolicidade sem contemporizações nem transigências, o discípulo destacado para as missões das selvas americanas teve, por dever de ministério, que atrair para o Cristo, com doçuras de palavras e gestos amoráveis os grupos nômades dos habitantes das nossas matas tropicais.

Nêle brilhava a santidade como deliciosa e amena virtude em forma de "magnetismo irradiante", conforme o dizer gracioso de Celso Vieira, impondo-se pela majestade e poesia das suas atitudes.

Não esqueçamos nunca que Anchieta teve por desígnio primordial desenvolver tôda a sua estratégia de agente cristianizador dos selvícolas para encaminhar os corações nos rumos da bondade cristã.

Azevedo Amaral não falha a rigoroso senso de observação, quando verifica que "no desempenho do papel histórico que o destino lhe preparara, Anchieta sobrepuja todos os outros protagonistas dêsse drama de incalculável alcance nos destinos do Brasil, por uma extraordinária combinação de fôrça propulsora do idealismo místico e de notáveis aptidões práticas e executivas".

Temos a palavra, em todo o ponto insuspeita, de Varnhagem, a ensinar que os padres se utilizavam de processos especiais

para se impor à admiração dos aborígenes, sendo Anchieta entre todos exímio em tais recursos eficazes:

"Para a conversão dos columins, ou crianças gentias, os meios que melhor se estreavam foram principalmente a música, o canto e o aparato deslumbrador das cerimônias que os enfeitiçavam".

Longe iríamos se tivéssemos por escopo expor todos os merecimentos e excelsitudes daquele que é bem o patrono máximo da hegemonia nacional.

Contentemo-nos em lembrar, com Afrânio Peixoto, ao referir-se ao provável primeiro santo do nosso País, que "enquanto não sobe ao altar, deve estar no coração".

Seja esta deslumbradora apoteose em honra do taumaturgo do Brasil uma prova do renascimento da confiança nos nossos incontestáveis valores morais.

Vemos na Terra de Alencar, por igual do que se passou em todo o território brasileiro, um concêrto harmônico de glorificação ao heróico e humilde Jesuíta.

O Instituto do Ceará cumpre o dever de erigir um padrão de reconhecimento à personalidade da mais inconfundível eminência da nossa História, significando, neste momento solene, a adesão da sua inteira solidariedade às festas em honra do IV Centenário do nascimento do padre José de Anchieta.

Foi em tôrno da roupeta dêste discípulo de Santo Inácio — o apóstolo de um novo mundo — que se aglutinou uma das mais numerosas e florescentes parcelas da cristandade.

Saudemos, portanto, nesse legítimo êmulo de São Francisco Xavier, catequizador das terras do Oriente, o mestre autêntico de brasilidade, defensor, entre terríveis canibais, dos sentimentos de fraternidade humana, modêlo completo de missionário, a cujo exemplo de abnegação insuperável, ainda hoje se cobrem de louros e de bênçãos resplandecentes a Igreja e a Pátria!

A CATEDRAL — NOVO TABOR

O coração do homem sentiu sempre a necessidade de exaltar a grandeza de Deus.

Os mais altos pedestais da História foram erguidos em homenagem ao Senhor do Universo!

Nada mais compatível com o sentimento de gratidão e amor para com Aquêle, de onde procede todo o Bem, — fonte da Verdade e da Beleza.

Quem examine a evolução da arquitetura cristã há de experimentar, no íntimo d'alma, comovido entusiasmo pelos gênios que se dedicaram a glorificar, na sua arte, com as obras primas da Civilização, o Criador de tôdas as coisas.

Refugiados nas Catacumbas, os primeiros fiéis transformaram aquêles lugares lúgubres e invioláveis, em pontos de reunião para o exercício do rito divino.

A perseguição da lei romana ao Catolicismo nascente obrigou os sacerdotes a se refugiarem com o seu rebanho nos subterrâneos da Cidade Eterna.

O sacrifício do Altar era celebrado, então, sôbre os mausoléus dos mártires.

A ornamentação dos sarcófagos, em símbolos e alegorias, representava os inefáveis mistérios da Fé.

Dali, é que partiu o movimento de cristianização de tôdas as gentes.

Logo depois, as colinas de Roma erguiam para o firmamento as flechas das primeiras soberbas catedrais da Europa.

Quando Constantino concedeu liberdade à Igreja, eram as Catacumbas a semente das basílicas memoráveis — recantos de piedade, reverenciados, ainda hoje, através de tantos séculos...

A Catedral dos Vigários de Cristo, S. João de Latrão, ostenta no seu frontispício o designativo heráldico: *Sacrosancta Lateranensis ecclesia, omnium urbis et orbis mater et caput* — "A sacrossanta igreja de Latrão, mãe e cabeça de tôdas as igrejas de Roma e do Mundo".

Construída no ano de 324, em forma retangular, pelo imperador convertido, ostenta cinco naves magníficas, divididas por colunas preciosas que foram retiradas dos demolidos templos pagãos.

Muitas vêzes arruinada, pela ação minaz do tempo, passou por várias restaurações.

A fachada atual foi construída em 1740, por Clemente XII. Lá se encontra o altar de madeira, em que, segundo a tradição corrente, celebrou S. Pedro. Outras relíquias nela se abrigam: — o túmulo de S. Martinho, o batistério de Constantino e valiosos mosaicos retirados do antigo palácio dos Papas.

À margem direita do Tibre, ao lado do Vaticano, no lugar do circo de Nero, onde tantos cristãos foram despedaçados e onde o primeiro Papa sofreu o martírio, ergue-se o mais célebre e o mais rico dos santuários — a igreja de S. Pedro. A sua construção remonta ao ano de 326, por ordem de Constantino. Durante onze séculos, êsse monumento, enriquecido por grande número de pontífices e soberanos, fêz o esplendor de tôda a Cristandade.

O Papa Nicolau V tomou a decisão de erguer ali um edifício mais amplo e magnificente, iniciando os trabalhos em 1450.

Diversos papas levaram a obra adiante, terminando-a o Pontífice Paulo V. Numerosos arquitetos dos mais famosos, em tôdas as épocas, ali consagraram o seu talento e desmedido esfôrço à magnificência do culto católico.

Rafael, Bramante, Bernini e Miguel Ângelo elevaram o seu mérito à altura das três portentosas naves, que rematam num transepto, encimado pelo zimbório imenso...

A cripta encerra a sepultura do Apóstolo, a quem Jesus confiou a guarda do seu aprisco. O altar-mor é colocado sob enorme baldaquino de bronze. A ornamentação interna é um fastígio de prata e ouro sôbre mármore... Existe, em atividade permanente, uma corporação especial de operários, os *san-pietrini,* encarregada da conservação e reparação dos adornos.

Ainda se apontam, na Roma Pontifícia, a basílica de Santa Maria Maior, a mais antiga das igrejas locais dedicadas à Virgem Santíssima, e a Basílica de S. Paulo, extramuros, construída no lugar onde derramou o sangue o Apóstolo dos Gentios, com as suas belas colunas monolíticas.

* *
*

A Itália, a Itália santa, tão humilhada pelas alucinações do fascismo, -- na expressão do vate genial, a pátria peregrina do artista e do poeta, o mágico país, debaixo de cujo céu, no dizer do Conde de Laet, quando se fala parece que se está cantando, foi pontilhada de templos suntuosos, como as catedrais de Milão, Placência, Modena, Verona, Pisa, Veneza e tantas outras, com o seu aspecto gracioso ou as suas formas arrojadas.

A imaginação popular diante daqueles primores incomparáveis, não podia compreender que fôrças humanas executassem tão eméritas emprêsas.

E com plena razão...

Só o prestígio da graça sobrenatural podia encher de coragem, de ousadia mística, a concepção dessas admiráveis e esplêndidas construções.

As mesquitas e os pagodes orientais tinham a feição material

das coisas terrenas. As catedrais católicas, ao contrário, erguiam para o azul infinito as tôrres excelsas, apontando o destino imortal aos espíritos, na direção da Eternidade...

Houve, naquelas priscas eras, a lenda romântica de que um anjo, baixando do Alto, desenhara sôbre o gêlo, para o arquiteto maravilhado, o plano da basílica de Santa Maria Maior...

* *
*

Mas o milagre se repetia entre todos os povos cristãos.

Na Espanha cavalheiresca e fidalga, a opulência dos tesouros da nação expressa-se na pompa das suas grandiosas catedrais.

Barcelona, Toledo, Burgos, Tarragona e Segóvia dão o exemplo de solicitude em perpetuar na pedra a solidez da sua crença.

O capricho dos ornatos atingiu o auge... Os azulejos e tijolos de faiança, os nichos, em estilo bizantino, os mantos das Madonas em metal do mais fino quilate, as coroas cravejadas de pedrarias faiscantes vieram, tantos séculos mais tarde, acender no ânimo das hordas comunistas a volúpia da rapinagem.

Na Andaluzia, Sevilha, com as suas antiguidades artísticas, justifica o brocardo espanhol: Quem não viu Sevilha, não viu maravilha...

Narra o escritor patrício Eduardo Prado um episódio sintomático, relativo ao impetuoso temperamento castelhano. Reuniram-se os cônegos daquela Catedral para tratar da reconstrução do templo, que é hoje a ufania de tôda a Ibéria. Discutiram o assunto e tomaram, em seguida, uma resolução inapelável, resumida, em breves palavras, na ata ainda conservada nos arquivos do Cabido: Faça-se uma igreja que obrigue as gerações futuras a dizerem de nós: estavam doidos!

* *
*

A França dos lances heróicos, dos sacrifícios sem par, ainda agora, sangrando das feridas abertas pelo bárbaro algoz, ergueu, no passado, como credenciais da sua primogenitura de lealdade à Igreja, os mais dignificantes testemunhos da sua consagração apostólica.

Gesta Dei Per Francos! São, com efeito, patentes os títulos de predestinação dêsse povo, cujo ministério intelectual enche de emoção tôda a latinidade.

As catedrais de Amiens, Beauvais, Chartres e Orleans revelam o requinte do sentimentalismo gaulês, na excelsitude secular com que cultiva a chama de devoção aos padroeiros da nacionalidade.

A igreja de Nossa Senhora de Paris, em cuja fachada se destacam as efígies dos reis de França, representa uma manifestação, em gigantescas proporções, do amor de Deus e da Pátria.

A catedral de Reims, que, na guerra de 1914, os obuses alemães sacrílegamente danificaram, é uma reminiscência das origens históricas do país.

Começada em 1211, segundo o traçado de Hugo Libergier, foi reedificada, após a devastação de um incêndio, pelo arquiteto Roberto de Coucy, a quem se deve a ornamentação excessiva, um tanto em desacôrdo com o estilo normando.

A catedral de Ruão, destruída por duas vêzes, em 1136 e 1284, foi restaurada em 1318 pelo abade Marco Dargent, com o dispêndio de dois e meio milhões de francos.

O serviço intenso, que se prolongou pelo espaço de mais de 20 anos, deixou uma impressão tão forte do ritmo da sua execução, que se propalou haver o frade descoberto o segrêdo da pedra filosofal...

Com a sua morte, todavia, a obra estava ainda bem longe de ser concluída.

Êsses padrões da Civilização e da Arte exigiram o esfôrço de gerações sucessivas e atestam, através das idades, o senso de harmonia e o vigor estético dos povos do Ocidente.

* *
*

A Inglaterra transportou para a Ilha, na sua pureza, o sóbrio gôsto saxônico. Santa Maria de Cambridge, S. Pedro de York, a igreja de Cantuária, as de Exter, Durham e Salisbury, destituídas dos finos rendilhados, porém de uma delicadeza impressionante, — demonstram o sentido severo das suas construções.

Sobretudo é um prodígio da genialidade da época a abadia de Westminster, que fixou, por assim dizer, a elevação de sentimento dos mestres de obras em cantaria.

* *
*

Na Alemanha, o mais antigo templo gótico é a igreja de Friburgo, em Brisgaw, iniciada em 1130 e para cuja construção cada habitante concorreu com o valor da melhor veste que possuía.

Data de 1248 a ereção da catedral de Colônia, triunfo assombroso do engenho humano, com a centena de colunas que suportam a abóbada maravilhosa.

Em 1227, Erwin de Steibach lançou os fundamentos da Catedral de Estrasburgo, outro expoente da arquitetura clássica, onde se esmeraram os mestres-pedreiros em elevar ao mais súbido grau a profusão das esculturas.

Às margens do Báltico, onde mínguam os recursos das construções com material de pesado porte, a técnica dos artífices de-

rivou para um gênero particular, com o emprêgo do barro e estuque nos edifícios.

Embora erguidas em solo pantanoso, as igrejas de Lubeck, Rostow, Segeberg e Kiel são portentos de arrôjo e de consistência.

*
* *

A Polônia concretiza a sua religiosidade intrépida de nação-mártir, na beleza e elegância dos seus santuários.

Os templos foram levantados pelos reis, bispos e nobres, misturando-se a fé e o patriotismo no mesmo surto de dignificação do culto nacional.

A Austrália, a Hungria, a Rússia, a Escandinávia, todos os países europeus, enfim, puseram o mais ardente empenho em prestar honra a Deus, na edificação dos monumentos de arte religiosa.

*
* *

Não foi diferente o que ocorreu na livre América. Aí estão para o comprovar os templos notáveis das cidades principais do Novo-Mundo. A capital do México, envolvida pelo contôrno das montanhas de Anahuac, erigiu a sua catedral em estilo dórico, onde repousam os despojos dos heróis da sua independência.

Santiago do Chile orgulha-se da sua catedral, com um campanário singular, dominando tôda a extensão da planura, situada entre risonhas colinas. O interior do templo é de uma riqueza de decoração dslumbrante. As pilastras e arcadas dão um cunho majestoso à vasta nave, onde predomina um equilíbrio de traços arquitetônicos surpreendente.

A cidade de Lima, fundada por Pizarro, tem o mais carinhoso aprêço pela tradição da sua catedral. A formosa fachada,

as tôrres maciças, o côro tão renomado, dão-lhe justo título de celebridade.

Buenos-Aires construiu em 1701 o seu grande templo sôbre os restos da antiga "Iglesia Mayor" da povoação primitiva. No seu recinto, encontra-se o monumento que guarda os restos do general San Martin, libertador do Chile e do Peru.

* *
*

O Brasil, por sua vez, possui preciosas igrejas do tempo colonial. Os portuguêses, que ergueram tantos santuários de que se envaidece, com justiça, a nação lusitana, trouxeram para a Terra-de-Santa-Cruz o mesmo fervor religioso e patriótico.

O templo da Batalha, a igreja do Convento, de Belém e a de Mafra, as velhas Sés de Lisboa, de Braga e de Coimbra, são demonstrações eloqüentes da piedade e cultura estética de tão valorosa gente.

Êsse afã em prestar tributo imortal à santidade da nossa fé contagiou de entusiasmo a alma brasileira. Em Minas-Gerais, nas cidades alcandoradas das suas garbosas cordilheiras, onde torrentes de sangue correram para a conquista da nossa autonomia política; na Bahia, berço gentil da nacionalidade; em Pernambuco, teatro de tantas lutas renhidas contra a invasão dos protestantes holandeses; no Ceará, torturado secularmente pelo flagelo climático, povo missionário, na expressão comovida do seu evangélico pastor; em tôda a vastidão do território pátrio erguem-se lindas ermidas votivas do nosso culto religioso e cívico.

Em Mariana, S. João-Del-Rei e Ouro Prêto, em Vitória do Espírito Santo, na Cidade do Salvador, lendária pelo grande número das suas antigas igrejas, em Belém do Pará, em Recife e Olinda, de tradições litúrgicas inesquecíveis, vemos reflorir a devoção dos santos familiares, espalhada nestas benditas plagas

sul-americanas pelos navegadores que, no lapidar conceito camoniano, dilataram a fé e o império por todos os quadrantes do Universo.

* *
*

Conheci e admirei, ao ter uso de razão, a fortaleza espiritual, que é a matriz do meu batismo, em Quixeramobim. Quis o vigário reformá-la, abrindo arcos espaçosos em suas vetustas paredes. A picareta batia no rebôco de cal, como se fôra em rocha de granito. Constituiu um esfôrço hercúleo a brecha feita nos panos dos corredores laterais.

E eu, no meu raciocínio indagador, pasmava de contemplar aquela quase invencível resistência, tirando dali a conclusão, talvez temerária, de que fôra bem mais difícil derrocar no peito daquele povo o ideal sagrado da sua crença.

Que idade tinha a velha sede paroquial? A mesma da cidade ou talvez, mais...

Na aldeia obscura ou nos centros populosos, a história é a mesma... Em tôrno da igreja desenvolve-se o progresso, de que ela é o índice providencial.

* *
*

Nesta florescente capital nordestina, cujo rápido adiantamento empolga forasteiros e nativos, impõe-se, em verdade, a ereção de uma catedral, à altura do seu renome de urbe moderna.

Assumimos com o nosso passado de povo audaz o compromisso de erguer, em Fortaleza, um monumento de Arte e de Fé.

A demolição da velhustra Sé dos tempos coloniais para, em seu lugar levantarmos uma Catedral majestosa, como exigem o crescimento contínuo e o esmêro ornamental desta reputada

praça, representa, ao mesmo passo, uma dívida para com a posteridade.

S. Paulo vem empregando todos os esforços na construção de um Tabernáculo condigno, onde se assente o sólio arquiepiscopal, em plagas de Piratininga.

Pôrto Alegre, na esplanada dominante da sua metrópole encantadora, trabalha na edificação de um Santuário, em linhas altivas e elegantes, para satisfazer a aspiração da brava gente dos pampas.

Belo Horizonte mete ombros à iniciativa de dar ao rico Estado de Minas a primazia de uma Casa de Deus que rivalize, em magnitude e esplendor, às mais célebres basílicas do orbe.

Há de comparar-se em suas ciclópicas dimensões — dizem as notas da imprensa — a São Pedro de Roma.

Também o Ceará está resolvido, com tôda a decisão, a ornar o céu desta galharda cidade do Sol, banhada dos verdes mares bravios, com as setas altaneiras e a cúpula imponente de um inconfundível refúgio de silêncio e oração...

A Catedral de Fortaleza virá, para atestar, no curso das eras, que neste sofredor pedaço da Pátria, luta com o pensamento no Senhor, um povo fiel aos seus créditos de religiosidade e de civismo.

Será êsse marco de Civilização e de Cultura a síntese lógica do bom gôsto e da tenacidade da raça.

Nas matrizes e capelas do Arcebispado, a voz dos ministros do altar concita a família conterrânea a ter em consideração o dever de contribuir, dentro dos seus recursos, para o êxito do grandioso cometimento.

D. Manuel da Silva Gomes, que, durante trinta anos, dirigiu os destinos desta Arquidiocese conhecia a generosidade e o espírito de abnegação do seu solícito rebanho. Por isso, não hesitou, embora alquebrado sob o pêso dos anos e sentindo a precariedade da saúde, o que exigiu o seu afastamento do exaustivo

govêrno arquiepiscopal, — em apelar para os seus cooperadores, a fim de se levar a bom têrmo obra de tão vasta projeção nacional.

O novo Arcebispo, D. Antônio de Almeida Lustosa, tem, como um dos pontos primordiais do seu programa, a conclusão dêsse Tabor para maior lustre do seu sagrado ministério.

Já se divisa a estrutura da construção em andamento, por sôbre o casario da cidade.

Todos os filhos da Terra da Luz, pobres e ricos, na humildade ou na opulência, experimentarão sincera alegria em concorrer com o seu adminículo espontâneo para dotar êste recanto da Pátria de uma Catedral, que perpetue os nossos foros de catolicidade.

O que a dedicação d'alma crente e inflamada dos crepitantes anseios da esperança, nesta parcela do Brasil, anela, é ostentar na sua cidade principal, como concretização máxima de Fé, o monumento gratulatório da sua consagração perene a Jesus Cristo — Rei das consciências e Mestre do Mundo!

BARÃO DE STUDART - DOS NOSSOS O MAIOR

O emérito presidente do Instituto do Ceará, Barão de Studart, há um mês desapareceu do nosso convívio...

Tendo partido para a Eternidade, está presente aqui, todavia, na permanência invisível do seu patrocínio tutelar.

Tudo fala, em tôrno de nós, silenciosamente, do querido e saudoso chefe.

A minha palavra comovida tenta traduzir, neste instante, a profunda emoção, que nos domina, vendo vazia, em derredor dessa mesa, a cadeira principal, por êle ocupada...

Só, na verdade, a morte seria capaz de forçá-lo à quebra daquela pontualidade exímia nos deveres inerentes aos pares efetivos desta associação.

Enfêrmo, gravemente enfêrmo, era ao pé do seu leito que íamos discutir os interêsses da sociedade, a que dedicara a melhor porção das suas energias espirituais.

A sua presença às resoluções tomadas tinha para nós o efeito de uma garantia de autenticidade.

Ninguém havia de errar, por ventura, diante daquele que primara, desde a mocidade até a velhice, em agir com acêrto...

O Barão de Studart professava a crença na imortalidade. Era um temperamento afeito às investigações da ciência, iluminada pelos esplendores da fé.

A sabedoria, distanciada de Deus, é, de fato, uma ilusão.

Êle foi, assim, um cultor de altos estudos, na perfeita expressão do têrmo.

Discurso proferido no Instituto do Ceará, por ocasião da sessão solene em homenagem à memória do Barão de Studart.

A celebridade que conquistou, nas suas extenuantes pesquisas profissionais, não tinha o sentido efêmero das glorificações humanas.

A perenidade que ambicionava era bem mais nobre e expressiva, que a das homenagens dos transeuntes dêste pobre mundo, frívolo e passageiro...

O dogma da ressurreição, para a plenitude do gôzo beatífico, enchia de viva esperança a sua alma eleita, atraída ao Altíssimo pelo fascínio das promessas de Cristo.

A sua fidalguia exterior indicava, maravilhosamente, o esmero de uma educação vazada nos moldes da mais fina aristocracia moral.

Foi um vulto de predominância inofuscável entre os seus semelhantes, pelo saber, pelo caráter, pela bondade.

O nome do egrégio polígrafo captou, bem cedo, de quantos cultuam a literatura pátria, admiração espontânea e todo o respeito.

Os seus trabalhos de investigação nos arquivos coloniais são modelos de solicitude e carinho pelos feitos assinalados que atestam a predestinação do nosso itinerário para a esfera que nos compete, no quadro das potências ocidentais.

No setor da sua especialização científica, granjeou o mais justo e enaltecido aprêço, figurando na primeira linha da galeria de luminares da nossa intelectualidade.

Participou de tôdas as notáveis jornadas cívicas do seu tempo, tendo em vista a exaltação das nossas credenciais de nação progressista e cristã.

Viu cercada, destarte, a sua pessoa de consideração popular e de estima pública.

Católico esclarecido e militante, dirigiu, em nosso Estado, as mais belas iniciativas da Igreja, no campo da beneficência à pobreza.

Combatente destro e intemerato da Boa Causa, na arena

doutrinária, foi, ao mesmo passo, assíduo e magnânimo benfeitor dos necessitados, segundo a inspiração de fraternidade do Evangelho.

Para os homens de coração, formados na escola do amor ao próximo, o preclaro titular da Caridade teve, nessa faceta primorosa da existência, o seu mais irradiante poder de fascinação.

A perfeição dos sentimentos sobreleva o brilho do talento e a solidez da erudição do infatigável beneditino da bibliografia indígena.

Tivemos a fortuna de conhecer. de perto, o precioso tesouro das virtudes austeras dêsse varão de Plutarco. que o Cristianismo dulcificou, esplêndidamente, nos inefáveis ensinamentos do seu imprescritível e augusto magistério.

Privamos da intimidade do Barão de Studart, e bem sabemos devidamente aquilatar a delicadeza e ardor dos seus anseios, em atender às necessidades dos desprotegidos da sorte.

Os seus discursos nas assembléias gerais da Sociedade de S. Vicente de Paulo, em meio século de atividade apostolar ininterrupta, não são apenas afirmações de eloqüência equilibrada e de provecto bom senso, no trato d'arte oratória. Revelam, ainda, e antes que tudo, a serena e firme preocupação de realizar, decididamente, assistência social, segundo os métodos e as diretrizes do Pontificado Romano. Essas magníficas e despretenciosas alocuções formam a parcela mais natural e mais emocionante da sua numerosa e fecunda produção literária. Foram lições que hão de perdurar, nas páginas da "Revista Vicentina", de Fortaleza, com os fastos reais de uma instituição providencial. a que o Barão de Studart ligou a sua distinção nobiliárquica e a sua inconfundível personalidade, de maneira tão notória e edificante.

Tendo militado nas Conferências do Ceará, desde os primórdios da sua carreira triunfal de clínico reputadíssimo, até a exausta e cansada ancianidade, demonstrou, em todo êsse longo tirocínio, o cuidado de cumprir, escrupulosamente, os disposi-

tivos regulamentares, sem se afastar, nem de leve, do espírito infundido por Frederico Ozanam, na sua organização da mais alcandorada e opulenta pureza de idealidade.

Nas épocas de crise climática, intensificava-se o ministério de socorro às populações flageladas. Era, então, de comover e louvar a inquietação do prestimoso presidente do Conselho Metropolitano, a sugerir minuciosas medidas de prevenção, para que se desse o milagre costumeiro, com que Nosso Senhor, na sua infinita misericórdia, multiplica os recursos de amparo a um povo sofredor e resignado, que recebe a alegria e a fartura dos invernos, como a tribulação e a penúria das sêcas, com a mesma fé e a mesma confiança no Deus do seu amor!

O "Centro Médico Cearense", por dilatados anos, mereceu, também, a munificência do seu desvêlo incomparável. Na direção daquele douto sodalício de classe, o Barão de Studart mantinha o contacto com a ciência que abnegadamente exercitou, qual se fôra um sacerdócio, da juventude à madureza da vida. A sua passagem à frente dessa instituição marcou para ela uma época de prestígio invulgar, fazendo que repercutissem longe os ecos dos debates, ali travados.

Foi, porém, sem receio de equívoco, o "Instituto do Ceará" que atraíu as preferências do indefesso perquiridor das memórias de antanho, num esfôrço inaudito, para manter a continuidade das nossas tradições dignificantes.

Por menos remotas que fôssem as nossas origens históricas, reclamava êste persistente labor, provada paciência e uma envergadura de tenacidade sobrehumana, para conduzir a bom têrmo a tarefa exaustiva de apurar, com fidelidade e clareza, o depoimento dos que mergulharam na noite dos tempos, sôbre os fatos principais da nossa evolução social e política. Nessa hercúlea emprêsa, o Barão de Studart decidiu, desde cedo, empregar o vigor da sua prodigiosa intuição psicológica.

Daí a razão soberana por que o presidente perpétuo desta

colenda corporação científica, foi, por todos nós, proclamado — seu grande benemérito.

É, assim, em todo o ponto, compreensível a recompensa excepcional conferida aos seus incontestáveis merecimentos, com a designação de membro honorário e de correspondente de inúmeras sociedades, do País e do estrangeiro, bem como de todos os Institutos Históricos e Geográficos do Brasil.

Por tudo isso se pode asseverar, sem mêdo de exagêro, que não há, entre nós, escritor de maior notoriedade que o Barão de Studart.

A sua bagagem bibliográfica eleva-se a 139 trabalhos de reconhecido mérito.

"Datas e Fatos para a História do Ceará", abrangendo os períodos de Colônia, Província e Estado, três volumes de sólido contexto, valeram do erudito jesuíta, padre Carlos Teschauer, um parecer que enaltece a projeção, na Alemanha, dêsse monumento de preciosidades inesquecíveis.

"Documentos para a História do Brasil e especialmente do Ceará", em quatro tomos, justificaram, em nossos círculos pensantes, a fama do autor, no terreno da sua predileção.

"A Confederação do Equador no Ceará" é outra insigne contribuição do ilustre morto para os anais da historiografia nacional.

O seu "Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense" é obra de indiscutível préstimo, para quantos colocam, na devida eminência, os expoentes do nosso patrimônio cultural.

Do Barão de Studart podia, pois, afirmar, de pleno conhecimento e com absoluta autoridade, o homem mais competente do Brasil, nesse gênero de indagações, Capistrano de Abreu, sábio autêntico, que só não sabia lisonjear:

"Dos sócios do Instituto do Ceará nem um se avantaja ao Dr. Studart, em dedicação à história do torrão natal. Os outros cultivam-na nas horas vagas; êle abandonou tudo para entregar-

se a ela. Pesquisas aturadas, viagens aquém e além-mar, cópias dispendiosíssimas, quando êle próprio não as podia extrair, a montagem de uma oficina tipográfica para impressão dos seus escritos, ainda não esgotam a lista de tudo quanto tem feito".

Êsse panegírico original do Barão de Studart pelo excêntrico e sempre arisco, em matéria de louvores, crítico cearense, é bastante para dar a noção da perda que sofremos e que tanto nos consternou, ao ver baixar à sepultura o nosso mestre, guia e amigo.

Desde o prélio dramático da Abolição, que cobriu de inextinguíveis fulgores a Terra da Luz, do qual participou, com enlêvo e entusiasmo, o jovem orador, aplaudido das turbas ansiosas pela vitória da liberdade, até os imponentes festejos comemorativos do cinqüentenário do Instituto do Ceará, em que a sua voz entrecortada e combalida desferiu o canto do cisne, rememorando, em sessão solene, os episódios da fundação desta comunidade, que amava com todo o calor do peito, sempre viveu o Barão de Studart envolvido nos acontecimentos que refletiram as magnificências de nossa refulgente e honrosa cronologia.

As suas constantes e apreciadas colaborações para as páginas da "Revista do Instituto" falam, mui eloqüentemente, da extraordinária capacidade de trabalho do incansável historiógrafo, a quem Vieira Fazenda chamou "o Alexandre Herculano do Norte do Brasil".

Octogenário e alquebrado de saúde, vêmo-lo, ainda, à frente do seu pôsto de orientador arguto e probidoso da História do Ceará.

Imobilizado pelo sofrimento, quando afinal cedeu à rudeza da moléstia que o vitimou, fazíamos, regularmente, as nossas tertúlias, no amplo solar hospitaleiro da sua residência, sempre aberta à recepção dos correligionários em letras e porfias.

E quanto, também, padeciamos, nós todos, diante da sua figura cambaleante, ferida, já, pelo raio da morte, vendo-a ca-

minhar, com passos incertos e mal seguros, à beira do sepulcro...

Inválido e sem ânimo, era para os seus companheiros de cruzada um símbolo dêsses herois, que os biógrafos costumam apresentar, para exemplo e estímulo de coevos e porvindouros, na forma clássica dos super-homens.

Mesmo em ruína, como um cedro tombado sôbre a floresta que o circunda, guardava a majestade da sua compostura inalterável, no aprumo com que, afinal, caíu sem fôrças, cedendo à fragilidade da natureza...

O Instituto do Ceará, na manhã de hoje, trigésimo dia do traspasse do inolvidável consócio-fundador, reuniu-se à família e amigos, para, junto ao Altar, assistir ao santo sacrifício da missa celebrada na intenção do sumo dignitário desta casa, o qual terminou a sua tarefa, conscienciosamente cumprida, padrão de honradez e integridade, a edificar gerações sucessivas.

Honrar e enaltecer os brasões de que se deve orgulhar a nossa raça, constitui um dos imperativos do programa desta instituição.

Tratando-se do Barão de Studart, dos nossos o maior, vulgarizador estrênuo dos fatos importantes e das personalidades de relêvo, em nosso ambiente cultural, bem se pode perceber a que alto nível de carinho queremos elevar esta demonstração do nosso preito de reverência e reconhecimento à memória do venerável patriarca das grandezas do Ceará.

Esta sessão magna, em que nos sentimos sinceramente confortados com a solidariedade e o apoio das organizações de pensamento da nossa capital, é a primeira das muitas oportunidades que o Instituto encontrará, no decorrer da sua trajetória, de agora por diante, para bendizer e exaltar o nome do excelso patriota e consagrado mentor, por todos os motivos, unido indissolùvelmente à vida e à projeção, dentro e fora do País, dêste departamento índice do dinamismo mental, na Terra de Alencar.

É uma obrigação pungente para a nossa saudade, bem o sabemos. Mas as plantas que se cultivam no canteiro do coração, como aquelas árvores de que fala o alegorista oriental, tendo raizes tão amargas, produzem os mais doces frutos...

A posteridade tirará dêste nosso pesaroso mister de trazer em constante evidência o perfil inapagável do meritíssimo cidadão, cuja lembrança nos mareja de lágrimas os olhos e nos faz emocionada a voz, os mais salutares benefícios, pois são os vultos de tal porte, no curso das idades, que marcam os rumos do porvir aos povos conscientes dos seus gloriosos destinos!

ANTÔNIO BEZERRA - CEARENSE PADRÃO

Temos o dever de dignificar as tradições de honra e os forais de cultura da nossa terra.

Não saberíamos compreender um povo que desprezasse as glórias do seu pasado...

Por isso, só temos aplausos para a iniciativa do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, que vai editar uma série de estudos sôbre figuras de relêvo do nosso cenário social.

Foi-nos confiada a tarefa de fixar nesta coleção a personalidade de Antônio Bezerra.

Nada mais nos cumpre fazer se não repetir os conceitos que emitimos, na sessão solene celebrada no nosso mais antigo cenáculo científico, em 21 de fevereiro do corrente ano, para comemorar o centenário de nascimento do ilustre coestaduano.

O "Instituto do Ceará" revive, nas oportunidades históricas, os grandes nomes da nossa galeria de varões ilustres.

Conserva-se acesa a chama que arde, naquele santuário do Civismo, para evocação dos heróis a quem nos cumpre render todo o nosso preito de reconhecimento e louvor.

É que a insígne instituição representa um templo, onde se cultua o mérito verdadeiro, para que não resvale no esquecimento a memória dos nossos valores autênticos.

A mim coube, naquela casa cheia de reminiscências inumeráveis, exaltar o conterrâneo emérito que vale por um símbolo da inteligência e tenacidade da raça.

Antônio Bezerra, que há um século viu a luz no sertão de

Quixeramobim, teve a fortuna de participar dos feitos mais notáveis dos nossos anais.

Nascido num meio privilegiado, cerne vivo da região nordestina, bebeu na claridade do sol tropical e no vigor da natureza exuberante de seiva, o néctar da liberdade sadia — dom inauferível de Deus às almas inspiradas nas complacências do Bem.

Temos, no singular temperamento do batalhador das nobres causas, que foi, em vida, o nosso inesquecível homenageado, um exemplo de dedicação inaudita a tudo o que se relacionava com o maior esplendor da epopéia do Ceará.

Para Antônio Bezerra, a nossa história, nos dias de luto e de dor, como no deslumbramento dos seus magnos triunfos, representa uma estrada aberta, que conduzirá a grei escolhida à imortalidade dos seus destinos.

Perdulário do talento e do saber, nunca procurou, para si mesmo, o proveito dos estudos e pesquisas, nos domínios da Ciência.

Morreu pobre, como viveu pobre, legando à família e à posteridade um patrimônio mais rico, mais alto e mais belo do que bens materiais perecíveis e efêmeros.

O Evangelho foi a fonte originária da sua longanimidade de coração.

Na lei de Cristo hauriu as fôrças do espírito, preferindo, em qualquer hipótese, a honradez sem mácula, à locupletação de uma abastança fácil, com todos os proventos e comodidades.

Formou o caráter no trabalho probo e áspero, sem jamais dar significação ao fascínio do século.

É que êsse patriota de rija fêlpa herdou do ilustre pai, dr. Manuel Soares da Silva Bezerra — varão de Plutarco, forrado com a doçura do filósofo cristão — o sentimento de fidelidade e de amor às origens espirituais da Terra de Santa Cruz.

Nascera, como o filho, no município de Quixeramobim,

tendo cingido a láurea de bacharel em Direito na velha Faculdade do Recife.

Militou na imprensa desta capital, pelas colunas do "Pedro II", do periódico "América" e da "Tribuna Católica".

Pode ser considerado, com justiça, o precursor, entre nós, do jornalismo a serviço da Igreja.

Acompanhava as renidas pugnas do tempo, através do órgão parisiense "L'Univers", de Luiz Veuillot. Foi catedrático de português do Liceu do Ceará. Escreveu "Questões de Gramática Filosófica", "Compêndio de Gramática Nacional", "O que é o Protestantismo" e os "Deveres Políticos do Cristão".

Os títulos dos seus trabalhos revelam a visão segura e arguta dos problemas que, mais tarde, assumiram suma relevância no panorama da crítica moderna.

Desempenhou, mais de uma vez, o cargo de representante do Eleitorado na Assembléia Provincial, de que chegou à presidência, em uma legislatura.

Foi, ainda, deputado geral, havendo-se com elegância e aprumo, no apurado meio parlamentar da Côrte.

A sua integridade moral e firmeza de convicções emprestaram-lhe a auréola de veneração de que sempre viveu iluminado.

Os adversários respeitavam a sua têmpera de antes quebrar que torcer, reconhecendo a correção vertical das suas atitudes.

O dr. Soares Bezerra, paradigma de hombridade e sabedoria, incutiu no filho, escritor e abolicionista, o gôsto pelo cultivo das letras, das ciências e das artes.

Êsse fulgor intelectual, que Antônio Bezerra recebeu da linhagem paterna, sempre estêve ao nível da sua alcandorada vocação de patriota, disposto, em tôdas as circunstâncias, a colaborar nas campanhas de reabilitação dos nossos costumes públicos e de fortalecimento das nossas virtudes sociais.

Tôda a sua bagagem bibliográfica é ouro de lei. Não desperdiçou as reservas da sua mentalidade de escol em coisa algu-

ma, onde se não refletissem o apêgo à gleba do seu berço e a solidariedade inviolável a esta parcela da família patrícia.

"O Ceará e os Cearenses", livro escrito nas plagas da Amazônia, traduz, eloqüentemente, o cunho forte de bairrismo dêsse delicioso apaixonado pelos lances cavalheirescos de magnanimidade do seu povo e pela predisposição de martírio da sua terra.

Em que tom soberbo, referia-se, de início, ao gesto viril de 25 de março de 1884 — a libertação dos escravos no Ceará — o mais glorioso ato, no seu conceito lapidar, da vida desta Nação!

Em tudo — considerava, em seguida, o exímio psicólogo — se portou a falange dos libertadores com abnegação e patriotismo.

Na verdade, aquêle moço audaz, que se envolveu na rude refrega pela redenção dos cativos, atraído tão sòmente pela sedução do Ideal de fraternidade cristã, contemplava deslumbrado o exemplo de honra oferecido pela Província ao Império.

A Terra da Promissão, que alguém chamou Saára do Brasil, abriu, com efeito, o caminho à extraordinária vitória de 13 de maio de 1888, a promulgação da Lei Áurea, como vanguardeira de uma conquista das mais fulgentes da História Contemporânea.

Antônio Bezerra foi um veterano dessa cruzada esplêndida em prol dos direitos da pessoa humana, empenhado pela ação e pela palavra no êxito de tão justo tentame.

Tem razão o veemente apologista das nossas peculiaridades em afirmar que se pode atribuir ao Ceará, no Brasil, o que disse da Hungria Victor Tissot — é uma exceção na Europa...

Realmente, o habitante desta região calcinada de sol, sujeita a crises climáticas periódicas, desprovida de lagos naturais e de rios perenes, afaz-se, no curso da existência, aos rigores da hostilidade ambiente.

Notemos o que escreveu, a êsse respeito, Antônio Bezerra:

"A inexorabilidade das sêcas, longe que seja um

mal, traz, no entanto, para o cearense a sua distinção, a sua superioridade, a sua glória; pois que, não tendo que confiar nos recursos da natureza, vai procurar melhores condições de vida por tôda a parte do universo. Sóbrio, afeito ao trabalho pesado, para conseguir o pão de cada dia, é educado desde criança na escola da adversidade e do sofrimento. Não tem que estranhar infortúnios. A vida que lhe cabe é cheia de aventuras e perigos".

Nestes traços ficou nìtidamente auto-biografado o homem que mais de perto, porventura, representa a índole e os predicados marcantes da nosa estirpe.

Antônio Bezerra é, de fato, a personificação do valor do nosso tipo étnico. Ninguém como êle tão bem retrata êsse conjunto de singularidades que especifica e caracteriza o cearense.

Manteve nos atos a inteireza religiosa ancestral. Envolveu o seu mérito no manto da mais singela e despretensiosa modéstia. Conservou, como a linha dominante da sua diretriz individual, êsse desinterêsse e desprendimento, que o fizeram benemérito da nacionalidade.

Nunca se viu quem trabalhasse com maior espírito de renúncia, com tanto desapêgo a vantagens e remunerações.

Estava sempre decidido a servir o bem comum, sem outra intenção a não ser a de cooperar para o engrandecimento do torrão nativo, que amou com tôda a pureza dalma e honrou com tôda a bravura do seu lendário patriotismo.

Nem faltou a Antônio Bezerra o desígnio que Alencar tão graciosamente denominou a predestinação de uma raça, ao comentar que partiu, rumo a paragens remotas, o descendente do primeiro desbravador da Civilização, nascido nas nossas alvas praias, ensombradas de coqueiros...

Emigrou Antônio Bezerra para o extremo Norte, prestando,

assim, a sua contribuição ousada e generosa à conquista do reino das matas virgens para a unidade nacional, pelo esfôrço e persistência dos nossos valentes conterrâneos.

Fixando domicílio em Manaus, exerceu, alí, por muitos anos. o cargo de diretor do Museu Amazonense. Com a inclinação que revelava pelo estudo das ciências naturais, aumentou o seu largo cabedal de conhecimentos, nesse domínio da sua especialidade.

Redigiu, então, o jornal "A Pátria", órgão dos cearenses lá residentes. Escreveu artigos que despertaram sensação, em tôrno de observações sôbre assuntos regionais.

Assumiu Antônio Bezerra ardorosa defesa dos seus compatrícios, desumanamente explorados pelos proprietários de seringais. A sua pena vibrante foi, mais uma vez, clava de combate em prol dos pequeninos e oprimidos.

A êle se aplicam, a primor, os versos expressivos do bardo dolorido:

E vou, indiferente a cicatrizes,
Vivendo pelo amor dos desgraçados,
Morrendo pelo bem dos infelizes...

A sua pugnacidade teve eco nos quatro cantos do País.

Vejamos como descreve a odisséia da partida dos nossos irmãos para as regiões inóspitas do Rio-Mar:

> "Sem cômodo, — diz Antônio Bezerra — sem alimentação, arrumados nos porões e na coberta, como mercadorias em armazéns, expostos os de cima aos rigores do sol e da chuva, sem ar os de baixo, misturados com tôda sorte de aves e animais, que para negócio são exportados em quantidade, maltratados da criadagem, sem direito a reclamação alguma... sem se poderem mover nem andar, à falta de espaço,

sem alimento próprio às criancinhas que choram de fome, sofrem, os pobres coitados, o que é impossível de se descrever".

"É impossível — repetimos — descrever-se a série de sofrimentos por que passam os emigrantes, na terrível travessia do pôrto do Ceará ao desta Capital".

Relata Antônio Bezerra, em seguida, o suplício dos nossos coestaduanos no meio da selva equatorial:

"Trabalham alguns em lugares alagados, pantanosos, insalubres, e se, por acaso, a borracha extraída não chega para satisfazer o pagamento da conta dêste ou daquele, o patrão o tem prêso e vigiado, até que se desobrigue do seu compromisso. Dá-se por ali uma espécie de cativeiro legal, pois que se alguém por compaixão, se comove de um dêsses infelizes, entende-se com o dono ou senhor, paga o que êle deve e leva-o para o seu abarracamento, com o mesmo direito de o passar a qualquer seringueiro".

Em sua linguagem, desligada das restrições de qualquer conveniência, aponta vícios e crimes, responsabiliza os poderosos do tempo, verbera a inclemência ou a impassibilidade dos que deviam zelar pelas garantias da ordem constitucional.

A sua palavra, então, semelha o verbo de um padre da Igreja, inflamado de indignação contra os costumes insólitos dos prevaricadores das leis divinas e humanas. É o mesmo fogo impetuoso que acendeu, tantas vêzes, de flama arrebatadora, a ira de Rui Barbosa, em face das fraudes e deturpações do regime decaído.

É a mesma revolta indômita que explode do coração do

povo, ante o espetáculo das injustiças soezes para com a multidão dos desprotegidos e deserdados da sorte.

Assim, o combatente da Abolição, na Terra da Liberdade, foi o advogado intimorato dos párias, no Inferno Verde.

A sua reação encontrou eco no formidável depoimento prestado por Euclides da Cunha, na imprensa da Capital da República. A dialética empolgante do autor do "Sertões" atraíu a curiosidade do País, em artigos de extraordinária ressonância, para êsses obscuros trabalhadores das brenhas selváticas, submetidos à condição de ilotas anônimos em pleno cenário americano!

O famoso publicista indígena transportou para o centro de maior progresso do Brasil, para a cidade do Rio de Janeiro, de onde se irradiou, através das colunas dos principais órgãos de publicidade, por todos os Estados, a narração do martírio dos retirantes cearenses, que Antônio Bezerra, no seu jornal da metrópole amazonense, pôs em foco da maneira mais oportuna, sincera e emocionante.

Ficou, então, patente que o problema do trabalho, naquelas ínvias matas tropicais, exigia assistência direta dos responsáveis pela segurança da vida e propriedade dos míseros desamparados, para quem as instituições democráticas não passavam de mera eufonia.

Ali se contemplava, na expressão veraz de Antônio Bezerra, nem mais nem menos, que ignóbil servidão.

A locação usurária do braço humano constituía, desta forma, um atentado contra as nossas prerrogativas de povo jurìdicamente organizado.

Era, realmente, de maravilhar e surpreender a altivez, a bravura cívica com que vingava o brio cearense o redator principal da "Pátria", fôlha lançada a lume para clamar contra uma iniqüidade, a que se acomodava o espírito da época, como se aquilo fôsse a situação inevitável, o elemento imprescindível da indústria caucheira.

Cabe a Antônio Bezerra o brasão de ter sido o pioneiro das reivindicações cristãs, em nosso Direito Social, protestando, em alto som, pela vigência de uma legislação que assegurasse a todos os brasileiros as mesmas obrigações e as mesmas regalias.

Essa facêta da sua atividade intelectual é das mais enaltecedoras da sua fôlha de merecimentos e bons serviços, com que se impôs à gratidão da coletividade.

A luta pela emancipação dos negros; as excursões exaustivas por todo o território do Ceará, palmilhado de recanto a recanto, para estudo minucioso da sua fisionomia geográfica e política; a construção de um monumento de pesquisas valiosíssimas, levantado, na sua pobreza franciscana, com pertinácia beneditina e honestidade jesuítica; a aquisição de apontamentos exatos, graças aos quais foi traçado o mapa do nosso Estado; os quatorze tomos das "Datas de Sesmarias", arrancadas ao báratro dos arquivos e cartórios, em que se abismavam, em meio de uma confusão indecifrável; os volumes editados para reabilitação das coisas e fatos do nosso passado: — "Notas de Viagens ao Norte do Ceará", "O Ceará e os Cearenses", "Pero Coêlho de Sousa no Ceará", "Algumas Origens do Ceará", tudo, como as epígrafes assinalam, para maior prestígio e luzimento da terra estremecida e amiga; todo êsse labor de uma existência inteira sacrificada pelo amor da Verdade e pelo bem da Pátria, vale, na oportunidade do seu centenário, a consagração que recebeu dos homens de pensamento, das expressões culturais do nosso meio, dos valores de pêso real no campo da literatura e da ciência, bem como nas elevadas esferas da administração e de tôdas as atividades coletivas.

Nêle se observou, no decurso da vida inteira, a preocupação inalterável de ser útil à Humanidade.

No seu coração de moço, palpitavam ardentes esperanças, entoando, em versos canoros, epinícios de entusiasmo contagiante, aos feitos dos voluntários da jornada pela Redenção:

"Moços, uma grande idéia
Vos anima os corações!
Quereis erguer, no futuro,
O mais belo dos padrões.
Sim, que vos sobra energia
E tendes nalma a magia
Que gera as revoluções.
Se a turba não vos entende
Dos moços é que depende
O destino das nações.
A Pátria de tantas glórias
Que vos viu livres nascer,
Embora lhe embarguem a marcha,
É tempo que a liberdade
Aos brados da mocidade
Erga os brios da Nação.
Que igualados os direitos
Batidos os preconceitos
Seja o escravo um cidadão!"

Mais tarde, no seu coração de velho, fizeram ninho, cantando, as saudades dos dias radiosos, em que, entre palmas e vivas estrepitantes, soavam as estrofes heróicas do Hino da Sociedade Cearense Libertadora:

"Para sempre se apague da face
Da formosa auri-verde bandeira,
Êsse negro borrão que nos mancha
E que avilta a Nação Brasileira".

"E que a águia altaneira, que voa
Leve aos astros na garra gigante
A bandeira banhada de luz!"

A mística do culto patriótico aos mais altos ideais da vida encheu de orgulho e alegria a ânfora rubra do peito do poeta.

O afêrro à verdade inspirou ao historiógrafo, autorizado e consciêncioso, dedicação extrema aos fastos das nossas tradições venerandas.

Um profundo respeito a Deus infundiu no católico, desassombrado e convicto, a certeza luminosa da sua fé em nossos destinos eternos.

Foi, destarte, Antônio Bezerra uma perfeita encarnação das qualidades primaciais da raça, um cearense — padrão, dotado das eméritas virtudes, dos singulares complexos que definem e superiorizam o homem resistente e altivo, no nosso meio adverso.

Nenhum tributo à memória de alguém falou mais alto ao sentimento de justiça da comunidade conterrânea.

O "Instituto do Ceará", que Antônio Bezerra chamava, carinhosamente, "a minha associação", cumpriu o dever de glorificar a data centenária do ínclito polígrafo, em quem contou uma coluna-mestra do edifício mais sólido e antigo da nossa intelectualidade e da nossa cultura.

Junto ao altar sagrado do Deus, mil vêzes bendito, que nos fêz um povo sofredor e crente, dando-nos a fortuna de possuir mentalidades sobreviventes a tôdas as vicissitudes do meio e do tempo, rendemos comovida ação de graças pelas benemerências de Antônio Bezerra.

Sôbre o seu túmulo desfolhamos as pétalas frescas das nossas saudades.

Uma nacionalidade vale pelo que expressam os líderes das suas idéias, os condutores das gerações em flor para as esplanadas do Porvir.

Afere-se, portanto, a grandeza da Terra da Luz pelo heroismo dos vexilários da sua honra.

A um dêsses patronos das nossas letras, que nos aparece à imaginação, coroado de louros, como triunfador grego, a Antônio

Bezerra, que a morte não fêz esquecido, antes mais enalteceu em nossa estima e admiração, prestamos, neste ensejo feliz, a maior das nossas apoteoses, — a garantia da perpetuidade da sua obra, pelo Ceará e pelo Brasil!

TOMÁS POMPEU — FISIONOMIA DE UM ENCICLOPEDISTA

A Faculdade de Direito do Ceará inicia, hoje, a celebração do cinqüentenário de sua existência.

De tal modo se acha ligada a memória do dr. Tomás Pompeu de Sousa Brasil à vida dêste magnífico Templo do Saber que a comemoração jubilar do nascimento do ilustre mestre da Ciência Jurídica podemos bem considerar o prelúdio das manifestações a realizar-se, dentro do programa traçado, em homenagem a tão notável acontecimento.

Cabe ao antigo diretor da nossa primeira Escola de Ensino Superior papel relevantíssimo na fundação desta casa, onde gerações sucessivas se têm formado para as lutas da vida pública e para os labores da magistratura, da advocacia e do magistério.

A douta e tradicional Academia do Ceará tem sido, através do longo lapso de meio século, um manancial abundante de civismo, de urbanidade e de cultura. Entre os vultos de maior destaque que aqui ocuparam uma cátedra e dirigiram a mocidade para os altos destinos do Brasil, cumpre-nos indigitar êsse propugnador indefesso do aperfeiçoamento das inteligências para maior grandeza da Pátria.

Professôres e alunos guardam a lembrança indelével daquele que realizou, entre nós, o generoso ideal de abeberar os moços na fonte da Sabedoria e da Justiça.

Nasceu nesta ensolarada cidade de Fortaleza, tendo como

Discurso proferido na Faculdade de Direito.

divisa o propósito de fazer dos estudos a razão final do seu itinerário sôbre a face da Terra.

Desejava estancar sua ânsia de conhecimentos, desvendando, por si mesmo, os arcanos da Verdade.

Só em Deus é dado ao espírito atingir a sua plenitude, em harmonia com as aspirações infinitas do ser.

Sentiu, por certo, a contingência da capacidade humana, ante a amplitude ilimitada dos mistérios universais.

Nada o demoveu de pôr, na decifração dos enigmas da natureza, o empenho ardente e constante das suas preocupações de investigador intimorato e tenaz.

Um homem de reconhecida autoridade e incontestável mérito, o historiador Barão de Studart, contemporâneo de Tomás Pompeu de Sousa Brasil nas aulas do Ateneu Cearense, presta o seu depoimento sôbre a aplicação por êle, menino ainda, devotado ao manuseio contínuo dos livros.

Transportado, em seguida, para a Metrópole do Império, fêz os preparatórios em colégios eclesiásticos do Rio de Janeiro, sendo ali seus condiscípulos, entre outras figuras de larga projeção no cenário nacional — Sílvio Romero, Arão Reis e João Monteiro, mais tarde professor e diretor da Faculdade de Direito de São Paulo.

Cursou, depois, as letras jurídicas na famosa Faculdade do Recife.

Naquele centro nortista de atividade mental intensa encontrou ambiente propício para se exercitar no ágil manejo da pena.

Mais alguns anos, vemo-lo empenhado pelas colunas do jornal "Cearense" nas fortes pugnas da política monárquica, integrando ilustre plêiade de combatentes ardorosos.

Ainda acadêmico, já estreava, com vigor, na arena da imprensa, prenunciando bem cedo a sua vocação de publicista e de patriota.

Na turma de bacharéis de 1872, a Faculdade do Recife di-

plomava uma porção galharda de jovens cearenses, suficientemente aparelhados para os árduos misteres da profissão.

Dela fazia parte, com todo relêvo, Tomás Pompeu, ao lado de Alexandre Rodrigues Barroso, que interrompera, heròicamente, o seu curso, para tomar parte na defesa da nossa integridade territorial, ao tempo da campanha do Paraguai, de onde voltara coberto de louros, ostentando os galões de capitão do exército nacional; Daniel Alves de Queirós Lima, nomeado, logo mais, promotor desta capital e, depois, chefe de Polícia do Rio de Janeiro, em cujo fôro se entregara à faina da advocacia; José Baltazar Ferreira Facó, que deixou no seu arquivo literário farta bagagem, em prosa e verso, atestando o sólido valor da sua formação humanística; Xilderico Araripe de Farias, poeta, orador, ensaísta de largos recursos, considerado uma das mais robustas inteligências da sua geração.

Vários outros conterrâneos participavam da mesma fornada de juristas e todos consideravam Tomás Pompeu expoente daquele pugilo de batalhadores pelas idéias fascinantes da época e do meio.

Da turma de bacharéis de 1872 constava o notável civilista brasileiro Lacerda de Almeida, autor de inúmeros livros de assinalado mérito e que encarnou uma das personalidades de maior respeito e brilho da Comissão incumbida pelo Govêrno da República para rever o projeto do nosso Código Civil.

Igualmente dela participava Eduardo Ramos, a quem o primor do estilo levou a ocupar uma das poltronas da Academia Brasileira de Letras, autor de "Prosas de Cassandra", livro prefaciado pelo insigne Ruy, que o qualificou de "pedraria de raras gemas literárias", — "obra de arte preciosa".

Também se formou naquele mesmo ano o conhecido jurisconsulto Martinho Garcez, autor de vários compêndios, justamente apontados como documentação da alta cultura jurídica do Norte, entre os quais "Teoria Geral do Direito", "Nulidades dos

Atos Jurídicos", "Dos Agravos", "Direito das Coisas" e "Direito das Obrigações".

Em meio de tantas figuras salientes, Tomás Pompeu, conforme depoimento unânime dos seus colegas, sobressaía pela vivacidade intelectual e acendrado amor ao estudo.

Foi o que se pode chamar com tôda a precisão — um líder da mentalidade acadêmica do seu tempo.

Bem cedo revelou espontâneo pendor para a carreira do professorado.

Em 1874, concorreu às cadeiras de Português e História no Liceu do Estado, obtendo o primeiro lugar na classificação. Só em 1876, depois de novo concurso para a cadeira de Geografia obteve a nomeação de lente daquele estabelecimento oficial de ensino secundário.

Foi também professor da Escola Normal de Fortaleza e da Escola Militar do Ceará.

Aqui, nesta Faculdade de Direito, coube-lhe o ensejo de se afirmar uma das mais preclaras sumidades no trato com os graves problemas da Educação.

Sabia estabelecer um convívio de cordialidade e bom entendimento, nas relações de todos os dias com os alunos.

As preleções eruditas e refertas de elegantes conceitos, com que acompanhava, de perto, a evolução da ciência, realizavam o almejado desígnio — conduzir a classe ao acurado exame da matéria debatida.

Disto dá testemunho a coletividade de tantos discípulos seus, que viam no mestre o condutor experimentado e solícito, através dos meandros intrincados dos complexos conhecimentos humanos.

De índole acessível e expansiva, cercava-se da confiança dos jovens, ávidos dos ensinamentos que êle ministrava com prazer e naturalidade nas palestras fluentes e animadas, em qualquer terreno para onde o levasse a curiosidade do interlocutor.

A Faculdade de Direito era, então, um solar egrégio e austero, por natureza, mas atraente e acolhedor, onde pontificavam figuras das mais conspícuas e venerandas.

Ainda há pouco, o ilustre professor, deputado Otávio Lôbo, reviveu, na tribuna do nosso Parlamento, o ambiente de intelectualidade e de elevação moral da velha Escola Jurídica.

Vimos com emoção referências as mais bem cabidas e fiéis às personalidades de Antônio Augusto de Vasconcelos, Sabino do Monte, Raimundo Ribeiro, Eduardo Salgado, Francisco de Assis Bezerra de Menezes, Virgílio de Morais, Álvaro de Alencar e tantos outros luminares do Direito, que honraram as cátedras desta casa e, assim, enalteceram os créditos da Terra da Luz.

Tôda esta constelação de esplendores inofuscáveis trazia consigo o timbre da Academia do Recife, onde se moldaram as grandes figuras dos estadistas do Império.

Foi lá que o bispo Azeredo Coutinho, antes mesmo da fundação dos Cursos Jurídicos, lançou as bases remotas da Universidade de Pernambuco.

Realmente, a tradição de cultura superior remonta, alí, ao vetusto e modelar Seminário de Olinda, com o ensino clássico de Latim, Grego, Francês, Geografia, Retórica, História Universal, Filosofia, Moral, Desenho, História Eclesiástica, Teologia, Dogma, Matemáticas, Física, Química, Mineralogia e Botânica.

Inaugurado em 22 de fevereiro de 1800, a sua influência sôbre a mentalidade de tôda a extensa zona setentrional foi, sem dúvida, a mais salutar e duradoura.

Na expressão de Oliveira Lima, o Seminário transformou as condições do ensino e, com êste, as condições intelectuais da Capitania, porque constituiu, além de um viveiro de sacerdotes, uma escola secundária leiga, aliás a única, ministrando educação teórica e também instrução civil, em belas letras e nas diversas ciências.

Capistrano de Abreu, autoridade fidedigna, é mais incisivo

ainda. Reconhece que o estabelecimento de Dom Azeredo Coutinho projetou uma real modificação na mentalidade pátria.

Foi nessa atmosfera esclarecida pelas luzes do saber apurado e profícuo que, em 11 de agôsto de 1827, surgiram os Cursos Jurídicos e Sociais no Brasil, com sede no Recife.

A seriedade pedagógica produziu, com admiração do País e do Mundo, celebridades da estatura de Ruy Barbosa, Clóvis Beviláqua, Paula Batista, Lafayette Rodrigues Pereira, Teixeira de Freitas, Nabuco de Araújo, Franco de Sá, Figueira de Melo, Cansanção de Sinimbu, Cotegipe, João Alfredo e tantos outros.

Os organizadores da Faculdade de Direito do Ceará, entre os quais se destaca, na linha dianteira, Tomás Pompeu, antigo e, efetivamente, primeiro diretor desta casa (o comendador Nogueira Accioly era o diretor honorário) foram juristas e homens de talento, forjados no crisol de tão elevada têmpera.

Ouçamos, a êste respeito, o depoimento do Barão de Penedo, citado por Joaquim Nabuco, no seu livro monumental — "Um Estadista do Império": — "A nossa vida em Olinda era completamente escolástica. Concorria para isso a isolação da velha cidade, limitada em número de habitantes, sem recursos nem distrações".

Por sua vez, Clóvis Beviláqua atesta que o labor acadêmico, era "sério e proveitoso".

A freqüência obrigatória às aulas, os exames, em geral, de alguma severidade, tornavam o dever letivo objeto de cuidado para o estudante carecedor dêsse estímulo.

Os que prepararam o espírito naquela moldagem e, aqui, puseram em prática no magistério os hábitos e costumes lá adquiridos deram bem conta das obrigações a seu cargo, ao mesmo passo que dignificaram os foros de honradez e de proficiência dos seus inolvidáveis mestres.

Raimundo Ribeiro, por exemplo, sisudo e de olhar percuciente, não barateava as notas com que julgava os seus alunos.

Uma distinção para êle devia representar fato excepcionalíssimo, que o estudante de Direito Romano considerava privilégio quase inatingível.

Virgílio de Morais argüia, em Direito Comercial, com uma frieza impassível. Não se comovia com os embaraços e o alheamento do examinando. Feita a pergunta, simples, concisa e clara, aguardava silencioso a resposta, sem revelar o mais leve ânimo de auxiliar quem não soubesse a matéria.

Era êste o sistema que vira adotado em Pernambuco, onde o preparo se consolidava à custa do esfôrço próprio.

Havia, como é óbvio, excepções a essa regra.

Nem todos os lentes traçavam uma norma rigorosa nos julgamentos dos exames.

Tomás Pompeu, equilibrado e sempre cavalheiresco, não se mantinha intransigente nas bancas.

Era mais propenso a um critério benigno, de meio têrmo, que a uma severidade inflexível.

Isto por temperamento, por disposição de boa vontade ingênita.

Exerceu ampla influência no seio de tantas gerações que perlustraram os bancos da nossa Salamanca.

Os seus antigos alunos guardam da sua fisionomia intelectual a melhor impressão.

Não foi um dêsses homens admirados sòmente de longe. Visto de perto, sabia cativar pela polidez das suas maneiras e pelo tom de simplicidade com que tratava a quantos dêle se aproximassem.

Não fêz da cátedra uma tôrre de marfim, cerrada e inacessível, mas abria as portas do coração com generosidade e gentileza aos que quisessem participar do banquete da Sapiência.

Era um gôsto vê-lo palestrar, entre colegas ou discípulos, com animação e destreza, analisando os aspectos mais diversos das questões atinentes aos grandes problemas da época.

Deixou numerosa e reputada bibliografia, atestando vivamente o seu denodado empenho de contribuir para o progresso da terra e a orientação da sua gente, a respeito dos interêsses vitais do Ceará.

Editou o "Resumo do Curso de Direito Público e Constitucional", ministrado em 1915 na Faculdade do Ceará. É um trabalho de cunho didático, que representa para as nossas letras jurídicas contribuição doutrinária de alto merecimento.

Procurou, como guia experimentado, dirigir os alunos, pelas trilhas da razão e do bom senso, às conclusões lógicas.

Diante dos argumentos expostos e das teorias em conflito, o discípulo, por esfôrço de raciocínio, que chegasse a escolha de conceitos pessoais relativos ao assunto.

Por êsse método de análise individual, segundo o seu dizer, em vez de pura receptividade, de aprendizagem de cor, o aluno toma parte decidida na formação da própria ciência que estuda.

Editou, igualmente, obras do mesmo alcance, no domínio da sua especialidade, como "Lições de Direito Internacional Público", "Direitos Adquiridos", "O Ensino Superior no Brasil", "O Júri", "Direito ao Emprêgo" e muitos outros.

Eram de admirar, na sua vasta e abundante nomenclatura bibliográfica, estudos os mais diversos, demonstrando o seu proclamado enciclopedismo.

São de sua autoria "Vantagens dos Trabalhos de Irrigação no Ceará", "Importância da Vida Humana como fator da riqueza", "Análise dos diferentes sistemas de esgôtos", "Os Locais apropriados à Açudagem", "Os supostos terrenos artezianos do Ceará", "O plantio da Maniçoba", "Comércio e Indústria no Ceará" e tantos trabalhos de cultura geral.

Obra de fôlego é a que compendiou, em dois grossos volumes, intitulada "O Ceará na Independência do Brasil".

Igualmente representa iniciativa de inestimável aprêço o

seu importante livro inédito — "História Política do Ceará", em dois alentados tomos.

Elaborou um "Dicionário de Pensamentos", trabalho verdadeiramente beneditino, de garimpeiro infatigável, em que colheu, no original, entre escritores clássicos, quarenta mil citações, para uma coletânea ciclópica de doze volumes.

Vemos, por êste rápido esbôço, as proporções do homem a quem Clóvis Beviláqua considerou "uma das mais sólidas e vastas ilustrações do País".

Queremos documentar a linhagem aristocrática do estilista emérito a quem Farias Brito consagrou, num artigo da "Revista da Academia Cearense", como vulto de prol da intelectualidade brasileira.

No ano calamitoso de 1915, a 13 de agôsto, no decurso de trágico flagelo climático, tive oportunidade de divulgar, nas colunas do "Correio do Ceará", onde, então, militava, ainda acadêmico, como jornalista católico, oportuno e impressionante artigo de Tomás Pompeu.

Intitulava-se "Um Exemplo" e vale para mim uma recordação inapagável.

Representa o testemunho espontâneo e caloroso de um coração comovido diante da bondade.

É uma página, realmente, digna de recolhida numa antologia.

"As organizações morais — asseverou Tomás Pompeu — são como as cumeadas que atraem os raios: — fortes, enérgicas, eminentes; chamam, por sua elevação e superioridade, as vistas de todos, sem excitar as atenções dos que passam distraídos, quase absortos em cogitações profundas, pela afanosa estrada da existência.

Tão raros, tão singulares são os que deixam os cômodos pessoais para dar expansão aos sentimentos de caridade, que, embora envoltos nas dobras espêssas da modéstia, não se podem

furtar à consagração dos que admiram e louvam a atividade desinteressada e construtora do Bem.

A nossa época precisa de exemplos vivos, palpitantes, nobres, atuais, dêsses sêres superiores que, sob as vestes simples do sacerdócio, se encarnam em Dom Manuel — o Benfeitor.

Em meio da corrente dos interêsses materiais, que congregam quase tôdas as fôrças sociais, é consolador ver que ainda há corações simples, devotados ao bem geral, extremes do materialismo interesseiro e acomodatício, que intensifica as energias e leva de roldão, em sua onda de prazeres e bem estar, a grande maioria dos que trabalham.

Êsses sêres superiores, representativos, como lhes chama Emerson, não são como os herois de Carlyle, nem como os superhomens de Nietzche, insensíveis às dores ou desprovidos de piedade. Não! Nêles a humanidade se afirma pelo amor e pela virtude.

Em Dom Manuel talhou a natureza um dêstes predestinados para as grandes ocasiões. Forte de ânimo, intrépido, incansável, servido por um físico saudável, irmanado a um altruismo nativo, espontâneo, generoso, sob uma forma singela, desprendido das ambições que em nosso meio movem os homens ativos, — inteligente sem pedantismo, penetrando fàcilmente as questões sociais, compreendendo o valor sugestivo das personalidades em evidência, capaz de sacrifícios fecundos, adquiriu na tristonha emergência atual o relêvo e o nome de um grande benfeitor que a gratidão cearense guardará por muitas gerações.

No momento em que os mais bem intencionados apresentavam soluções um tanto platônicas ou só apelavam para o Govêrno, o modesto Bispo do Ceará peregrinava, incansável, de cidade em cidade, de Estado em Estado, suplicante, a descortinar aos olhares indiferentes dos que nunca viram a miséria negra de face, o espetáculo da penúria em farrapos a morrer de fome, sentada não sòmente à lareira de uma família, mas sob múltiplos

andrajos entre populações inteiras; — a mover por seu exemplo e palavra os sentimentos de amor e caridade de todos. E êle, o pastor dêsse rebanho ferido pelo infortúnio, fazia a mais eficaz e proveitosa propaganda e recolhia agradecido o óbolo que caía de tôdas as mãos.

S. Excia. lembra a figura heróica daqueles sacerdotes que, esquecidos de si, enfrentaram, na Idade Média, os invasores triunfantes para salvar reinos e cidades. Como êles, defrontou os poderes públicos, os homens de govêrno desatentos aos clamores das vítimas da fome e que a seu belo gesto de abnegado, com a sua palavra convincente moveu assembléias, agitou a imprensa, sugestionou a opinião nacional, despertou uma corrente de sentimentos altruísticos, da qual ainda promanam benefícios aos flagelados.

Quando daqui partiu, levava a esperança de que sua voz não se perderia no deserto. Sentia-se encorajado e forte para a faina de caridade, embora não ignorasse as asperezas da missão, da triste e dolorosa contingência de ir bater à porta estranha para esmolar.

Mas "a santa piedade, neste mundo, é também uma esmola; a caridade que mata a fome e suaviza as dôres pode cair das mãos, chamar-se óbolo, ou vir do coração, chamar-se lágrima". (Victor Hugo — a Piedade Suprema).

Era uma emprêsa árdua, espinhosa, cujos resultados pareciam incertos a outros que não um convencido, — na quadra de aperturas financeiras que atravessava o País.

Mas, para me servir das expressões do maior lírico português do século XVIII, (Garção)

Árduas emprêsas, ríspidos trabalhos,
Em nobres corações de imortal glória
Acendem claro lume,
O claro lume que apagar não podem

Nem a descarnada mão da triste inveja
Nem a foice cruel do voraz Tempo...

Em Dom Manuel, êsse lume tornou-se um foco brilhante, poderoso, à escarpa de uma penedia, para preservar o navegante do soçôbro e aclarar a noite trevosa na solidão dos mares.

Êsse ponto luminoso aclarou a situação nublada, dissipou as dúvidas que ainda restavam sôbre a intensidade e extensão do flagelo, que aflige êste recanto da Pátria Brasileira, atraindo para êle tôdas as atenções, desde o mofino operário ao opulento capitalista — do simples jornaleiro ao mais alto funcionário do Estado.

E, graças aos dotes insinuantes da sua pessoa, conseguiu Dom Manuel tornar a esmola, não um tributo impôsto, por constrangimento pessoal, senão uma dádiva espontânea de caridade, porque

Tel donne à plains mains que n'oblige personne:
La façon de donner vaut mieux que ce qu'on donne.
(Corneille — Le menteur)

A gratidão do povo cearense será mais duradoura do que as ovações interesseiras do partidarismo político, porque nascem de um sentimento espontâneo, impulsivo, de tôdas as classes, mesmo daquelas que nunca aplaudiram os ídolos do dia nem adoraram o sol que desponta. E porque S. Excia. Rev.ma. (como disse Tennyson)

Gave to the people of his best

deu ao povo o que tinha de melhor, o povo lhe retribui com o que tem de melhor — seu amor, seu reconhecimento!"

Com que eloqüência e vibração de estilo, traduz êste trecho

da Literatura perene o pensamento e a sensibilidade do nosso povo, ante o desígnio do Antístite audaz, que trocou o báculo pelo bordão, para esmolar em benefício da grei dispersa e faminta!

Aí está, sim, um exemplo de heroísmo, gravado na rutilância de um estilo lapidar!

Somos dos que podem falar, com imparcialidade e desassombro, sôbre a projeção intelectual e cívica do grande brasileiro, cujo centenário estamos, hoje aqui, celebrando.

Desde aluno, nos bancos desta Escola, onde a sua ilustração pompeava, tivemos profundas divergências, que se prolongaram, através das provas de um concurso, até quando, mais tarde, juntos, nos encontrámos nos percalços do mesmo ofício, ensinando os moços a amar, para poder aprender, um dos mais belos setores da Sabedoria: — a Ciência que os Romanos denominaram *Ars boni et aequi.*

Os atritos de idéias, por vêzes renidos, jamais diminuiram em nós o aprêço e a reverência pelo mestre e pelo sábio, como não diminuiram nêle as atenções e as provas de generosa estima com que sempre distinguiu o discípulo.

Consternadamente manifestamos, pela imprensa, a enorme perda para o Ceará, em 1929, quando baqueou, tocado pela morte, o ínclito professor de Direito, caráter altivo diante dos poderosos e alma sempre aberta aos pequeninos, aos desvalidos e desamparados.

Sentíamos que partira, prematuramente, para a Eternidade, aquêle que, entre muitos outros imperecíveis serviços ao nosso Estado, legara a coevos e pósteros, pelo seu prestígio e tenacidade de ação, o monumento jurídico que é a Faculdade de Direito do Ceará.

Disse, repetindo alguém, que, em qualquer idade, é sempre prematura a morte de um cidadão superior.

Nos pródromos do cinqüentenário desta Escola, que aguarda,

com tôda a confiança, a sua transformação numa Universidade, queremos crer que o espírito de Tomás Pompeu vivificará, com as irradiações da sua inteligência e do seu patriotismo, o novel e esperançoso centro de alta cultura do Nordeste Brasileiro.

As pétalas da saudade e da gratidão caiam, em chuva copiosa, sôbre o espólio imortal dêsse semeador das conquistas da Lei, da Justiça e da Liberdade!

ANTÔNIO AUGUSTO — PRÍNCIPE DA ORATÓRIA

Há uma lógica imanente na sucessão dos acontecimentos.

O centenário de nascimento do preclaro e inesquecível professor dêste instituto de ensino jurídico, dr. Antônio Augusto de Vasconcelos, representa como que primícias da comemoração do meio-século de existência da nossa querida e veneranda Faculdade de Direito.

Falar da fundação desta Escola de alta cultura é relembrar o homem que ligou o seu patrimônio intelectual e a sua ilustração humanística a êste seminário onde se têm formado gerações sucessivas de sacerdotes da Justiça e da Lei.

Antônio Augusto de Vasconcelos cursou a velha e gloriosa Academia do Recife, onde bebeu a doutrina substancial a que se prende a sua obra apostolar de missionário da Verdade e da Virtude.

Posso trazer, aqui, o meu testemunho de aluno e, ainda, o meu depoimento de colega, a respeito da trajetória luminosa do prezadíssimo e eminente mestre, através do seu itinerário pelo magistério superior, neste Templo do Saber.

Foi exemplo de pontualidade no cumprimento das obrigações funcionais e bem pesava a relevância moral da grave e nobre tarefa de transmitir à mocidade o fogo sagrado do amor à instrução, do culto ao bem, da primazia dos valores éticos.

As suas lições elevavam a cátedra à dignidade de um púl-

(*) Discurso pronunciado por ocasião da comemoração do centenário de nascimento do professor Antônio Augusto de Vasconcelos, na sessão solene da Faculdade de Direito, realizada a 23 de dezembro de 1952.

pito. Traçava aos discípulos diretrizes mentais que tanto enalteciam os seus sentimentos de patriotismo e de fé.

Foi sempre irredutível barreira às idéias extraviadas do caminho do bom senso e da sã razão.

A sua ortodoxia, no campo da Ciência, era o reflexo da sua cerebração robusta, esclarecida à luz da filosofia perene.

Por onde passou ficaram os rastros fulgurantes das suas iniciativas idealistas e do seu vivo pendor para a causa da educação e do aprimoramento cívico da mocidade.

Formado em Pernambuco, no ano de 1880, recebeu das origens históricas do vetusto convento de Olinda aquilo que poderíamos chamar, numa alusão, em todo o ponto procedente, o influxo das tradições beneditinas daquele alcandorado mosteiro, pois foi sob o teto da abadia primitiva, que, por assim dizer, nasceu a famosa Universidade da capital nortista.

Por aí se vê que a sua inspiração de disseminar, por tôda a parte, o gôsto das pesquisas minuciosas e percucientes veio das ligações entre o sentido das coisas divinas e das coisas humanas.

Nomeado promotor da comarca de Canindé, voltou as vistas para o âmbito do ensino popular, na cidade do Patriarca de Assis, predestinada a ser um centro de ótimos colégios, a serviço da pobreza dos nossos sertões castigados periòdicamente pelas sêcas.

Removido para Granja, fundou ali um jornal, uma escola popular e um gabinete de leitura.

Promovido, logo mais, a juiz de Aracati, também lá despertou, no meio social, o incentivo pelas preocupações da alfabetização infantil e participou da brava jornada em prol da emancipação dos escravos.

Transferido para Pereiro, instalou naquela cidade um salão literário e uma escola noturna.

Abandonando, então, a magistratura, retornou a Fortaleza, dedicando-se à profissão do ensino, para a qual sempre sentiu irresistível atração.

Dirigiu, mais tarde, a Biblioteca Pública e pertenceu ao corpo docente da Escola Militar, fundada, em Fortaleza, em março de 1889, último ano da Monarquia.

Regeu naquele estabelecimento tão famoso, na Província, a cadeira de História, com aplaudida proficiência, impondo-se entre os estudantes pelo brilho das suas preleções e segurança dos seus conceitos.

Em 1896, foi nomeado professor de Geografia do tradicional Liceu do Ceará.

Na afirmação eloqüente dos fatos, Antônio Augusto de Vasconcelos foi educador emérito, que percorreu tôdas as etapas do ofício, desde o preparo primário da infância, através dos cursos que ministrou nas cidades sertanejas e das aulas de humanidades, nos colégios particulares e oficiais, até os esplendores da cátedra nos institutos de grau superior.

"Tôda a sua vida — conforme ficou bem assinalado, com justiça, em seu necrológio na "Revista do Instituto" — foi uma expressão de confiança nos destinos superiores da inteligência humana.

Estudar sem tréguas, apreender tôdas as formas do pensamento e, depois, transmitir seus conhecimentos e opiniões no círculo dos amigos e discípulos constituia a sua grande satisfação mental.

Sôbre qualquer questão, mas principalmente sôbre os problemas concernentes à filosofia moral, à história geral, à sociologia, das quais se fizera provecto conhecedor, era um encanto auví-lo discorrer.

Pode-se dizer que o ensino ocupou a sua vida inteira, tendo nesse mister despendido as suas melhores energias.

Como Agapito dos Santos, José de Barcelos, Monsenhor Bruno de Figueiredo, êle foi um grande mestre de humanidades, que honraria qualquer meio culto.

Tinha, contudo, sôbre êsses a vantagem de um idealismo,

que era a própria essência do seu espírito e que sabia comunicar com o fulgor de uma eloqüência incomum.

Era Antônio Augusto um orador de raça, porventura o maior do seu tempo, no Ceará.

Dotado de imaginação poética e de excelente memória, gostava de entretecer a sua palavra com o sortilégio das lendas e dos exemplos históricos, forjando imagens ao calor de um entusiasmo vigoroso e de benéfico otimismo.

A sua linguagem era espontânea e colorida, saindo-lhe dos lábios cadenciada e rica de entonações.

A voz era forte, cheia e sonora, o vulto simpático, o gesto longo e dominador.

Havia, talvez, muito romantismo na sua eloqüência, revelando uma cultura literária ainda ligada aos cânones de 1830, o que não diminuia a beleza dos seus discursos, nem o poder idealístico dos seus propósitos, mas contrastava, evidentemente, com o ultilitarismo mental da nossa época.

Se o ensino foi a grande predestinação dêsse nobre espírito, a sua mais viva ambição e do qual fazia menos uma profissão do que um apostolado, a eloqüência foi a sua grande arma intelectual, arma radiosa e bela como um prêmio divino".

Segundo assinalamos, ao escrever a notícia da sua morte, em 10 de março de 1930, o dr. Antônio Augusto de Vasconcelos foi um dos nomes de maior relêvo dessa passada, opulenta geração clássica, pela sua solidez e profundeza de cultura, qualidades que, a pouco e pouco, vão rareando em nosso cenário atual.

Além disto, o talento de escol, que Deus lhe deu, estêve sempre a serviço do engrandecimento moral da nossa terra.

Orador imaginoso e vibrante, valia-se da palavra mágica para enaltecer as glórias das nossas magníficas conquistas espirituais.

Quem a êle assistiu, jamais esqueceu o discurso memorável, pronunciado no Forum de Fortaleza, pelo Joaquim Nabuco cea-

rense, príncipe da nossa oratória, na solenidade da aposição da imagem de Jesus Crucificado, no recinto do Júri.

Os surtos da sua eloqüência arrebataram a multidão e constituiram um dos triunfos oratórios mais assinalados e reconhecidos, em nosso meio intelectual.

Quando se erguia uma oposição à idéia, por parte dos pretensos espíritos fortes da época, quando se notava, aqui e ali, a timidez do respeito humano, a sua oração foi um desafio à ignorância e à incredulidade, sobretudo uma lição desassombrada de autêntico civismo e de reconhecimento da missão civilizadora do Cristianismo.

Teve, inalteràvelmente, o amor às causas santas e a paixão do Bem.

Mesmo nas palestras íntimas, nos torneios das rodas familiares, sabia expandir o calor da sua alma, inflamada no mais sadio entusiasmo, pelos empreendimentos nobres e generosos.

Nas aulas, representou o papel insígne de condutor da juventude para as alturas do Pensamento.

A elegância das suas atitudes, a retidão dos seus postulados, a clareza didática da sua linguagem corrente e tersa fizeram do dr. Antônio Augusto de Vasconcelos protótipo perfeito do bom professor.

Foi na cátedra de Mestre que fomos encontrá-lo, em nosso primeiro contacto, cercado da veneração dos lentes e dos alunos, dadas as suas proporções excepcionais de jurista e de literato.

A essência doutrinária das suas preleções era transmitida em estilo de uma magnificência escultural, oriunda do seu claro gênio latino.

Dos acadêmicos daqueles tempos áureos da nossa Escola Jurídica, os velhos catedráticos, quase todos fundadores de tão colenda instituição de ensino universitário, recebiam a merecida homenagem do maior respeito e admiração.

Tomás Pompeu de Sousa Brasil, Paulino Nogueira, Fran-

cisco de Assis Bezerra de Menezes, Sabino do Monte, Raimundo Ribeiro, Eduardo Salgado, Virgílio de Morais, Álvaro de Alencar, Soriano de Albuquerque, José Bonifácio da Silva Câmara, Graco Cardoso, Eduardo Saboia e tantos outros expoentes da alta cultura em nosso Estado despertavam nos moços a esperança de um futuro alvissareiro.

Via-se, então, no estudo acurado e porfioso, o caminho a seguir para alcançar as posições de honra e de relêvo.

O dr. Antônio Augusto de Vasconcelos era, entre todos, porventura, o modêlo fascinante a imitar, desde que nascera pobre, em Maranguape, e subira, sòzinho, com sacrifício, à custa do esfôrço próprio, até o elevado pôsto que atingira.

Ainda acadêmico, em 1879, casara em Pernambuco com d. Cesária Barreto Carneiro Leão.

O lar encheu-se de uma prole numerosa e ilustre, que foi o consôlo da sua velhice, o prêmio das suas labutas incessantes, a dignificação de uma família fidalga, que tanto enalteceu os créditos morais e mentais do nosso Estado.

D. Júlia de Vasconcelos foi erudita e exímia professôra, na antiga Escola Normal de Fortaleza, e ocupou com brilho uma poltrona do "Instituto do Ceará".

Carlos de Vasconcelos, notável engenheiro civil e escritor de pulso, deixou da sua passagem, no imenso vale da Amazônia, trabalhos da mais reconhecida valia para os interêsses da Nacionalidade.

Fêz levantamentos geográficos e traçou divisas no rio Purus e no Acre, defendendo o direito dos seringueiros à propriedade das suas terras.

Artur de Vasconcelos, sumidade clínica na Capital da República, nome que se impôs, no País e na Europa, como expoente da Ciência e líder da sua classe, era o médico dos médicos no Rio de Janeiro.

Abner de Vasconcelos, o primeiro aluno matriculado na Fa-

culdade de Direito do Ceará, ingressou na magistratura e percorreu, com a integridade da sua toga e a percuciência atilada da sua luminosa visão espiritual, tôda a escala da severa e nobilitante carreira que abraçou. Promotor, juiz, desembargador, procurador geral do Estado e, hoje, Ministro do Tribunal de Recursos, na metrópole do País, freqüentemente convocado para a Suprema Côrte da Justiça Federal, tem enriquecido a bibliografia jurídica, em nossa Pátria, de trabalhos que tanto exalçam e recomendam os foros da jurisprudência brasileira.

Manteve na Casa do Barão de Studart o renome do seu augusto pai e é, sem favor, uma das afirmações mais fulgurantes da operosidade, da ilustração, da honradez cearense.

Jaime de Vasconcelos, César de Vasconcelos e Waldo de Vasconcelos ocupam posição do mais destacado realce na esfera da advocacia, no Rio de Janeiro. São elementos que tornam lá fora, recomendáveis e assinalados os méritos desta Escola, onde fizeram, para gáudio nosso, a sua formação de técnicos do Direito.

Nilo de Vasconcelos e Edgard de Vasconcelos obtiveram igualmente a láurea de bacharel nos cursos desta casa, tendo legado, ao falecerem, uma memória inapagável à terra que tiveram por berço e a que serviram com dedicação e honestidade, hauridas no manancial de virtudes cívicas e morais do exemplo paterno.

Nem foram menos salientes os méritos das filhas do venerando casal, Hilda, Ester, Carmen e Zaide de Vasconcelos, tôdas educadas a primor e revivendo, na sociedade, a distinção e a finura tradicionais da família.

Na Congregação Franciscana, trabalha em nossa terra, como religiosa capuchinha, na humildade seráfica e na solicitude pelo bem do próximo, a senhorinha Zaide de Vasconcelos, hoje Irmã Gabriela, Superiora da Casa de Repouso Sagrado Coração de Maria, em Messejana.

Temos, assim, patenteado a projeção que, na genealogia cearense, alcançou a ilustre descendência do cidadão para quem, neste dia, se voltam as bênçãos e os louvores da Terra-Mãe.

Queremos reproduzir, a título de documentação, uma página digna de Antologia, da lavra do dr. Antônio Augusto de Vasconcelos. É modêlo de estilo arrebatado, nos vôos da eloqüência e, ao mesmo passo, joia literária de fino quilate, genuìnamente castiça.

O que há de singular, nestes períodos, borbulhantes de imaginação e de talento, é que os conceitos emitidos se aplicam, aqui e ali, de modo admirável a quem os escreveu. Nêles se reflete a sua personalidade, com encantadora exatidão, sem disto, por certo, se haver apercebido.

Está aí como que o auto-retrato do cidadão modelar, que se impôs, no seu meio, pelas cintilações do cérebro, e pelos predicamentos da alma.

"Admirar! É amar com o espírito. Amar! É admirar com o coração. São verbos que se completam, atitudes que se integram.

A natureza é uma maravilha, em que o espírito se abisma no mistério dos desiguais, todos harmonizados na sua finalidade. "Em tôdas as obras da natureza há o que admirar. Em todos os sêres, sem exceção, há um reflexo do poder e da beleza de Deus" — diz Aristóteles.

Assim também na Humanidade, onde há robles e caniços, onde há ouro, prata e areia, tudo de tudo, enfim, que se ama e admira!

Uns que são vistos por todos, porque a todos serviram, outros por grandes zonas que lhes batem justas palmas; diversos por seus vizinhos e os restantes nem por si mesmos, porque de si esqueceram, como aquelas virgens loucas que apagaram os seus círios.

Todos têm utilidades, mas o melhor que gozamos, — tôda a

luz, todo o progresso — vem daqueles que se fizeram faróis da travessia, como as árvores gigantescas, cuja sombra e cujos frutos vão servindo aos caminhantes.

Sempre sábia a Providência! Cada lugar, cada tempo tem sementes de eleição, que florescem e frutificam em benefício dos outros.

São os grandes super-homens. Agesilau os qualifica de estátuas animadas, Ésquilo, de trincheiras da pátria e Carlyle, dos melhores presentes que o Céu à terra oferece.

Êles sempre sobrenadam. Se tivesse de naufragar a Ciência do mundo, ficando sòmente Aristóteles, ficava tôda a Ciência, disse Kant, com razão.

E as sementes dos Aristóteles continuam a germinar, enriquecendo as idades.

"A história da Civilização, segundo Gustavo Le Bon, é a história dos grandes homens que vão se sucedendo, de idade em idade.

Os povos que não têm possuído tais homens não têm nem civilização nem história".

É que, dentre as potências que porfiam o cetro de soberano do Mundo, uma só tem primazia! O Poder vive inquieto, principalmente se lhe falta o prestígio da Justiça, que lhe dá brilho e renome; a Riqueza tem seus vai-vens e a Beleza é uma miragem, embora a mais empolgante. Tudo pode esmaecer. Só o Saber é a mais forte, a principal e mais brilhante, a que não perde o seu Tabor — *Omnia mea mecum porto* — que era o tesouro de Bias.

Só a Virtude não entrou na liça, porque nada quis da terra, olhando para o Céu".

Neste elogio apolíneo dos valores autênticos, neste panegírico bem lavrado dos epígonos mentais de uma nacionalidade, vemos sobressair a figura dominadora do conspícuo cidadão, a quem tributamos, nesta efeméride, a consagração do nosso maior respeito e reconhecimento.

Deixemos a biografia para os pequenos e medíocres — aconselha Latino Coelho, citado por Antônio Augusto. Para as grandes inteligências, basta-lhes o nome, os feitos e a voz universal, que os levanta e canoniza, acima do vulgo dos mortais.

Esta Faculdade de Direito, que se prepara para celebrar meio século de existência, se nos afigura valoroso atestado do merecimento e da benemerência do nosso inolvidável homenageado.

A êle se atribui, com todo fundamento, a idéia da instalação, nesta capital, do Solar Jurídico, por onde têm transitado distinguidos representantes da cultura cearense, nas letras, nas artes e nas ciências, na administração pública, na magistratura, nas lides parlamentares, no magistério, na advocacia e na imprensa.

Seja a celebração do Centenário do dr. Antônio Augusto de Vasconcelos oportunidade feliz para estimular entre os moços o aturado zêlo no aprender e o denôdo na constituição do caráter.

Enfrentamos mau tempo, que requer coragem e ânimo viril para superar a avassalante crise de decadência, só possìvelmente vencida pela vitória da Moral e do Direito, da Razão e da Caridade.

Quando o câmbio da espiritualidade declina, triunfam as seduções do interêsse subalterno, da irrefreada ganância dos bens materiais, da fome do ouro, da vaidade, do favoritismo e da ambição.

Sirvam de incentivo às gerações que despontam os lances de desprendimento altruístico e do civismo indefectível, de pobreza digna e de altivez edificante dêsse austero patriarca — varão de Plutarco a quem a Pátria amiga rende, neste dia, enternecido preito de saudade e gratidão.

"Merecimento — afirmou Antônio Augusto — é brilho que vem do Eu, não se tira nem se empresta; é o que é, como a verdade; revela-se a todo instante.

Pode a injustiça se armar dos dardos mais miserandos, não passa de vil poeira: a justiça brilha sempre! Deus não mente à sua obra! O estudo é sempre luz, o tempo — sempre riqueza".

Estas palavras traduzem, na realidade, a projeção dos fatos, no tocante à glória do nosso ínclito coestaduano.

"Não morre quem deixa semente — seja de luz ou de amor"!

Pronunciando Antônio Augusto esta lapidar sentença, traçou, evidentemente, para si mesmo, o destino imortal do seu ministério de sabedoria e de bondade!

JUSTINIANO DE SERPA — LUMINAR DO DIREITO

O Instituto do Ceará, no cumprimento do seu programa de exaltação dos valores da nossa gleba, relembra, hoje, o centenário de nascimento do seu insigne consócio, dr. Justiniano de Serpa, figura do maior relêvo em nosso cenário intelectual.

De fato, o eminente jurista e homem de letras, — parlamentar notável e administrador de larga visão — foi, por todos os títulos, alto ornamento da nossa vida intelectual.

Projetou sôbre tôda a extensão do território nacional os fulgores da sua inteligência privilegiada, na advocacia e na tribuna, na imprensa e na política.

Pelo talento e pelo coração, estêve sempre a serviço da grandeza da Pátria, vindo a terminar os seus dias no elevado pôsto de Presidente desta unidade federativa, para demonstração de que nunca esquecera as plagas gentis, onde teve o berço e iniciou os passos na carreira pública.

O Barão de Studart, no seu depoimento circunspecto e autorizado, chama Justiniano de Serpa — valente lutador. É que venceu todos os obstáculos que se lhe opunham, com pertinácia e inquebrantável fôrça de vontade.

Filho de Manuel da Costa Marçal, nasceu na histórica cidade de Aquirás.

De origem humilde, esta circunstância, no dizer consciencioso do seu douto biógrafo, mais realça os méritos do ilustre homenageado. Realmente, sem pai alcaide e quaisquer favores

(*) Oração pronunciada na sessão solene do Instituto do Ceará, comemorativa do centenário de nascimento do dr. Justiniano de Serpa.

da fortuna, conseguiu, sòzinho, a fôrça de trabalho perseverante e tenacidade no estudo, impor-se em nosso meio, assumindo papel saliente nos quadros do Partido Conservador da Província.

Ocupando sucessivamente uma poltrona na Assembléia Legislativa, de 1882 a 1889, notabilizou-se no curso dos debates pelo brilho da argumentação, elegância oratória e fidalguia de trato.

Na campanha em prol da redenção dos escravos, assumiu lugar de destaque entre os batalhadores da grandiosa pugna, que encheu de glórias a Terra da Luz.

Surgindo o movimento republicano, impôs-se como adepto das idéias novas, sendo eleito representante do povo à Assembléia Constituinte e, depois, deputado à Câmara Federal.

Formou-se em Direito na tradicional Faculdade do Recife, recebendo a láurea de bacharel em 19 de novembro de 1888.

Deixando o partido em que militava no Ceará, transportou-se para Manaus, em 1896 ocupando, ali, postos de tôda evidência, como professor do Liceu Amazonense, diretor da Biblioteca Pública, superintendente do govêrno do Município e procurador seccional da República.

Transferindo-se em 1898 para Belém do Pará, alí se radicou, nas pugnas da advocacia, podendo-se afirmar, sem exagêro que os seus triunfos garantiram-lhe lugar de subida notoriedade no fôro da importante capital nortista.

Lente da Faculdade de Direito e vice-diretor daquele instituto de ensino jurídico, familiarizou-se com a cátedra e ganhou a legítima láurea de sumidade no magistério superior.

Em 1906, eleito deputado federal pelo Estado irmão, foi reconduzido várias vêzes, com o voto e a confiança do povo paraense, ao Congresso do País.

Ligou a sua reconhecida competência de luminar do Direito a grande número de trabalhos legislativos da maior influência e alcance para a vida democrática nacional.

Fêz parte, na Câmara, da Comissão Especial, a cuja audiência foi confiada a última demão do projeto, para encaminhamento ao plenário, do Código Civil.

Como se vê, a passagem do dr. Justiniano de Serpa pelo Parlamento constituiu motivo de orgulho para o rincão nativo, que nêle aponta um dos seus autênticos expoentes no campo da atividade pública.

No exercício do múnus legislativo, atraiu as vistas gerais para a elevação e critério do seu espírito, formado na escola do respeito aos princípios da legalidade e da ordem.

Foi, então, que o Ceará levou a sua indicação às urnas, como candidato à suprema direção do Estado.

Vitorioso no renido pleito, regressou ao ninho antigo, com as melhores disposições de contribuir para o bem e prosperidade dêste recanto da Pátria, onde viu a luz.

Empreendeu com ânimo resoluto reformas administrativas de inconfundível eficácia.

A reconstrução financeira, a autonomia da Justiça, o remodelamento da Instrução, em bases progressistas, representam iniciativas dignas dos melhores aplausos e dos mais justos louvores.

Em eloqüente discurso, proferido no Palácio do Govêrno, ao agradecer a manifestação de aprêço das classes sociais, na data do seu aniversário, proclamou que rendia sinceras graças a Deus por ter podido dedicar à sua terra as energias da inteligência e do coração, de que ainda dispunha, de lhe ser dado testemunhar, após um quarto de século de ausência, o fervente amor que lhe devotava.

Afirmou, então, com aplaudida ênfase, que governar não é satisfazer mera ambição pessoal, não se reduz ao egoismo de um ideal próprio, mas, muitas vêzes, o resultado das condições e circunstâncias do ambiente.

Traduziu, assim, muito bem, o que se realizara, em relação

à escolha da sua personalidade para as árduas atribuições do cargo que ocupava com tanto realce para os nossos foros de cultura e de civismo!

Declarou, com fina argúcia de pensamento, que, em qualquer obra d'arte, basta o gênio do autor, conjugado ao seu generoso esfôrço, para atingir pleno êxito.

Ao estadista, não! Tem, no govêrno, que refrear paixões, opor-se a interêsses subalternos, reprimir ganâncias e, sobretudo, conhecer os homens, para bem se desempenhar do dever que lhe incumbe.

Ao tomar o leme da nau do Estado, apelara para a abnegação dos políticos. Podia asseverar que contara com a sua boa vontade para empreender uma ação enérgica de saneamento das finanças, de independência, — quanto à magistratura e à instrução, — dos enleios e enredos facciosos.

Disse, judiciosamente, nessa ocasião: — "Nenhum povo pode ser bem governado, sem a vontade firme de o ser".

Nesta sábia sentença, apoiou o seu desígnio de contar com a colaboração comum para a maior grandeza e prosperidade da terra amiga e sofredora.

Lembrou aos seus auxiliares, que tanto se distinguiam no zêlo da coisa pública, a necessidade da sua ajuda esclarecida e corajosa para levar adiante o programa que se traçara.

Assinalou que os governos que descem a montanha começam a ter maior número de inimigos...

É da sua índole dizer ao povo, com lealdade, o que sente e o que pensa, esclarecer a todos sôbre as suas atitudes.

A ninguém ameaça; não tem mêdo, pois, de ameaças.

Não injuria; também, não se arreceia de injúrias. Não caluniou na imprensa; disso, portanto, não se teme.

Foi educado no respeito à opinião pública, maximé à opinião dos seus coestaduanos.

Faz questão de ser julgado com justiça. Se alguma cousa

o Ceará lhe deve é, precisamente, a sinceridade que põe nos seus atos, o amor entranhado que lhe consagra.

Ama-o tanto, que só isto poderia servir de excusa aos seus defeitos.

Se, porventura, exigissem dêle, para a conquista das posições de destaque, esquecesse todos os gloriosos motivos do seu enternecimento e amor pelo Ceará, prefereria, por certo, a perda das posições.

Terminou o seu discurso, de alma aberta diante da enorme assistência que o aplaudia, assumindo o compromisso de empregar ainda maiores esforços para bem servir o seu Estado.

E isto valesse para que os seus concidadãos o auxiliassem a levar a bom têrmo o seu govêrno. Concluiu: — "É isto um imperioso dever de consciência".

"O que cabe ao Ceará de hoje é tudo fazer para que o Ceará de amanhã seja uma terra digna de culto, de enaltecimento e de admiração!"

Tão nobres e belas idéias, que, então, resumimos numa nota de jornal, repercutem, ainda agora, como modêlo de eloqüência patriótica e de circunspecção, no traduzir os sentimentos de dignidade para com o exercício das funções democráticas!

* * *

Entre as festas que em 1922 se realizaram em Fortaleza, para celebrar o primeiro século da nossa emancipação política, incluiu o dr. Justiniano de Serpa a reorganização da Academia Cearense de Letras.

Reuniu no Palácio da Luz os intelectuais de maior evidência em nosso meio e reestruturou o velho sodalício, que se encontrava em completo estado de languidez e abandono.

Dirigia os trabalhos com extraordinária agilidade mental, a todos encantando o brilho da sua palavra e o acêrto das suas indicações.

No da 8 de setembro, com tôda solenidade, instalou-se a nova fase daquela instituição, tendo como presidente de honra o insigne Chefe do Govêrno e como dirigente principal o venerando e ilustre professor de Direito, dr. Tomás Pompeu de Sousa Brasil.

Ao lado do Presidente Serpa e do saudoso Arcebispo Dom Manuel da Silva Gomes, tomaram assento no salão nobre do Clube Iracema personalidades do mais alto relêvo em nosso meio intelectual e social.

Falaram o presidente efetivo da douta associação, dr. Tomás Pompeu, o dr. Antônio Augusto de Vasconcelos, o dr. Antônio Teodorico da Costa e, encerrando a sessão, com arrebatadora eloqüência, o orador de raça que era o nosso homenageado de hoje, a quem bem cabia o título de Demóstenes Cearense.

Membros da Academia, ali se encontravam figuras de inesquecível projeção na vida do pensamento e que já desapareceram do nosso convívio: — Tomás Pompeu, Barão de Studart, Raimundo Arruda, Antônio Augusto, Antônio Teodorico, Álvaro de Alencar, Raimundo Ribeiro, Alfredo Castro, Quintino Cunha, Leonardo Mota, Francisco Prado, Soares Bulcão, José Sombra, Júlio Ibiapina, Carlos Câmara.

Dos vivos restam ainda Pompeu Sobrinho, Alba Valdez, Beni Carvalho, Cruz Filho, Sales Campos, Cursino Belém, Otávio Lôbo, Fernandes Távora, José Lino, Andrade Furtado.

Em mim permanecem as impressões vivas daquele perfil romano, com a cabeça inteiramente envolvida numa toalha de neve, o gesto dominador, a falar das coisas do futuro com o otimismo e o entusiasmo de um predestinado da palavra.

Justiniano de Serpa impunha-se, na tribuna, pela imponência que assumia, na mímica e na voz, transmitindo ao auditório o calor inflamado do seu coração, como fazem os autênticos mestres da eloqüência.

Chamou aquêle dia — "memorável efeméride para as letras

alencarinas", prognosticando que o facho reaceso em instante assim propício haveria de arder e luzir, através das idades, para honra das nossas tradições de cultura e afirmação do valor espiritual da raça.

Quem assistiu à cintilante exortação do Mecenas daquele ano jubilar da Pátria, em nossa terra, jamais esqueceu, por certo, tão nobre surto de vigor intelectual e de entusiasmo cívico.

Justiniano de Serpa foi, acima de tudo, primoroso jornalista, possuindo a perfeita compreensão do papel preponderante da imprensa no mundo moderno.

"Na minha vida — disse-nos êle, certa vez, numa reunião da Academia Cearense de Letras — na minha vida tive uma aspiração constante: — ser jornalista. Se acaso não o consegui, foi para mim uma decepção".

Ninguém com justiça pode contestar o dom e o timbre com que exerceu o ministério da pena.

José Sombra, a quem tenho a honra de substituir na cadeira que ocupou nesta Casa, com o fúlgido encanto do seu verbo, exalçou os méritos de publicista do ínclito conterrâneo.

Na sessão fúnebre, levada a efeito no Teatro José de Alencar, trinta dias após o seu desaparecimento, provou de maneira exuberante que o morto ilustre, entre as rútilas facêtas do seu talento polimorfo, conforme fôra a sua vocação, afirmou-se um esgrimista da imprensa, na mais completa expressão da palavra.

Sabia respeitar o contendor e dignificar a profissão, jamais embebendo no fel da calúnia, do despeito e do ódio a gloriosa clava, nas justas do pensamento.

Em longos e aturados anos de manejo da pena, na atividade de todos os dias, teve sempre a coragem que tanto lhe enaltece a memória, de suportar serenamente os mais fortes aleives, sem descer ao terreno das retaliações pessoais e dos baixos agravos.

Foi esta, sem dúvida, uma das suas virtudes precípuas, como valoroso polemista.

Aí temos uma demonstração dos seus sentimentos de pundonor moral e da sua formação cristã.

Justiniano de Serpa fêz largo tirocínio nos jornais do seu tempo. Redigiu, na Monarquia, "A Constituição", órgão do Partido Conservador, e em 1889, na República, "A Pátria", com Barbosa Lima e Ferreira Santiago; "O Norte", com Martinho Rodrigues, Gonçalo de Lagos, Drumond da Costa e Alves Lima, de 1891 a 1893; "O Diário do Ceará", com José Lino, Álvaro Mendes e Roberto de Alencar; "Iracema" órgão do "Centro Literário", com Barão de Studart e Rodrigues de Carvalho, todos em Fortaleza.

Em Manaus, foi redator-chefe da "Federação" e do "Rio Negro".

Em Belém do Pará colaborou, freqüentemente, nos principais diários daquela capital.

Como administrador, os atos do seu govêrno, segundo o juizo imparcial dos comentadores da época, recomendavam a sua clara supervisão de estadista.

A reforma da Constituição do Ceará, os métodos seguros postos em prática para a melhor arrecadação dos impostos, a codificação das leis estaduais, a reforma da instrução primária, vasada em modelos aperfeiçoados de ensino racional, o esfôrço para normalizar a situação das finanças públicas, a iniciativa de um empréstimo para solução do problema d'água e esgôtos da nossa metrópole, a firmeza na direção política, num tempo de grave agitação partidária, o tato em conduzir os assuntos de interêsse social — bem revelaram o seu temperamento e a sua habilidade de condutor de homens.

Cercou de acatamento e de prestígio a Religião cearense. Penetrado do profundo influxo do nosso meio católico, manteve distintas e respeitosas deferências para com o poder eclesiástico.

Adoecendo gravemente, durante o período presidencial,

transportou-se para a Capital do País, à procura de mais amplos recursos médicos.

Lá, não obteve atenuação para os seus males, vindo a falecer a 1º de agôsto de 1923.

Frei Marcelino de Milão, de inesquecível reminiscência entre nós, ministrou-lhe todos os sacramentos da Igreja e assistiu aos seus últimos momentos. Morreu identificado com a nossa fé, dando comovedor exemplo de humildade e subsmissão aos desígnios de Deus.

Durante tôda a sua trajetória na vida, revelou sempre Justiniano de Serpa sensível instinto popular, que o levava a perceber, como ninguém, as manifestações da vontade coletiva.

Era do seu feitio ser útil aos semelhantes, trabalhar para o bem geral, colocar-se à altura da confiança nêle depositada.

Foi cérebro portentoso, pela pujança do seu intelecto, de uma clareza de espírito incomparável, de uma intuição pronta e segura, dotado de um senso de equilíbrio e de oportunidade, verdadeiramente ático.

Êsse discernimento espontâneo, que tinha afinidade com os grandes gênios europeus, sòmente se poderia explicar pelo contacto constante com os mestres da psicologia das massas, versando como versava o estudo do Direito em suas fontes sociais.

Foi, com efeito, um político que fascinava os eleitores nos comícios e, depois da vitória, não lhes decepcionava a esperança.

Abolicionista intemerato, na campanha pela redenção dos negros, com Antônio Martins e Antônio Bezerra, empunhou a lira para cantar epinícios à Liberdade.

Na tribuna do órgão Legislativo ou no Forum, fêz do verbo um gládio para o êxito da administração e da justiça.

No jornalismo, combateu de tôda a sua alma pelas magnas causas, pelo maior prestígio da Pátria.

Na tese de concurso para a Cadeira de Literatura Nacional,

dissertou com notável aprumo sôbre a Educação Brasileira e os seus efeitos em nosso meio literário.

Tem plena razão o "Instituto", nesta solenidade dignificante, de render sentida homenagem de saudade e veneração à memória do seu antigo par e um dos mais conspícuos luminares da jurisprudência e do magistério, das letras e das ciências, da política e do parlamento, com uma fôlha opulenta de brilhantes serviços ao Ceará e ao Brasil.

FIGURA DE APÓSTOLO

O "Instituto do Ceará", na reunião de hoje, presta homenagem do mais alto aprêço ao seu eminente consócio, Dom Antônio de Almeida Lustosa, por motivo da passagem do 25º aniversário da sua sagração episcopal.

A família conterrânea celebrou tão expressivo acontecimento com vivas demonstrações de alegria. Êste sodalício, a que pertence o ínclito Prelado, quis, em boa hora, associar-se às manifestações tributadas a uma figura de Apóstolo, cuja projeção no cenário das letras é reconhecidamente título de honra para os nossos foros de intelectualidade e de cultura.

No período da festa jubilar do ilustre Antístite, lágrimas misturam-se a tanta efusão de contentamento. Veio a desaparecer o seu inesquecível antecessor no Govêrno da Arquidiocese de Fortaleza, Dom Manuel da Silva Gomes.

Encheu-se de luto o coração dos católicos e, particularmente, o Episcopado e o Clero Cearense. O venerando e saudoso Pastor, que dedicara a vida inteira ao bem espiritual e material do seu rebanho, fôra, em verdade, modêlo de abnegação no exercício das suas altas funções.

A sua morte abriu profunda mágoa n'alma da nossa gente. Dom Antônio, ante a perda do grande amigo e luminar da Fé, tendo em vista a nossa insistência, recebe êste preito de admiração e de justiça, que o "Instituto" lhe oferece, como dirigido à

(*) Discurso pronunciado na sessão solene do "Instituto do Ceará", em homenagem às bodas de prata episcopais de Dom Antônio de Almeida Lustosa, no dia 20 de abril de 1950.

Igreja mesma, na continuidade ininterrupta do seu ministério de bênçãos.

Realmente, o Arcebispo não se pertence: — Dá-se todo a todos, na expressão de São Paulo.

Achamos do nosso dever significar, na oportunidade de uma efeméride tão expressiva, o quanto nos merece o companheiro, cujo convívio, nos trabalhos desta casa, sobremaneira nos dignifica e nobilita.

Temos em Dom Antônio de Almeida Lustosa, de fato, um autêntico pesquisador das preciosidades regionais dêste trecho do Brasil, onde exerce com operosidade infatigável o múnus evangélico.

O tempo, que lhe sobra, dos exaustivos labores de cada dia, é aproveitado, valiosamente, em benefício do conhecimento e divulgação de tudo o que se relaciona com êste querido pedaço da Pátria.

Nas Visitas Pastorais, as peculiaridades do nosso meio, as expressões típicas da linguagem sertaneja, as riquezas da flora ou usos e hábitos que representam nota singular da fisionomia social do nosso clima são objetos de anotações e comentários interessantes.

Assim, tem enriquecido a nossa literatura de páginas admiráveis que edificam e encantam, afirmando-se um dos mais argutos observadores da paisagem e do homem dêste recanto nordestino.

Não ficam, porém, aí as preocupações do escritor primoroso, que é o autor da memorável Pastoral sôbre as Sêcas do Nordeste. A ação que desenvolve, em prol das classes necessitadas, assume importância máxima, nestes dias de tão angustioso padecimento para a pobreza abandonada.

Dom Antônio de Almeida Lustosa sugere à mentalidade cearense, com as suas iniciativas beneméritas, a lembrança

da caridade da Igreja que se estende por todos os setores da vida e todos os quadrantes da Terra.

A Mensagem do Evangelho tem isto de extraordinário e fecundo: — tudo o que é humano está impregnado do mistério da Redenção.

A doutrina social do Sumo Pontificado repercute, por um desígnio sobrenatural, em todo o mapa do mundo civilizado.

Attlee, líder trabalhista na Inglaterra, tem razão em considerar a Rússia Soviética um dos países mais atrasados do Globo, um dos países onde menos se pensa no sofrimento do povo...

Cristo revelou a todo o Universo a dignidade da pessoa humana. Ela está muito acima do valor do dinheiro!

Tôdas as coisas, consoante a lição de Santo Agostinho, foram criadas para o Homem e o homem só para Deus.

Nada mais bárbaro do que a escravização das criaturas ao regime do materialismo embrutecedor, ao império do econômico sem moral e sem alma.

Vemos a moeda espiritualizar-se nas mãos dos arautos do amor cristão e produzir uma seara de benemerências, opulenta e inaudita.

Os fatos são eloqüentes! Acreditamos na fecundidade do Bem! A Igreja continua a ser, neste século de tremendos desníveis humanos, a grande defensora dos princípios naturais de preservação contra as fôrças do mal.

No meio do báratro dos sistemas de filosofia da época e dos programas de reforma econômica desatinados, é a sabedoria perene da Mestra infalível que há de orientar os destinos da Humanidade.

A lógica do Cristianismo é a dinâmica do Amor. A caridade paira acima do ódio. É arma vitoriosa nos combates pela conquista das consciências para suplantação do arbítrio, a serviço das tiranias.

Em um quarto de século de exercício do Magistério apos-

tólico — Dom Antônio de Almeida Lustosa vem demonstrando, nos sólios onde pontificou, em Uberaba, Estado de Minas, em Corumbá, centro de Mato Grosso, em Belém do Pará e, por último, na Arquidiocese de Fortaleza, que a missão do Catolicismo é derramar o bem em larga escala no seio das multidões.

A convicção que nos dá, em tantas cartas pastorais luminosas, escritas com ânimo de espalhar a verdade e mitigar a dor, é a de que a salvação do Mundo só nos vem de Cristo.

O seu empenho, nesses documentos de subido mérito doutrinário, torna-se evidente — suprir as deficiências e corrigir as infidelidades de uma imensa parcela de cristãos que não vive a sua Fé.

Por uma coincidência notável, as bodas de prata do nosso amado Metropolita ocorrem neste Ano Santo, que o Soberano Pontífice chamou "Ano de Deus", como que um Pentecostes especial da comunicação das graças do Salvador.

Ano do retôrno a Cristo, Ano de Perdão, ainda no conceito do Santo Padre.

Pois é nestes dias de glorificação da vida espiritual, nestes dias de triunfo esplêndido para a Cristandade, entre as consolações de sentir, como afirma o Vigário de Roma, que "as pegadas de Deus são indeléveis: mão alguma de homem as pode apagar" — que o Antístite Cearense vê defluir o seu 25º aniversário de sagração. Neste percurso de tempo, quantos benefícios derramados em tôrno de si! A tarefa de um Sucessor dos Apóstolos excede em grandeza e em nobreza tôda a concepção humana. É o que se traduz desta solene afirmação de Giovanni Papini: — "Saibam os que trabalham para conjurar os males presentes, os que quebram a cabeça para dar solução aos conflitos sociais, que os únicos que podem sanar a Humanidade, porque contam com remédios sobrenaturais, os únicos que podem preencher essa missão entre os povos, elevar-se a Deus e alcan-

çar-nos um raio de bondade e de amor, são êsses sêres abençoados que Jesus enviou pela terra, como o Pai enviou a Êle".

É, realmente, o fermento do Evangelho que, por tôda a parte, leveda a massa humana, e François Mauriac reconhece que o fato é incontestável, no mundo civilizado, como no mundo oriental, onde um bárbaro, para além da "cortina de ferro" se arroga o título de senhor dos espíritos.

O que caracteriza o Cristianismo é o culto dos pequenos, dos humildes, dos fracos, dos desgraçados, e, no dizer de Grandmaison, o "miserior super turbam" com o apêlo constante à responsabilidade das "elites".

Vemos, entre nós, como esta realidade palpita nas obras de beneficência empreendidas pelo Chefe da Igreja! O seu programa de alargamento das fronteiras da Fé, no campo social e mental, baseia-se, como é da essência da doutrina pontifícia, em três fortes pilares: — a verdade, a justiça e a caridade cristã. A êsse programa poderemos chamar, na metáfora de Bossuet, o Evangelho realizado!

Bem disse Pio XII: — a Igreja, no seu amparo aos desamparados, na sua ação social, possui tal riqueza de fôrças positivas e construtivas que não precisa de as pedir a ninguém. Há necessidade, apenas, de que os católicos, em todos os domínios, como é urgente e indispensável, no dizer de ilustre Prelado francês, se coloquem na primeira fila de reconstrutores, para fazerem prevalecer, em tôda a parte, graças aos seus princípios, a liberdade, a paz e a ordem.

Salvai o homem e tereis salvo o mundo! É êste o grito de comando que parte das colinas do Vaticano e repercute em tôdas as latitudes do Planeta.

Aqui, neste rincão fertilizado por tantos sofrimentos, bem sentimos o esfôrço do Pastor Angélico, refletido no seu emissário, vivamente empenhado na emprêsa de evangelização das almas.

Chamou Dom Antônio o Ceará — Terra Missionária. A Cruz de Cristo enobrece tôdas as outras, como disse um pensador contemporâneo. É a adversidade do meio hostil, por certo, que dá a fibra de tenacidade à nossa gente e a confiança invacilável com que enfrenta as incertezas do futuro.

Bem aprendemos, na lição contínua dos fatos, que Deus reserva para si o dia de amanhã. Colocamos na Providência do Senhor tôda a confiança, uma vez que, como faz notar Henri Perreyve, a nós dá-nos apenas a hora presente para amarmos a justiça e odiarmos a iniqüidade.

Em nossa condição de povo pobre, sujeito às alternativas climáticas que, de tempos em tempos, destroem as reservas econômicas acumuladas, aprendemos, nas tradições que nos legaram os ante-passados, a oferecer ao mundo uma concepção da vida baseada na lealdade e na confiança, no respeito à liberdade e na compreensão das necessidades do povo.

Além disso, conforme acentuou Ruy Barbosa, somos uma raça profundamente sentimental, e o coração é órgão da fé, órgão da esperança, órgão do amor.

Assim, entendemos melhor o sentido verdadeiro do progresso, colocando a ciência, realmente, a serviço dos homens, para torná-los, como observou o Cardeal Câmara, mais aproximados, mais unidos, mais solidários.

À frente da vossa grei, sr. Dom Antônio, podemos dizer, à maneira de São Paulo, "que vos não deixa descanso a caridade de Cristo", — êsse zêlo ardente da glória de Deus e da salvação das almas.

Todos os lazeres da vossa profícua atividade no amanho da seara divina são dedicados, generosamente, ainda, na sustentação dos direitos da virtude e no cultivo dos dons da vossa paternidade espiritual.

A sabedoria que a Religião infunde não é a do século, que varia com as modas mais em voga. É o conhecimento seguro dos

mistérios do mundo interior, com os seus problemas insondáveis, ùnicamente solúveis à luz da claridade transmitida pelo Mestre dos mestres aos seus discípulos.

É a ciência que regenera a consciência — ciência da pureza das almas e da retidão do caráter.

As soluções temporais não interessam às vossas ásperas jornadas pelos sertões agrestes, aos vossos intensos labores na metrópole e nas cidades... Reservais, como quer o Papa, as vossas preocupações, em primeiro lugar e antes de tudo, às promessas de Deus, que não enganam...

A vossa palavra repete o ensinamento antigo e sempre novo, mais que nunca atual, nesta hora de tentação e de sacrifício, palavra sempre necessária, como advertência à avidez de lucro das turbas: — "Procurai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e tudo mais vos será dado por acréscimo".

Não se trata de um mito, com que os maus atraem as multidões desorientadas, acenando-lhes com prazeres, fortuna e gôzo terrenos. Trata-se, antes, do ideal de felicidade, contido nas bem-aventuranças, pregadas pelo Cristo na Montanha, e que, depois de dois milênios, não perderam a sua bendita eficácia e reverdecem nas almas, como rebentos vigorosos da Esperança.

"Os conselhos de Cristo — escreveu há pouco Sua Eminência o Cardeal Cerejeira — enamoram ainda a enamoração sempre as almas mais puras e heróicas. Sem a realidade e o espírito das virtudes evangélicas da mortificação e da renúncia — o egoismo levantaria na terra, implacàvelmente, o seu trono tirânico, e tudo sacrificaria a êle, — a terra tornar-se-ia um cárcere!"

Para evitar êsse naufrágio da liberdade que a descristianização social acarretaria, espalha a Igreja, através da sua instituição hierárquica, diretrizes que visam a restaurar tôdas as coisas em Cristo.

Mais difícil, muitas vêzes, segundo acentuou com exatidão De Bonald, não é fazer o bem, mas discernir o bem... Daí a

importância, nesta época de tanta confusão e desnorteamento, do ministério confiado à plenitude do sacerdócio, para que o que é certo seja definido e profligado o que é mau.

Perguntaram a Chesterton, certa vez, que mandaria hoje Cristo, se voltasse ao mundo. Não hesitou o convicto neófito e conspícuo pensador em responder imediatamente: — "Mandaria o que manda a Igreja!"

É êste o papel dos continuadores da missão dos Apóstolos — espalhar por todo o Orbe aquilo que representa o pensamento e a vontade do Redentor. É a missão divina de Jesus que vemos prolongada na solicitude dêsses portadores da Boa Nova, que não se cansam de realizar a sua fé na santidade da sua vocação inteiramente consagrada a Deus.

Nada pode haver mais dignificante e honroso do que colaborar na salvação da Humanidade. É êste o serviço prestado aos fiéis, durante cinco lustros, com ardor vigilante, intrépido e infatigável, por Dom Antônio de Almeida Lustosa, que recebeu do Altíssimo a graça de desparzir, entre nós, os tesouros da munificência infinita. É na ação luminosa e corajosa de apóstolos como êle, à altura das exigências hodiernas da Civilização, que está o segrêdo da renovação moral do Mundo.

Varremos dos caminhos os empecilhos, com chefes decididos e prudentes, que sabem aonde vão.

Seria grave a continuação da inércia que, por vêzes, reinou em épocas passadas e que, no dizer exato de Papini, nos poria de costas para as fôrças vivas da História!

Agora, o panorama pode contemplar-se com otimismo. O futuro é dos que amam e não dos que odeiam. O futuro é dos que crêem e não dos céticos e vacilantes. O futuro é dos que esperam e atuam com firmeza, não dos tímidos e irresolutos.

São as expectativas de Pio XII, ao prever que uma forte corrente de ar puro percorrerá o mundo, dissipando a atmosfera de pânico e de pessimismo, que ameaça contaminá-lo.

Privilegiados os cristãos que trabalham para tornar melhores os tempos! Tem sido êste o empenho de quantos, como vós, sr. Dom Antônio, tudo sacrificam para semear entre os homens a fraternidade e o amor.

A vossa última Carta Pastoral é uma tentativa eloqüente para desfazer as incompatibilidades e ressentimentos reinantes entre as classes que cooperam na formação da riqueza. Chamastes a Igreja, com tanta propriedade, a grande protetora dos operários.

Sòmente Ela, com efeito, no seu magistério autorizado, ensina o uso legítimo dos bens terrenos. Se as suas resoluções fôssem aceitas — proclamou com tôda a insuspeição Clemenceau — não existiria o conflito social.

Como traduzem a realidade dêste problema as palavras por vós gravadas, no pórtico daquele documento, que não se pode ler sem admirar e aplaudir! "Mas o que é profundamente lamentável — não se conhece devidamente o que a Igreja ensina".

Destes uma comprovação abundante e esmagadora da tese com que glorificastes os monumentos pontifícios, fazendo ressaltar, de maneira convincente, a luz que projetam nas inteligências e o confôrto que derramam nos corações.

"Os males que atormentam o mundo — na vossa observação tão lúcida — serão sempre sem remédio, se os homens não entenderem que é indispensável a volta à vida cristã".

Ricos e pobres necessitam ouvir êste apêlo ao bom senso, para que os deveres recíprocos preenchidos possam reajustar, na sociedade, o equilíbrio da ordem e a segurança da paz.

Com que ternura falais aos proletários a linguagem da resignação e da confiança! Com que acento de gravidade lembrais aos capitalistas as obrigações inerentes à sua condição de fortuna!

"Os ricos — segundo o conceito de Pio XI, na Encíclica "Divini Redemptoris" — não devem pôr nas coisas terrenas a própria falicidade nem devem, para conseguí-las, empregar os

seus melhores esforços, considerando-se, porém, simples administradores, que deverão, um dia, dar contas ao Senhor Supremo; delas se hão de servir como de meios valiosos, proporcionados por Deus, para que possam fazer o bem".

Do contrário, acrescentais a advertência do texto de São Tiago: — "Acumulareis contra vós tesouros de ira para os últimos dias". Os bens temporais no ponderado conceito de Santo Tomás de Aquino, são esteios da nossa vida: — servem-nos de instrumentos para os atos de virtude.

Aos pobres dizeis, ainda na expressão do Papa da Fé Intrépida: — "Tenham em mente que jamais se conseguirá que desapareçam do mundo as misérias, as dores e tribulações, a que estão também sujeitos os que aparentemente, se apresentam como os mais afortunados. É necessário, pois, para todos a paciência cristã, que dirige o coração para as promessas divinas da eterna felicidade".

E concluis a citação do grande Pontífice: — "Assim sòmente se cumprirá a consoladora promessa do Senhor — "Bem aventurados os pobres". E estas não são consolações nem promessas vãs, como as promessas dos comunistas, são palavras de vida e de verdade profunda, que aqui se realizam plenamente e, depois, na Eternidade.

Com efeito, — quantos pobres encontram nestas palavras e na expectativa do Reino dos Céus, já proclamado propriedade deles — "porque vosso é o Reino dos Céus", encontram a felicidade que tantos ricos não possuem em seus tesouros, sempre inquietos e sequiosos de conseguir mais e mais riquezas!"

Pio XI, alfim, traça esta frase dramática em sua simplicidade, conforme bem o assinalais: — "A matéria inerte sai enobrecida da oficina, ao passo que os homens nela se corrompem e se degradam".

Contra êsse desastre, pugna, incessantemente, através dos séculos e de maneira a mais heróica, o Cristianismo!

A vossa devotada tarefa de esclarecer e guiar as consciências constitui, em 25 anos de romagem apostólica, a exaltação mais bela da Cruz peitoral, que é o vosso brasão de glória!

Colaborais, com o Pai Comum de todos os fiéis, na obra imperativa e urgente, generosa e edificante de afastar dos meios cristãos envenenados pelos preconceitos e sofismas liberalistas, aquela *religião de superfície,* aquêle *catolicismo de exteriorida-des* de que fala com amargura Pio XII, como de ilusões perigosas.

Sois, dest'arte, um defensor da cultura autêntica, contra as fôrças intelectuais de destruição do patrimônio de honra e de civismo da família humana.

O "Instituto do Ceará" reconhece a eficácia e a excelência, a atualidade e a importância da vossa missão benfazeja e patriótica.

Rende ao preclaro Príncipe da Igreja, na oportunidade feliz do jubileu da sua sagração, o preito do maior acatamento e faz votos a Deus pela prosperidade crescente do frutuoso apostolado, exercido pelo eminente consócio com tanto realce para as tradições de nobreza do Episcopado Nacional e com tanto fulgor para a vida espiritual da Terra da Luz!

CARLOS DE LAET — JORNALISTA INEXCEDÍVEL

A comemoração, que o "Instituto do Ceará" hoje promove, merece da nossa parte todo o respeito e carinho devidos aos numes da Nacionalidade. Celebramos, neste dia, o centenário de nascimento de um dos mais brilhantes cultores da Literatura Brasileira, sem favor jornalista inexcedível da nossa imprensa, em todos os tempos, Carlos Maximiano Pimenta de Laet.

A sua figura de polemista exímio jamais, com efeito, desaparecerá da lembrança dos coevos e dos pósteros. É que o batalhador singular dos renidos prélios do pensamento nunca foi superado em vivacidade de inteligência e pureza de linguagem, em segurança de argumentação, em coerência com os princípios austeros da verdade, sem que tão pouco deixasse à margem os recursos do humorista, para que sobressaisse o sal ático do seu apurado bom gôsto estilístico. Ao lado de Lafayette Rodrigues Pereira, Joaquim Nabuco, Ferreira Viana, Rio Branco, Eduardo Prado, Afonso Celso e tantos outros gênios tutelares da intelectualidade patrícia, trouxe, do tempo do Império, a formação humanística de uma cultura sólida, primorosa. Abeberou o espírito nas fontes de luz do Evangelho e pôs a sua pena invencível a serviço da causa da Igreja e da Pátria.

Conheci Carlos de Laet já quase octogenário, três anos apenas antes da sua morte. Guardo da sua fisionomia, acolhedora e simpática, reminiscência inapagável.

A agilidade mental com que palestrava em avançada etapa

(*) Oração oficial proferida no "Instituto do Ceará".

da vida era indício da juventude perene da sua alma. Feria assuntos em foco na política e no campo religioso com o sainete da graça, que lhe era próprio. Foi o então vigário de São João Batista da Lagoa, em Botafogo, depois Bispo auxiliar do Rio de Janeiro, Dom Rosalvo Costa Rêgo, que me apresentou aquêle homem a quem dedicava com enlêvo admiração profunda e altíssima. Enquanto conversamos, aquela tarde de abril de 1924, no seu gabinete de presidente do Círculo Católico, na rua Rodrigo Silva, crescia em mim a onda de veneração e de simpatia pelo saber e pela bondade do Conde de Laet. É que falava como escrevia, com elegância e fluência, dando ao receber-me com tanta expressão de espontânea afabilidade uma prova de fidalguia que me deixava realmente penhorado às suas maneiras cativantes.

Atrevi-me, assim, encontrando-o à porta de uma livraria, a novamente procurá-lo e com êle manter alguns momentos de palestra. Não ocultava a curiosidade pelos assuntos referentes ao Ceará e exaltou os feitos históricos da libertação e da conquista do Acre, como exemplo da tenacidade e valor da raça. Íntimo amigo de Geraldo Bezerra de Menezes, conhecia, através daquele informante precioso das coisas da nossa terra, particularidades típicas do nosso povo.

Comentava, por isso, diversos aspectos deveras interessantes dos hábitos e usos dos sertões onde referve com vigor o sentimento de honra e bem viva permanece a fidelidade à fé, herdada dos nossos maiores.

A tudo juntava a pilhéria imprevista, o dito anedótico, a referência enfusiante que marcava de um brilho "sui-generis" o seu modo de conversar.

Vi-o a êsse tempo ocupar a tribuna, para saudar o eminentíssimo e saudoso Cardeal Arcoverde, nas festas jubilares da ordenação sacerdotal do primeiro Purpurado da América do Sul. Foi um discurso pronunciado com admirável felicidade e

sóbria eloqüência o que o venerando diretor do Colégio Pedro II fêz para dar o seu testemunho a respeito da grande obra apostólica do inolvidável Arcebispo do Rio de Janeiro.

A sessão solene no Instituto Nacional de Música havia reunido a mais distinta assistência da capital da República. Falaram insignes oradores, como D. Duarte Leopoldo, cônego Benedito Marinho, Afonso Celso, Jackson Figueiredo, Ramiz Galvão, Jônatas Serrano, quando assumiu também a tribuna o Conde de Laet. Era uma grande emoção para mim ouvir o homem que admirava com tanto fervor desde a meninice, de quem colecionara centenas de artigos e considerava o príncipe dos jornalistas brasileiros.

Na verdade, a sua maneira de dizer tinha alguma coisa de original, pelo irresistível humor que sabia tão bem comunicar à assistência, a ponto de trazer o auditório constantemente irradiante de alegria.

Começou por afirmar que não sem maior dificuldade descobriu a razão do convite que recebera para falar naquele momento. Exigia-se, por certo, eloqüente entusiasmo, animação e ênfase, que já não se podiam encontrar num organismo septuagenário... Mas êle próprio achava que tinha sido feliz a escolha, porquanto, contando dois ou três anos mais do que o Cardeal, acompanhara de perto tôda a sua benfazeja e fecunda vida apostólica. Outros dela falariam apenas de oitiva. Êle não! Vira pessoalmente os acontecimentos, assistira às realizações e, como o caboclo do famoso poemeto de Gonçalves Dias, podia dar o depoimento esclarecedor da verdade:

"E quando nas tabas alguém duvidava,
Prudente tornava: — Meninos, eu vi!"

Analisou então, com brilho invulgar, a cabeça coberta da neve do tempo, contrastando com a jovialidade e viveza de

expressão, a carreira eclesiástica do egrégio homem de Deus, alvo de tão nobres homenagens.

Um dos oradores anteriores havia comparado o Cardeal Arcoverde a alteroso monte... Carlos de Laet achou o símile perfeito, mesmo porque o tratamento de estilo, dispensado àquele querido Antístite, era o de Eminência... E, servindo-se da imagem, passou a tecer considerações de uma precisão e justeza incomparáveis.

Disse que os que atentam nas alturas de uma cordilheira em geral julgam essas paragens elevadas sempre calmas e tranqüilas. Nem imaginam que nas ilhargas da montanha não raro se debatem os elementos e se entrechocam revoltosas as fôrças da natureza. Embaixo, paralelo à linha dos altos cumes, desliza um córrego humilde, escasso de água, cujo nome nem merece figurar no mapa corográfico.

A cordilheira era o Cardeal e êle orador o riacho pequenino, mas cujas águas guardavam a glória, pelo menos, de haver refletido, não sòmente os embates tumultuosos lá de cima, mas também as límpidas auroras que lhe iluminaram as alturas...

Percorreu depois, em rápida e cintilante análise, a trajetória dos árduos trabalhos ministeriais do abnegado Pastor da Igreja, no Brasil. Ao concluir o seu magnífico e aplaudidíssimo discurso, pediu vênia para ser original na sua peroração. Rompendo a pragmática, não ia pedir a Sua Eminência a bênção que tantas vêzes recebera de joelhos. Seria agora êle orador, pela prerrogativa da sua idade, que ia abençoar a Sua Eminência... "Deus vos abençoe, sr. Cardeal!"

Essas palavras reconstruídas pela imprensa, porque o discurso não fôra lido, e agora resumidas neste breve escôrço para mostrar o poder da eloqüência verbal do ínclito mestre na arte de bem falar, deixaram a quantos compareceram à solenidade inesquecível a mais íntima impressão. Ainda hoje, conservo na retina da memória, como se visse diante de mim,

o perfil de Carlos de Laet, sereno e majestoso, a encantar todo o vasto salão regurgitante do escol social da metrópole do País. Não era apenas escritor inimitável, mas igualmente conferencista primoroso.

Há, da sua lavra, além de alguns discursos de paraninfado nos colégios, jóias do mais bem acabado lavor, e do valioso livro "Em Minas", várias conferências de subido mérito científico como a que pronunciou no Gabinete Português de Leitura: — "Ferri: Sua construção científica", "Frade Estrangeiro", trabalho histórico de alta erudição, "Indiferentismo religioso", estudo doutrinário-apostólico, e "A Imprensa", crítica das mais bem feitas às leviandades e desvios, aos vícios e especulações da filha de Gutemberg.

O discurso com que recebeu na Academia de Letras a Dom Silvério Gomes Pimenta constituiu uma das mais fulgurantes peças proferidas no auditorium do nosso Silogeu. Ainda hoje não foi superada a excelência daquela obra prima da Literatura Nacional.

Sobretudo, o Conde de Laet possuía uma peculiaridade tôda sua em apresentar o assunto, sem se confundir com a maneira de ver dos demais. Encontrava sempre um ângulo diferente, por onde observava os homens e os fatos. Mas a sua prosa nada tinha de rebuscada e retorcida. Era correntia e fluente, com acentuado sabor clássico, sem emprêgo de têrmos difíceis ou arrevezados. Possuía aquilo que os gauleses denominam apropriadamente "verve" e que podemos classificar como calor ou vivacidade de expressão. Sabia ao mesmo tempo irradiar a virtude britânica do "humour", que revela um estado de espírito prazenteiro e bem disposto.

Precisamos documentar a nossa assertiva para lhe dar cunho de absoluta exatidão.

Do exórdio da conferência sôbre a Imprensa citemos a passagem que se segue: — "Em primeiro lugar, quando ocupo

esta tribuna — a do Círculo Católico da Mocidade — tribuna que algo tem de cadeira da verdade, pôsto que em plano muito inferior, e quando assim obedeço às ordens da ilustre diretoria desta associação, eu deixo lá fora tôdas as minhas aspirações políticas e quaisquer ressentimentos de escritor. E depois, preciso me é dizer-vos que nenhuma queixa tenho da imprensa do meu País. Efetivamente ela me tem conferido nos meus 36 anos de jornalismo todos os elogios e... tôdas as contumélias. É exato! Em 1880, um crítico muito notável e competente, o dr. Sílvio Romero, assegurava (pondo-me aliás em boa companhia) que na roda literária fluminense havia três rematados idiotas. Um era o sr. Machado de Assis, o outro era o Visconde de Taunay, o terceiro escusado é dizer-vos que era eu... Últimamente, porém, no longo, largo e grosso livro publicado para celebrar o 4º Centenário da descoberta do Brasil, o mesmíssimo crítico, sempre competente e notável, conferiu-me um pôsto de honra entre os dezesseis príncipes da prosa nacional. Lá está na página 125 — são 16 os príncipes, nem mais nem menos, e eu sou um dêles...

Com o sr. José do Patrocínio dá-se a mesma coisa. Ora, para êste publicista eu sou o varão impertérrito que, tudo sacrificando à defesa de uma idéia, permaneço de pé sôbre os escombros da Monarquia, ora o lacaio de Ouro Prêto a fingir que propugno a religião para fazer dela arma política.

Paciente eu tolero a afronta, satisfeito agradeço o cortejo; e quando me encontro com êsse cavalheiro a minha pergunta é esta: — José, em que ponto nos achamos? Teu último artigo foi elogio ou descompostura? Êle, com todo o seu bom coração, afiança que me quer muito... Somos excelentes amigos!

Um dos papéis que diàriamente se estampam nesta cidade, no dia dos meus anos, em 3 de outubro próximo passado, descobriu que eu era isto: "Publicista terso e impecável, caráter de têmpera rara, espírito desinteressado e indomável, condensando

a sua vida pública em um exemplo de desassombro e de intransigência, que há-de honrar-lhe o nome através da história". Eis o meu belo retrato de homem público; agora o do homem particular: "Em sua alma, o fervor das crenças políticas é apenas igual ao culto pela probidade e pelas nobres virtudes que, com o seu talento de eleição, formam, na sua individualidade, a couraça intangível com que se apresenta nas lutas jornalísticas".

Muito bem; mas passados oito meses, o mesmo jornal, cujo nome não cito por desfalecimento de memória, apresentou-me aos seus leitores como um ente asqueroso e com tôdas as chagas morais que podem afeiar a humanidade!

Senhores, não falando dos nossos vultos eminentes, que naturalmente estão sempre em discussão, eu, entre os homens medíocres e merecidamente obscuros, sou aquêle sôbre quem mais tem chovido elogios e diatribes. Claro está que nem despenduro as coroas que me oferecem, nem perco apetite com as descomposturas com que me escovam... Sabeis o que na aritmética se entende por *média*. Adicionam-se as parcelas e divide-se a soma pelo número delas. É o que tenho feito, e no fim das contas, acho que ainda foram generosos para comigo".

Êste trecho de Carlos de Laet define a sua maneira de expor, sem falsas conveniências e sem ira. Não perde o prumo, não se irrita, não deixa a linha da serenidade. Mas igualmente não dá tréguas ao opositor. É implacável na argumentação e jamais cede terreno a ninguém.

Vejamos. Manteve acesa polêmica com o pastor presbiteriano Álvaro Reis, durante longos meses. Fêz trabalho minucioso de exegese bíblica em tôrno de inúmeros aspectos da heresia protestante. Com que destreza de idéias e segurança de lógica defendia os ensinamentos da Igreja!

"Respondendo ao sr. pastor protestante Álvaro Reis — adverte Laet — tenho até aqui adotado o sistema de aguardar que o meu contendor ponha têrmo às suas ponderações, para

então devidamente refutá-las, e isto por uma razão de método, que era a de apreciar em conjunto a argumentação contrária, só lhe oferecendo combate depois de ver formada a sua linha de batalha. Agora, porém, o mesmo já não se dá. O sr. pastor não tem mais coortes, senão guerrilhas, e cumpre exterminá-las logo que se levantem.

S. S.ª não faz mais do que repetir-se; e nestas circunstâncias eu até poderia deixar de responder-lhe, se para proceder diversamente duas razões não influíram no meu espírito. Uma é que, muitas vêzes, neste labutar da imprensa diária, não faz mal acudir com a verdade, sempre que se propina a peçonha da falsa doutrina.

Ao finado Dom Pedro de Lacerda, que cêrca de duas horas se tinha demorado a pregar, com mal disfarçado remoque notou certo personagem: — "V. Ex.ª, assim muito se fatiga e até pode fatigar o auditório..." Ao que prontamente êle contestou: "Por mim não se incomodem, que não fui feito bispo para descansar; e a Vocês não são demais duas horas de verdade por dia para vinte e duas de mentiras..."

Insistir na sustentação da verdade é, pois, o dever que assim nos doutrinou aquêle piedoso prelado, glória que foi do episcopado nacional; e, pôsto que nem digno eu jamais me considerasse de lhe desatar as correias das sandálias, muito me honro de seguir-lhe os ensinamentos nesta missão da imprensa católica, o que de certo perante os leitores me servirá de excusa para essas longuras e insistências".

Contestando uma afirmação de Carlos de Laet, o sr. Álvaro Reis insiste em negar o que o antagonista sustentara. Vejamos como responde o mestre da contenda no campo do pensamento: — "O sr. pastor acha que Santo Inácio não podia ter pronunciado tal *heresia*, e grita: é falso! Como o demonstra? Indo ao lugar indicado por Bergier e denunciando que lá não estava a passagem? Não, senhores. O sr. Álvaro Reis foi ao "Flos

Sanctorum" e, como na ata do martírio de Santo Inácio não encontra aquelas palavras, conclui que elas não foram escritas! É pasmoso, mas é verdade. Singular meio de verificação!

O sr. Álvaro Reis, exemplo, ouve atribuir a Salomão aquêle pensamento: "O coração do sábio busca a doutrina: a bôca dos insensatos se apascenta de imperícia (Prov. XV. 14) S. S.ª vai ao Cântico dos Cânticos, e, como lá não encontra a citação, conclui que é falsa! De tais discutidores — *libera nos, Domine...*"

Também o Conde de Laet enfrentou Enrico Ferri, quando o cientista europeu visitou o Brasil e realizou em nossa Pátria uma série de conferências públicas sôbre doutrinas que foram por Laet qualificadas de "falaciosas utopias". Citemos um trecho de combate da pena do eminente escritor patrício contra a construção científica do famoso italiano:

"Ocupando-se com os tipos de criminosos imaginados e descritos em obras de fantasia, o professor Ferri publicou um livro em cujo antelóquio dá de si mesmo uma informação preciosa. Êle diz que prefere fazer dez conferências discursadas a escrever uma só... O cenário da sessão ou do espetáculo, o influxo dos vastos auditórios, o calor dos aplausos são para o ilustre propagandista como que aperitivos da sua loquela; e, ao invés disso, metem-lhe mêdo, causam-lhe frio os gabinetes silenciosos em que se encerram mais modestos pensadores, prosseguindo laboriosos nas pesquisas de suas idéias.

Senhores, natureza diversamente conformada, comigo se dá exatamente o contrário. Sinto-me bem no meu quarto só povoado de livros. Os auditórios, quanto mais numerosos e ilustrados, mais me intimidam e embaraçam. Peço, pois, excusa para a minha timidez; e, isto assim dito deixa de ser velha retórica para assumir o tom simpático e modesto da físio-psicologia.

Um dos livros mais conhecidos do sr. Ferri, e dêle existem

várias edições francesas, intitula-se "Socialisme et Science Positive". É de tôdas as suas obras a que melhor desenha a fisionomia do autor, dando-nos a linhagem da sua filiação intelectual. Ler êste livro é, portanto, remontar às fontes em que originàriamente bebeu Ferri, e assim melhor compreender a sua propaganda.

O livro tem como sub-título "Darwin, Spencer, Marx". Eis os três inspiradores do nosso egrégio itinerante, e aquêles em cujo estudo êle se formou, limitando-se a reproduzi-los com o aumento de uns corolários que diz lògicamente desentranhados daqueles seus progenitores. E se lícito fôsse acrescentar um quarto pai espiritual, e assim quadrar aquela trindade, eu lembraria o sr. Lombroso. O sr. Ferri darwinista, spencerista e Marxista mostraria a sua quarta e não menos brilhante facêta: negaria o livre arbítrio e escreveria sôbre o direito penal.

Filho de um século que, despenhado da aresta positivista, precípite, deslizou para o materialismo, Ferri, que aliás parece não ter feito especiais estudos de ciências físicas e naturais, deixou-se embeber da idéia darwínica. Para êle é um dogma que tôda a natureza se envolve de algumas poucas formas primitivas. As leis, sub-leis, quase-leis, pseudo-leis do darwinismo, êle não as discute, sôbre elas não admite dúvida. Depois Ferri leu Spencer, cujas doutrinas em geral decorrem do evolucionismo darwínico e abeberou-se também de Spencer. Quanto ao Marx, sua grande razão, para êle, Ferri, de aceitá-lo sem discrepância, foi apenas uma razão de autoridade: "O dogmatismo de Karl Marx (diz-nos Ferri) é intransigente e reveste forma algum tanto sêca e áspera, mas o conteúdo geral é irresistível, porque se acha em completo acôrdo com tôda a corrente do pensamento científico moderno (Socialisme et Science Positive, Paris, 1896, pág. 37, note).

Já pelo que sumàriamente fica exposto, começais, senhores, a compreender a configuração geral do arcabouço científico

de Ferri. Suas bases estão em ciências que êle especialmente não cultivou, e que considera como definitivas conquistas da filosofia positiva, quando realmente não é lícito dá-las senão como simples hipóteses, impotentes para explicar grande número de fatos.

As deduções que das ciências naturais aplicou à Sociologia padecem tôdas da ilegitimidade das primeiras hipóteses. E, por fim, quando tratou de coroar o seu edifício com o lanternim do Socialismo, outra razão nos não dá senão a da conformidade de Marx com o movimento científico moderno, isto é, com o darwinismo e o spencerismo supostos incontestáveis.

A imaginação dos Gregos, confirmando num engenhoso mito a construção babélica, representa-nos uns gigantes que, colocando montes sôbre montes, pretendiam escalar o céu. Ferri e outros filósofos igualmente nutrem a audaciosa pretensão, mas em vez de penhascos são nuvens de hipóteses, são montanhas de fumaça os materiais que acumulam; nem é, pois, de admirar que para os subverter não mais seja preciso que uma aragem do bom senso..."

A longa citação foi intencional para que possamos apreciar a segura dialética e beleza de linguagem do eminente escritor a quem o Brasil deve as mais fulgurantes páginas da antologia nacional.

No dizer de um seu contemporâneo, Laet possuía uma inteligência clara, arejada e luminosa. O mais fino e mais elegante dos dons espirituais — a ironia — foi a nota predominante do seu talento.

Afirmou, realmente, alguém que a ironia é o sinal de elevação da inteligência.

Algumas vêzes usou da sátira para verberar os deslizes e sofismas do século. Então, as setas da sua aljava iam penetrar até o âmago das chagas sociais. Foi por isso considerado um

jornalista terrível, pelo emprêgo da arma do sarcasmo, sem dó nem piedade, para com as misérias humanas.

Ainda bem moço travou memorável polêmica com o grande esgrimista da pena — Camilo Castelo Branco. Será justiça proclamar que o impetuoso polígrafo lusitano, provocador dêsse embate, sentiu fugir-lhe a terra aos pés ante os golpes destros do "implacável florete do duelista brasileiro".

Não era um cidadão vaidoso. Desdenhava as honras mundanas e as glórias literárias. A prova disso é que publicou apenas um livro — "Em Minas" — e podia ter legado à bibliografia do País volumes e volumes de estudos magníficos do mais reconhecido mérito. Bastaria reunir, em tomos fartos, os artigos substanciosos, nos quais se retratavam tanta delicadeza de sentimento e amor à verdade, com que brindava os leitores dos mais importantes órgãos da Capital da República.

Informa um seu biógrafo que possuía a par de profunda erudição demonstrada à saciedade na cátedra de professor, durante a vida inteira, e nas colunas diárias da imprensa carioca, uma memória pasmosa a serviço de um estilo inimitável.

Há artigos de sua lavra que são ouro do mais precioso quilate. Pairou à altura dos maiores expoentes, que ocupam a primeira linha, em nossas letras, como Machado de Assis e Ruy Barbosa, para citar apenas dois epígonos da técnica de escrever bem no Brasil.

Foi chamado com razão um enamorado da cultura clássica, pois ninguém o excedeu no rito da pureza vernácula.

Os críticos dos nossos dias não podem de maneira alguma deixar de reconhecer nesse opulento e vigoroso prosador brasileiro que nos legou trechos os mais límpidos e os mais lúcidos das nossas bibliotecas, um legítimo intérprete das aspirações estéticas do nosso escol social. Foi por isso mesmo um poeta de

admirável emoção, capaz de rivalizar com as figuras de prol em nosso Parnaso.

Entre os mais formosos sonetos da Língua Portuguêsa, ao lado de produções que se equiparam às melhores que ornamentam qualquer literatura de qualquer povo do mundo, pode figurar, por exemplo, êste primor que se intitula "Triste Filosofia".

Ia Rosa vestir-se, e do vestido
Uma voz se desprende e assim murmura:
"Muitas morremos de uma morte escura,
Por que te envolva sérico tecido"...

Ia toucar-se, e escuta-se um gemido
Do marfim que as madeixas lhe segura:
"Por dar-te o afeite desta minha alvura,
Jaz na selva meu corpo sucumbido".

Põe um colar, e a pérola mais fina:
"Para pescar-me, quantos párias, quantos
Padeceram no mar lúgubres sortes!

E Rosa chora: — "Oh! desditosa sina!
Todo sorriso é feito de mil prantos,
Tôda vida se tece de mil mortes!"

À memória de Machado de Assis, seu presidente na Academia de Letras e seu velho colega de ofício, Carlos de Laet dedicou um soneto que é das mais tocantes expressões da poesia no seu genuíno sentido.

No dia 29 de setembro, data da morte do autor de "Braz Cubas", os membros da Companhia foram incorporados ao Cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro, colocar flôres sôbre o túmulo do inesquecível romancista patrício. Carlos de

Laet, presidente da Academia, recitou então êste expressivo poema em catorze versos, que é um mimo de gentileza do coração:

Quando um anjo de espada rutilante
Deus pôs no limiar do Paraíso,
Teve entre as justas iras doce aviso
Para o triste casal, proscrito, errante...

— Voltareis, disse, e todo par constante
Num amor impoluto, casto e liso...
E agasalhou, com paternal sorriso,
Laura e Petrarca, Beatriz e Dante.

Com "pensamentos idos e vividos",
Terminada a labuta peregrina,
Surgem mais dois, mãos dadas, sempre unidos,

Batem à porta da mansão divina:
— Somos nós! somos nós os foragidos...
Sou Machado de Assis! É Carolina.

Aquêle lidador das ásperas pelejas, nas colunas da rija imprensa, escondia nos recessos d'alma emoções tão delicadas, que sabia extravazar em versos de elevada e profunda sugestão psicológica! Na verdade, como escreveu Escragnolle Dória, duas estrênuas atividades mentais, sem qualquer momentâneo arrefecer, preencheram a longa vida de Carlos de Laet: — o professorado e o jornalismo. Na cátedra era sereno; armígero, na imprensa... Periodista temível e temido, como asseverou o aludido escritor patrício, mesmo que escrevesse sob pseudônimo, sua personalidade era inconfundível. Defendeu duas crenças com sinceri-

dade e com afêrro infrangível — a crença religiosa e a crença política.

Monarquista e católico — comenta Escragnolle Dória — o foi com desassombro, confirmando as suas convicções ao mantê-las ante o perigo de vida e risco de perseguição: — "Tudo podem fazer em meu prejuízo, menos humilhar-me" — disse Laet, certa vez, a alguém, ao tornar de audiência oficial desagradável.

Uma singularidade da sua existência devotada ao estudo e ao saber: — Nasceu carioca, viveu carioca; dedicou tôdas as suas conquistas e vitórias à terra do berço. Obteve a sua florejante cultura humanística no Colégio de Dom Pedro II. Da juventude à velhice, trabalhou com afinco, obtendo as posições que ocupou pelo mérito pessoal. Professor por concurso, ainda mui jovem escolhido membro fundador da Academia de Letras, por consenso acertado dos seus pares.

A êsse respeito depõe Antônio Chediak, que publicou dois interessantes volumes sôbre a personalidade do preclaro brasileiro: — "É Laet, sem dúvida, dos prosadores de maior tomo e lustre da Língua Portuguêsa no Brasil. Na brilhantez e naturalidade de expressão, na propriedade castigada dos têrmos, pode haver, talvez, quem lhe iguale, mas duvido que haja quem lhe leve as lampas. Tanto que quando o lemos parece-nos ter, entre mãos, ou Luz e Calor, ou Estímulos Práticos, pelas qualidades que o ombreiam ao autor da Nova Floresta. Deve-se tão acalorada perfeição a ter-se, muito cedo, dedicado, com ardor, às letras, por vocação que o arrastou a abandonar as ciências exatas, tão galhardamente exercitadas pelo seu talento prismático. Durante os 7 anos que assistiu, como aluno ao Colégio de Dom Pedro II, logrando sempre o primeiro prêmio, já se desabotoava, pomposo, o literato futuro, ensaiando-se nos primeiros vôos à região das utopias e dos sonhos. Passando à Escola Central, depois crismada em Politécnica, nem por isso se lhe

arrefeceu o espírito literário. Saciava-se da Castália, sem renegar-se do Arquimedes..."

Na imprensa escreveu folhetins domingueiros, ao lado de Machado de Assis. Bem cedo foi convidado a colaborar no "Jornal do Comércio", cujas colunas, na observação de alguém, eram privativas de celebridades já consagradas pelo público.

Manteve ali a secção "Microcosmo", crônicas as mais fascinantes da época. Discutiu com Valentim Magalhães, Lameira de Andrade, Sílvio Romero, Alfredo Gomes, Castro Lopes, França Júnior, Ferreira de Araújo, Quintino Bocaiúva, Filinto de Almeida, Artur Azevedo, Miguel Lemos, Teixeira de Freitas, Hemetério dos Santos, João Ribeiro, Medeiros e Albuquerque e muitos outros vultos da maior evidência intelectual.

Do mesmo modo que enfrentava os adversários da sua fé religiosa e política, debatia Finanças com financistas e Direito com jurisconsultos.

Foi célebre a sua polêmica com Ruy Barbosa sôbre assuntos jurídicos. Discordou de correligionários, pondo-se ao lado das causas que julgava justas, atacando a Monarquia na famigerada Questão Religiosa e terçando armas com Andrade Figueira e Joaquim Nabuco.

Duas vantagens apresentava Laet em qualquer discussão, fôsse qual fôsse o adversário — escreveu Jônatas Serrano: a habilidade em desferir as setas da ironia e a perícia incomparável em manejar o idioma.

Dêle afirmou o barão de Ramiz Galvão que era um homem de atitudes inflexíveis...

A política tão freqüentemente se parece com a prestidigitação, aliando-se hoje os que ontem se combatiam. Laet, como testemunha aquêle ilustre varão de Plutarco, felizmente, para as letras, para o magistério e para a grande tribuna do jornalismo, escapou do perigo. Protestou, altiva e desassombradamente, em plena Congregação do Colégio de Dom Pedro II,

contra a retirada do nome do Imperador daquele educandário, a que o venerando e augusto monarca dedicara tão desvelado carinho. Êsse nobilíssimo gesto custou-lhe a perda do cargo por um decreto assinado em 2 de maio de 1890. A represália facciosa causou repulsa em todos os círculos sociais e Benjamim Constant, pressentindo a indisposição geral diante de tamanha injustiça, transformou, com a sua intervenção, o ato de violência em aposentadoria.

Em 1925, no govêrno do Presidente Venceslau Braz, o Conde de Laet foi reposto à efetividade voltando ao seu cargo que tanto enalteceu pelo saber e pela integridade.

Em dias de efervescência revolucionária, escreveu Laet o seu programa de bom combate neste período lapidar: — "Prevarica, no dizer do sábio, o lavrador que não se inclina sôbre o arado. O meu arado é êste pujante instrumento de publicidade, com que se arroteia o terreno das idéias. Que o possam cavar bem fundo os meus débeis braços, e bem cedo se desenvolvam os germes de fraternidade e concórdia que daqui lanço ao espírito de quantos me lerem".

Aliava assim sua invacilável intrepidez ao ânimo de serenidade e prudência.

Quando tôda a imprensa do Rio se submeteu à imposição de censura do Govêrno Provisório da República, a "Tribuna Liberal", redatoriada por Laet, manteve enquanto pôde a sua independência de opinião, até que fechou as suas portas para não compactuar com a prepotência.

Ouçamos o depoimento de Laet, neste incisivo episódio por êle narrado na "Década Republicana: — A todos êsses jornais, claro está, abria exceção a "Tribuna Liberal", que no mesmo dia do motim recebeu do govêrno intimação para não dar notícia que pudesse alvoroçar o espírito público. Portador dessa ordem russiana (hoje por ventura o qualificativo teria ainda maior vigor de expressão) foi um dos sobrinhos do chefe

do Govêrno Provisório e que nesta delicada missão se fazia acompanhar de um paisano.

Retire-se o artigo de fundo e imprima-se em tipo normando, no espaço em branco, que o govêrno mandou suprimir o artigo. Tal foi a resposta do redator-chefe da "Tribuna". E já o capitão se dava por satisfeito, quando ao seu companheiro, mais sagaz, não escapou que valia aquilo uma explícita supressão da liberdade de imprensa". Entre os prêsos do jornal figurou o destemido e valente redator-chefe.

Traslado para aqui o episódio da prisão do bravo monarquista que, com mágoa e susto da consternada família — segundo a sua maneira de dizer — ainda não educada na perseguição que, depois, se lhe tornou costumeira, viu sair de casa o seu chefe entre descorteses beleguins e estúpidas ameaças.

Citemos textualmente o depoimento de Laet: — "Como aos paternais conselhos que o sr. Bocaiúva, no Quartel General lhe foram dados, não se conformou o redator-chefe da "Tribuna Liberal", o qual na coragem dos seus nobres companheiros hauria eficaz ensinamento para perseverar no seu pôsto de honra, deliberou o Govêrno Provisório promulgar o monstruoso decreto de 23 de dezembro, que eternamente constituirá na legislação da nossa Pátria um monumento de opróbrio para os que o referendaram.

Porque me prendem? perguntou no Quartel General, ao sr. Bocaiúva, o jornalista da "Tribuna" que para lá fôra arrastado. De atos contra o govêrno ninguém me pode acusar, pois, não passo de um escritor oposicionista. De pensamentos, seria absurdo. E se é do que tenho escrito, a culpa é dos senhores, que não declaram abolida, com a monarquia, a liberdade de imprensa, que com ela floresceu".

Foi em face de tudo isso que Laet resolveu suspender a publicação do seu jornal. É o que se pode chamar, à antiga, homem de antes quebrar que torcer!

Já dissemos o bastante para mostrar que é de alta justiça a homenagem prestada pelo "Instituto do Ceará" ao conspícuo cidadão, cujo centenário o Brasil comemora em meio de vivas e emocionantes demonstrações de saudade e de gratidão.

Carlos de Laet foi, sem contestação possível, um dos mais altos luminares das nossas letras. A sua ciência não consistia no estudo da *casca das coisas*... Não se arrastava, terra a terra. Elevava-se à procura da causa dos conhecimentos. Pelas asas da Fé subia às regiões serenas e luminosas em busca da verdade. A sua crença consolidava-se pela investigação e pelo raciocínio, seguindo a trilha do *rationabile obsequium,* de que nos fala S. Paulo. Era uma ciência sólida e consciente, que não se assemelhava à meia ciência preocupada, em vão, no destruir o mistério e desbancar o sobrenatural, "ciência de catálogo e de algibeira, ciência de oitiva e de segunda mão", que êle combateu com tanta lucidez e galhardia no seu longo e fecundo ministério apostolar da imprensa.

Nesta associação de culto à sabedoria autêntica fica muito bem o timbre desta solenidade, em honra de Carlos de Laet, por motivo da efeméride dos cem anos de seu nascimento. Que a sua memória, das mais gratas e saudosas para os que amam a Pátria e rendem sincero preito ao justo mérito, seja para as gerações sucessivas um estímulo ao afã de bem servir à Religião e ao Brasil!

CAPISTRANO-HISTORIADOR DOS HISTORIADORES

Esta é, por certo, uma hora de extraordinária evidência para a vida mental da nossa Terra.

Todo o Brasil tem os olhos voltados, em tão favorável oportunidade, para a gleba onde veio à luz, há um século, João Capistrano de Abreu — o maior estudioso da Nacionalidade, garimpeiro intemerato da História da Colonização.

Não é sòmente o Ceará que enaltece, neste dia, a glória do homem mais erudito, entre os seus contemporâneos.

O País inteiro rende-lhe comovido tributo de exaltação e de reconhecimento, pelos serviços inestimáveis, prestados à cultura da nossa gente e aos créditos de honestidade profissional, nas aturadas labutas das Ciências e das Letras.

O austero varão foi autêntico paradigma de honra, no trato dos problemas sérios de elucidação do nosso Passado.

Não teve tempo, por assim dizer, de cuidar dos seus interêsses, dedicando a existência, contìnuamente, ao esfôrço incomparável de desbravar os intrincados fastos da nossa formação política.

Descuidou de si, para se entregar às árduas e afanosas buscas dos lineamentos estruturais das nossas origens, com tenacidade caracterìsticamente beneditina e um amor inexcedível a tão nobre causa.

(*) Oração proferida no Teatro José de Alencar, por ocasião da solenidade comemorativa do Centenário de Capistrano de Abreu.

O solitário de Columinjuba fêz-se monge do culto mais dignificante para os brios cívicos desta parcela das Américas, — o culto da verdade histórica — e soube, com zêlo inaudito, desvendar os meandros em que se emaranhavam os fatos remotos da comunidade nascente.

Era, porventura, uma adoração prestada ao Altíssimo, em sua consciência tão límpida, o trabalho incessante, a que se ateve, desde a adolescência, no ofício de esclarecer e desvendar todos os pontos controversos ou obscuros da nossa evolução religiosa, econômica e social.

Deus é a caridade e foi o sentimento de fazer o bem que inspirou a generosa vocação do magno sacerdote de um rito utilíssimo à excelsitude e grandeza da nossa Fé.

É certo que os cuidados do seu estafante mister apaixonaram-no, a tal ponto, que absorveram, por quase todo o seu itinerário na vida, as atividades prodigiosas do seu espírito magnânimo e luminoso.

Não lhe restou vagar, com reconhecido desleixo da sua parte, para o necessário exame das relações fundamentais entre o ser moral e o Criador.

O desprêzo de investigadores dos fenômenos vários da sabedoria humana pela revelação sobrenatural da nossa crença não foi uma desatenção exclusiva do eminente escritor que homenageamos, neste instante, com a mais acendrada e ardente admiração.

Foi um mal da época, disseminado à larga pelos enciclopedistas, negadores dos postulados do Evangelho, sem os quais, não obstante, é impossível, de qualquer maneira, a estabilidade da ordem entre os indivíduos e da concórdia entre os Estados.

Aturdido, permanentemente, na busca dos acontecimentos sociológicos e administrativos, na fixação dos lugares e datas correspondentes, no exame do caráter das pessoas envolvidas na espêssa trama das efemérides indicadas, Capistrano de Abreu

não se preocupou com as altas questões da Teologia e da Filosofia, da procedência e do fim do homem.

Tudo o que se relacionava, em substância, com o plano da Providência Divina era por êle e tantos outros companheiros da sua geração, seduzida pelas teorias do positivismo em moda, relegado para fora das suas cogitações literárias.

O preconceito racionalista foi responsável pelos desvios de inúmeros moços, que faziam alarde da liberdade de pensamento e se confessavam adeptos de doutrinas alucinantes, de há muito já ultrapassadas.

A retidão de proceder e a integridade de ânimo de alguns dêsses céticos constituiam flagrante contraste com as idéias desvairadas que exibiam.

Clóvis Beviláqua, por exemplo, à maneira de Capistrano de Abreu, era um agnóstico, dotado das virtudes de um justo.

O santo leigo, como foi chamado pelos amigos, representa um milagre da bondade infinita de Deus, que mede os valores, pesa as intenções e recompensa todo bem.

Aliás, segundo a insuspeita convicção de Coelho Neto, o ateu rendera-se às razões do coração, através da carinhosa interferência de Madre Maria José, a filha que abraçou a Cruz do Carmelo para dar ao pai estremecido a eterna luz por que ansiava aquela alma privilegiada, que tão sinceramente, tateando, buscava o tosão de ouro da certeza das suas investigações...

* * *

Está muitíssimo certa a atitude do "Instituto do Ceará", da Academia Cearense de Letras e da Casa de Juvenal Galeno, promovendo a consagração do nome de Capistrano de Abreu, na decorrência do seu centenário de nascimento.

Êle há de figurar, realmente, sem qualquer contestação, na galeria dos vultos máximos da Pátria!

Cabe-lhe a honra de ter aberto, com a chave da sua prodigiosa cultura, os arcanos, onde se guardavam os anais da constituição dêste grande povo.

Reconheceu, com tôda a imparcialidade, na catequese dos índios, o inauferível contributo, fornecido pelos Jesuítas, para construção do monumento da nossa hegemonia espiritual.

"Debaixo do ponto de vista da Igreja — escreveu, insuspeitamente, Gilberto Freire — repetimos que forçoso é reconhecer terem os padres agido com heroísmo, com admirável firmeza na sua ortodoxia, com lealdade aos seus ideais".

O celebrado autor de "Casa Grande e Senzala" não pôde recusar êsse mérito aos consolidadores do domínio cristão, em Terra de Santa Cruz.

Os testemunhos de Pandiá Calógeras, Eduardo Prado, Joaquim Nabuco, Afonso Celso, Carlos de Laet e tantos outros ressaltam a missão decisiva dos filhos de Santo Inácio, na formação da nossa consciência cívica.

Coube, porém, a Capistrano de Abreu definir, de maneira irrecusável, a obra de Anchieta e seus intrépidos companheiros junto aos habitantes das selvas virgens do Novo Mundo.

Não se pode, no seu magistral conceito, escrever a História do Brasil, sem antes haver escrito a história dos Jesuítas.

Aí está o preito de exaltação de uma epopéia magnífica, que Castro Alves cantou em estrofes imortais e Capistrano de Abreu insculpiu em períodos inapagáveis, da maior justiça, na perenidade das suas afirmações oraculares.

O esmêro na análise e a honestidade nos processos indagativos da exatidão dos fatos fizeram dêsse servo de gleba da Ciência, como disse José Lins do Rego, o mineiro da História Colonial, desencavando os documentos nos arquivos, como das entranhas do solo os operários extraem os veios do precioso metal.

É que a felicidade, como êle fêz sentir no seu estilo origi-

nal, não se consegue por atacado, mas a retalho, fiapo a fiapo...

Com que paciência abnegada se dedicou ao estudo das línguas indígenas êsse incomparável investigador da nossa literatura histórica!

Antropologista e etnógrafo — não recuou, ante os maiores sacrifícios, para obter os materiais vivos das suas frutíferas batidas nos escaninhos do Passado!

Acercando-se de índios, trazidos à sua instância, das selvas amazônicas, procedeu, com persistência insuperável, à composição do seu glossário, repetindo, nos nossos tempos, em plena Capital Federal, nas matas da Tijuca, a temeridade do Padre Antônio Vieira, nas brenhas tropicais: "O ouvido aplicado à bôca do bárbaro, sem poder perceber as vogais ou consoantes de que se formavam o ruído e não palavras articulares e humanas"...

Essa dedicação sem par, êsse labor ininterrupto, teria de fazer de Capistrano de Abreu o desvendador insuperável dos segredos linguísticos dos caxinauás.

Empolgado pela imensidão geográfica do País, encantava-se por tudo o que era natureza, criada pela mão de Deus.

Percorreu vastas zonas do interior, à procura de conhecimentos diretos das coisas que desafiavam a sua percuciente curiosidade.

Viajou pelo vale do São Francisco, pelas coxilhas do Rio Grande, pelas charnecas de Mato-Grosso, pelas montanhas altaneiras de Minas, Rio e S. Paulo, pelas terras do sol em brasa dêste Nordeste, secularmente vítima das calamidades climáticas periódicas.

Foi um êmulo de Alexandre Humboldt, de Agassiz, de Saint-Hilaire, na contemplação do cenário deslumbrante e majestoso desta porção equatorial do Continente.

Sôbre o assunto deixou páginas de inconfundível eloqüên-

cia e de propriedade admirável, na descrição das zonas em que se divide a superfície do nosso mapa.

O que mais surpreende, nessa exuberância descrita, é a pertinácia do sábio e a resistência do investigador.

Nada de peculiar aos costumes ou da feição típica do meio escapava ao observador penetrante.

Os seus "Capítulos de História Colonial", bem como "Caminhos Antigos e Povoamentos do Brasil", revelam a coragem inquebrantável, tão própria do cearense, com que enfrentou as distâncias, as fadigas e azares, cujo objetivo era verificar alguns pontos de interrogação, levantados em seu espírito.

Só pela visão fascinante da terra e do homem, poderia, com efeito, estabelecer, de maneira assim precisa e concludente, as mútuas repercussões entre a Geografia e a História no portentoso desenvolvimento do Brasil nascente.

A sua índole altiva e franca, mas sobretudo, o isolamento a que se votou, para melhor estudar, afastaram-no das rodas sociais.

Viveu para os livros e para poucos amigos. Modesto e afável, recolhido à sua tenda de intenso trabalho, não interessava a disputa das honrarias e distinções, em voga nos ruidosos centros cosmopolitas.

Era um desconhecido nos círculos mundanos do seu tempo. Freqüentava com assiduidade algumas pessoas da sua predileção e cultuava, com nímio carinho, os afetos que conseguiram conquistar a sua confiança.

Escrevendo a um parente, para agradecer a notícia do casamento, que lhe participara, firmou êste apoftegma da mais bela compreensão humana: "Quem casa tem obrigação de ser feliz e de fazer feliz"...

Vemos que nobre sentido emprestava, assim, ao ato sagrado de constituição da família, sôbre a qual via erguer-se a responsabilidade do futuro da Pátria.

A inteligência e o coração, no seu altruístico modo de pensar, deviam estar fitos nesse objetivo, para o bem real da sociedade, cujo esteio firme é, irrevogàvelmente, o doce lar, onde se formam as reservas morais de um povo.

O consórcio, como tudo na sua laboriosa vida, foi conquista dos dotes do talento.

A moça instruída, prendada e gentil, que escolheu, pelos laços indissolúveis do matrimônio, para companheira, D. Maria José de Castro Fonseca, não se deixou vencer pela sua cortesia, senão depois de se capacitar dos méritos e primores de espírito do modesto pretendente.

O noivo que a levou ao altar, perante o ministro de Deus, afim de jurar eterno amor à eleita da sua alma não ambicionava fortuna, celebridade ou poder.

Tão pouco se prendia às exigências protocolares do ambiente metropolitano.

Aquela senhora de educação finíssima, de mentalidade bem formada, soube avaliar ao justo as virtudes do cavalheiro e não preferiu o exterior, o apuro no trajar, o perfeito laço na gravata e a elegância das maneiras.

O decôro e a espontâneidade dos sentimentos foram considerados muito acima do requinte das etiquetas e dos artifícios de salão.

A prole do casal encheu de alegria o modesto solar.

São os seguintes os rebentos da família: Madre Maria José, no século Honorina de Abreu, que ocupa atualmente o elevado cargo de Superiora do Carmelo de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, Adriano de Abreu, alto funcionário federal já falecido, Fernando de Abreu, bacharel em Direito, vítima, bem moço ainda, da epidemia da gripe; Henrique de Abreu, falecido em criança e D. Matilde de Abreu Nogueira, esposa do médico cearense Aprígio Nogueira, residentes no Sul e que, no momento, se encontram entre nós, participando das emoções desta festa.

Afastado do berço nativo, pela predestinação da raça, segundo o preconício de Alencar, criou os filhos na Capital da República infundindo-lhes, todavia, o amor à terra onde viu a luz e que tanto enobreceu pelo trabalho e pela cultura, na interpretação genial dos fenômenos de perto relacionados com os destinos do País.

Levou do velho Seminário Episcopal de Fortaleza a base humanística com que venceu as justas travadas no campo da inteligência.

Em concurso memorável, a que assistiu o Imperador, obteve uma cátedra no Colégio Pedro II. Lá conviveu com os mais ilustres membros do magistério, sendo por êles apontado como autêntico expoente da intelectualidade patrícia.

Fêz reviver, em suas aulas, diante da juventude enlevada, o homem de antanho com o seu valor indomável, desbravando as matas, transpondo rios caudalosos, construindo cidades, no meio das feras, e estabelecendo os limites de uma grande Pátria das orlas do mar às divisas fincadas muito além do traçado de Tordesilhas, para dar ao Novo Mundo a glória de uma Civilização latina e católica!

Nas colunas da imprensa estampou, tantas vêzes, anônimamente, estudos sólidos, identificados pelo estilo sóbrio e a incisiva consistência da argumentação.

Para que possamos documentar o que afirmamos, queremos reproduzir um trecho da sua autoria, extraído do prefácio do livro "Crítica e Literatura", de Rocha Lima.

Nesta página da sua mocidade refulgem os predicados marcantes de um escritor a quem devemos, no domínio literário, primores de observação, de simplicidade no dizer e de castiça linguagem:

"Quando da terra firme lançamos os olhos sôbre o Oceano, apenas ocupam o nosso espírito as ondas alterosas, que ameaçam inundar a extensão.

Desdenhamos as pobrezinhas que feneceram na distância, que vai do fundo à superfície, esquecidos de que, sem elas, não existiriam as que nos enlevam, em tão grandiosos sentimentos.

Assim a História: — aí, só destacamos os dominadores, aquêles que destruíram ou edificaram, deixando após sí uma esteira de sangue ou uma trilha de luz.

Não nos lembramos dos ombros em que firmavam os passos, dos feitos que retemperaram seus peitos, dos cérebros que sublimaram seus cérebros, da mão desconhecida que lhes apontou o ideal, que, mais felizes, atingiram. E, muita vez, o desconhecido é quem mais cooperou para o grande acontecimento.

Na corrida da existência tomara a dianteira a todos os seus rivais; seu andar era tão apressado que raros conseguiam não o perder de vista. Mais alguns passos e rebentaria, à flor da posteridade, titânico e pujante! Porém, cai... e a turba passa-lhe pelo cadáver, ingrata, descuidosa ignorando que, sem êle, para quem não há história e não existe amanhã, jamais chegaria tão longe, tão depressa"...

Que admirável elogio dos heróis desconhecidos!

Escrevendo sôbre Casemiro de Abreu, o magoado poeta do exílio e da saudade, traçou-lhe o perfil, com as vivas tonalidades da sua profunda percepção sentimental.

Há trechos do seu trabalho que se podem equiparar ao que melhor possuímos em prosa singela e fluente:

"O amor — disse êle — é um sentimento doce, meigo, inefável, que dá vida, alegria e felicidade. Mas, se o amor aviventa, também mata. Se dá felicidade, causa desgraça; se é, fanal que torna claras as trevas do mundo, é, muitas vêzes, arrecife, a cujo embate se parte a barquinha da existência".

Já se revelava, assim, Capistrano de Abreu, nos ensaios com que estreava no jornalismo e na tribuna, uma vocação para a crítica e a exegese dos fatos sociais.

Mais tarde, com o amadurecer da vida, legou-nos um te-

souro de sabedoria prática, nas explanações escritas, com a perfeição da síntese e a preciosa objetividade que empresta tanto rigor e nitidez ao esclarecimento do assunto.

Vejamos a título de exemplificação o tópico em que classifica a "idade do couro", entre as populações das margens do S. Francisco.

"De couro era a porta das cabanas, o rude leito, aplicado ao chão duro e, mais tarde, as camas para os partos; de couro tôdas as cordas, a "borracha" para carregar água, o mocó ou alforje para levar a comida, a maca para guardar a roupa, a mochila para milhar o cavalo, a peia para prendê-lo, em viagem, as baínhas de faca, as broacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os banguês para cortume ou para apurar o sal; para os açudes o material de atêrro era levado em couros puxados por juntas de bois, que calcavam a terra com o seu pêso; em couro pisava-se tabaco para o nariz".

São períodos cristalinos, traçados a primor, sôbre observações do maior interêsse para a interpretação da índole sertaneja.

Vejamos como apreciou, do ponto de vista patriótico, a atuação do conde Maurício de Nassau, no Norte do Brasil:

"Os últimos anos do seu govêrno cabem em poucas palavras. Da obra de administrador, nada sobrevive.

Seus palácios e seus jardins consumiram-se na voragem de fogo e sangue dos anos seguintes. Suas coleções artísticas enriqueceram vários estabelecimentos da Europa e estão estudando-as os americanistas. Os livros de Barlaeus, Piso, Markgran, devido a seu mecenato, atingiram uma altura, a que nenhuma obra portuguesa ou brasileira se pode comparar, nos tempos colonais.

Parece mesmo terem sido pouco lidos no Brasil, apesar de escritos em latim, a língua universal da época, tão insignificantes vestígios encontramos nêles".

Sôbre o caráter do fidalgo holandês, diz Capistrano:

"Em limpeza de mãos ficou infinitamente abaixo de Matias de Albuquerque: está provado o seu conluio em contrabandos com Gaspar Dias Ferreira, que, como era natural, o logrou no ajuste de contas, feito em Holanda, quando o príncipe já não governava".

São ainda do historiador dos historiadores êstes conceitos frisantes:

"O regime holandês era duro, as extorsões, contínuas. Mesmo se Nassau fôsse o justiceiro, em que pretendem transfigurá-lo, não tinha braço bastante longo para amparar tôdas as vítimas. Os invasores desarmaram a população rural, preferindo deixá-la entregue às devastações inclementes de companhias a ter de se ocupar, algum dia, com qualquer tentativa de insurreição".

Bem vemos, nestes trechos expressivos, como superiormente tratou dos interêsses nacionais em causa, a pena adamantina do ilustre comentador da influência flamenga na civilização pátria.

Passemos o olhar sôbre a página cintilante em que examina o papel dos padres da Companhia de Jesus, na formação da Nacionalidade:

"Os jesuítas — afirma Capistrano — representavam outra concepção da natureza humana.

Racional, como os outros homens, o indígena aparecia-lhes educável. Na tábua rasa das inteligências infantis, podia-se imprimir todo o bem; aos adultos e velhos seria difícil acepilhar; podiam, porém, aparar-se arestas, afastando as bebedeiras, causa de tantas desordens, proibindo-lhes comerem carne humana, de significação ritual repugnante aos ocidentais, impondo, quando possível, a monogenia, comêço de família menos lábil.

Para tanto, cumpria amparar a pobre gente das violências

dos colonos, acenar-lhe com compensações reais pela cerceadura dos maus hábitos inveterados, fazer-se respeitar e obedecer, tratar da alimentação, do vestuário, da saúde, do corpo, enfim, para dar tempo a formar-se um ponto de cristalização no amorfo da alma selvagem".

Mas não será no que deixou traçado em numerosos trabalhos esparsos que se fixará o extraordinário valor de Capistrano de Abreu.

O depoimento dos que o conheceram de perto atesta aquilo que constitui, já hoje, uma verdade solar.

Homem despido completamente de tôda vaidade, conforme asseverou João Ribeiro, não teve intuito algum de passar à posteridade.

Sabia, na lição de Nabuco, que trabalham em vão os que trabalham pensando na glória...

Compunha artigos e não assinava. Alinhava notas, nas bibliotecas, em aturadas horas de pesquisas fatigantes e, depois, se desfazia delas, entre amigos.

Não transformou o cabedal dos seus conhecimentos em objeto de mercância.

Rudolph Schuller afirmou, a seu respeito, que foi o homem mais notável com que se defrontou.

Ninguém houve — para Manuel Bandeira — como Capistrano, mais provido de senso histórico e erudição para escrever, depois de Southey e Varnhagen, um quadro geral da nossa evolução como povo...

Foi a mais completa envergadura de historiador que já possuímos, para reproduzirmos o que se tornou trivial — uma chapa da imprensa.

Capistrano encarnou "o homem de penumbra", a que se referiu Agripino Grieco.

Os livros que deixou, como disse Humberto de Campos,

constituíam para êle simples notas de uso pessoal, de que os outros se apossavam.

Aquela penetrante agudeza de espírito a que se referiu Ronald de Carvalho, deu-lhe a primazia, entre os que estudaram, com seriedade e paciência, os problemas profundos das nossas origens e dos nossos destinos.

É por isto que José Veríssimo lamentava não tivesse Capistrano de Abreu elaborado a História do Brasil, analítica e completa, pois, no seu julgamento, sòmente êle entre os estudiosos do seu tempo, fôra capaz de fazê-lo.

Jônatas Serrano confronta-o com os maiores vultos do panorama mental do Brasil e afirma que, depois de Varnhagen, nenhum se pode apresentar com o valor excepcional que teve "o mestre dos historiadores", no conceito autorizado do Barão de Studart.

Êle foi, segundo o depoimento de Tristão de Ataíde, o criador, entre nós, do que pode chamar-se a história radicular, isto é, aquela que procura as fôlhas nas raízes e não as raízes nas fôlhas...

Pela mão de José de Alencar, reconhecido com tôda justiça o príncipe da nossa Literatura, Capistrano de Abreu — o maior historiógrafo pátrio, penetrou os umbrais da Metrópole, nos áureos tempos do Império.

Foi augúrio feliz para a carreira providencial do moço cearense, desajeitado e esquivo, sem ambição de subir a cobiça de enriquecer.

Mal sabia o inimitável romancista dos "verdes mares bravios", que projetava para o Panteão da Nacionalidade um êmulo do seu porte mental, de que hoje tanto se ufana a terra em que ambos nasceram.

Ao lado da bagagem vultosa e cintilante do criador de "Iracema", empilham-se os estudos opulentos e originais do

seu pupilo de então — o autor de "Capítulos da História Colonial".

Celebrou Capistrano, em prosa tersa e escorreita, as entradas dos bandeirantes pelos sertões agrestes e a epopéia da catequese banhada no sangue de mártires e no suor de heróis.

Nas leituras dos romances indianistas, como "Minas de Prata" e "Guarani", foi encontrar o jovem discípulo do conterrâneo eminente aquilo que êle considerou — "a intuição da vida colonial" — com os elementos valiosos que não se encerram em longas monografias.

Comovidamente relembramos, na efeméride augusta do centenário de Capistrano de Abreu, o privilégio que temos de sofrer, nesta gleba açoitada por atroz infortúnio, o flagelo das sêcas, no meio da alegria de exaltar, nos grandes filhos dêste rincão bendito, epígonos da realeza espiritual da Pátria.

Somos uma terra de contrastes, em que a dor e o regozijo formam a tecedura magnífica da glorificação comum.

Bem o sentimos, nesta comemoração jubilar, que a imortalidade de Capistrano se consolidou na rija aspereza do seu fadário — suportado como a própria sina de que compartilha a raça sofredora...

A sua vida inteira sacrificou-a ao estudo e ao trabalho.

Conheceu privações e desprezou o subôrno do mundo.

Tem o direito a gozar, na outra vida, os bens infinitos reservados aos desprendidos das seduções do ouro e da fama:

Beati pauperes spiritu! — disse Nosso Senhor, no Sermão da Montanha.

É o elogio essencial que fazemos, nesta celebração memorável, ao egrégio coestaduano, que a Pátria venera, enternecidamente, e diante de cuja memória se curva a gratidão nacional.

Madre Maria José, que trocou o nome de família pelo de Jesus, ainda há pouco, mais uma vez eleita Priora do Carmelo de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, — fêz o holocausto da sua

vida para obter de Deus a graça da salvação do pai.

Num sorriso benévolo, disse Capistrano, no curso da sua mortal enfermidade, conforme declaração de pessoas íntimas: "Não tenho que me converter"...

Estava em paz com a consciência. Nunca fôra hostil a Cristo, espôso místico da filha estremecida.

Ao contrário, consagrou páginas inimitáveis à apologia da Fé, que cristianizou os habitantes das nossas selvas e contribuiu para a sabedoria universal com os tesouros de luz do Evangelho.

Deu maior autoridade às afirmações com que exaltou o enorme serviço da Igreja na obra multissecular da Civilização Brasileira.

Que esplêndido documento, neste particular, possuímos nos versos que Coelho Neto qualificou de Cântico da Glória escritos no livro aberto do coração, por Madre Maria José, para significar a sua total confiança na Misericórdia Onipotente:

A MEU PAI

"Fôste tu, caro Pai, que do seio do Eterno
Me arrancaste e trouxeste a êste mundo, a esta vida...
Quando eu desabrochei — qual flor recém-nascida,
O sol que me aqueceu foi teu amor tão terno.

Teu sangue é o sangue meu... Teu trabalho paterno
Ganhou-me o pão com que eu cresci e fui nutrida.
Ah! Quanto te custei!... Quanta dor, quanta lida,
Desde teu quente estio até teu frio inverno!

E, agora, dá-me a mão... É noite. Vem comigo!
Vem, que eu te levarei a Jesus, teu amigo,
Que te espera saudoso... Oh! dize-me que sim!

Fôste meu pai e eu tua mãe serei agora...
Dar-te-ei a Eterna Luz, de que me deste a aurora,
Dar-te-ei — por esta vida — a vida que é sem fim".

Tem absoluta razão Coelho Neto! Recusa-se também a nossa sensibilidade moral a acreditar que a bênção de Deus não tenha descido, no momento extremo, para atender à prece filial, tão ansiosa e confiantemente erguida ao Céu, a fim de obter a redenção do espírito paterno.

A Capistrano de Abreu, que terá encontrado na mansão beatífica a felicidade que não buscou nas coisas transitórias da vida terrena, com a veneração da "Casa de Juvenal Galeno", a homenagem do "Instituto do Ceará", e da "Academia Cearense de Letras", sociedades a cujas fileiras consentiu em se agregar, na terra do seu berço, que tão honrosamente enobreceu pelo esplendor do seu pensamento e pela integridade da sua cultura!

ORAÇÃO DA ACADEMIA

O Ceará Intelectual, neste momento, assume grave responsabilidade perante a consciência unânime do País. Elementos da maior expressão, nos labôres da sua vida literária, integrantes das duas correntes em que, até agora, se dividia a geração atual de poetas e escritores, reunem-se, numa frente única, para glória da projeção histórica da Terra da Luz.

Assim é que, de fato, devera ser, para disciplina das nossas fôrças patrióticas e construtivas.

Temos, no domínio da atividade mental, uma tradição, que não é possível esquecer e devemos sempre exalçar.

Aqui, brotaram e floriram os mais belos e viçosos rebentos da bendita selva das letras. Que importa tenham muitos, dentre êles, frutificado longe do torrão nativo, por êste solo brasileiro tão vasto, fecundo e cheio de atrativos!

Já o primeiro dos nossos romancistas assinalou, como predestinação da raça, o pendor emigratório dêste nosso povo, aventuroso e audaz.

Assim, ilustres cearenses, — figuras das mais eminentes no proscênio nacional — Heráclito Graça e Fausto Barreto, Frânklin Távora e Araripe Júnior, Alberto Nepomuceno e Paula Ney, por exemplo, não se radicaram ao chão áspero e rude em que nasceram e onde as chuvas benfazejas nem sempre caem a

(*) Oração proferida a 15 de agôsto de 1951, na Academia Cearense de Letras, por ocasião da recepção dos novos sócios: Raimundo Girão, Antônio Martins Filho, Filgueiras Lima, Braga Montenegro, Carlyle Martins, Joaquim Alves, Abelardo Montenegro e Fran Martins.

tempo de regar os plantios duvidosos, enquanto a soalheira do verão queima e abrasa, como fogo..

Há uma afinidade fortemente aproximativa entre as condições do clima físico e o aspecto espiritual da índole da nossa gente. Aprendemos, desde bem cedo, a lutar, contra a adversidade, robustecendo, destarte, a fibra da nossa resistência ao meio hostil.

Somos, proclamadamente, desbravadores pertinazes, que se afirmam, no vigor das jornadas, homens de ação e de fé, qualidades essenciais para o êxito das grandes conquistas.

A Academia Cearense de Letras, nesta fase culminante da sua organização, quando passa a congregar em seu seio a coletividade de consagrados valores culturais, conta com tão decidido e incontrastável fator de vitória.

Áureos dias se lhe antolham, no período que ora se abre, à faina das suas preocupações e labutas, pelo engrandecimento dos nossos foros de intelectualidade e de infatigável amor ao trabalho.

Nos dias presentes, a missão do homem que maneja a pena requer um alto sentido de moralidade.

No dizer de Hugo Wast, a vocação artística é uma dignidade, que devemos aceitar, humildemente, como um dom gratuito de Deus e exercer, como um sacerdócio.

Nesta emergência crucial da História, é mister realizar a recuperação do Mundo pelos tradicionais conceitos cristãos, únicos reativos eficazes contra a desordem do Pensamento.

Agitar idéias — disse o insigne Padre Leonel Franca — é mais grave do que mobilizar exércitos... "O soldado, conforme êle assinala, pode semear os horrores da fôrça bruta, desencadeada e infrene. Mas, enfim, o braço cansa e a espada torna à cinta ou a enferruja e consome o tempo. A idéia, uma vez desembainhada, é arma sempre ativa, que não volta ao estojo nem se embota com os anos.

A lâmina do guerreiro só alcança os corpos. Pode mutilá-los, pode trucidá-los, mas não há poder de braço humano que dobre as almas.

Pela matéria, não se vence o espírito.

A idéia do escritor é mais penetrante, mais poderosa, mais eficazmente conquistadora. Vai direito à cidadela da Inteligência. Se a encontra desapercebida (e quantas inteligências desaparelhadas para as lutas do pensamento!) toma-a de assalto, instala-se no seu trono e, daí, dirige e governa, a seu arbítrio, tôda a atividade humana.

Pelo espírito, subjuga-se a matéria.

Quantos crimes, que se atribuem à fôrça, e são filhos da idéia!

Se fôsse perfeita a justiça humana, muita vez, não sôbre o braço, que vibrou o punhal assassino, mas sôbre a pena, que semeou a idéia, é que deveram pesar os rigores da sua severidade".

Porque se desprezam estas verdades, contemplamos o espetáculo sinistro dos povos em armas, para a conflagração iminente, patenteando-se, mais uma vez, a inutilidade, para o sossêgo coletivo, de tantos séculos de progresso.

É pela dinâmica da palavra, a serviço do Bem, que se hão de melhorar as condições da existência humana.

Com a consciência do nosso adminículo para tão nobre tarefa, aqui estamos articulados numa associação de bom entendimento, dispostos a honrar o pacto solene que firmamos, para o cumprimento estrito do nosso dever.

A fraternidade humana representa o alvo sublime e generoso do Evangelho.

Dentro das inspirações saudáveis e magnânimas do nosso programa de servir o Brasil, cultuamos a aproximação dos so-

dalícios de expoentes do Saber, para que consolidemos a resistência nacional aos desfiguradores da Pátria — desta Pátria que é "uma das mais altas esperanças da Civilização".

Neste recanto do Nordeste, palpita a chama crepitante da verdadeira brasilidade, da pureza dos sentimentos, oriunda da nossa formação católica, sem laivos de estrangeirices, sem snobismos pedantes.. A raça é cem por cento, quase, filiada às origens da nossa constituição étnica, mantendo instintivo respeito aos velhos cânones da honradez e do civismo.

Esta matéria prima da mais reconhecida valia deve ser utilizada para a construção do monumento dos nossos fastos literários.

Brilharão, nesta apologia épica, feitos assombrosos de edificante coragem, como a expulsão dos intrusos holandeses, o movimento nativista pela Independência, a redenção dos escravos e o incorporamento do Território do Acre ao mapa geográfico da Nação.

Cabe-nos, noutro terreno, levar adiante a obra de exaltação dos nossos brios. Assiste-nos o direito de zelar pelo patrimônio da língua, formosa e casta, defendendo-a contra a ignorância dos que a deturpam e maltratam.

O nosso belo idioma, no conceito de Rodrigues Lôbo, tem de tôdas as línguas o melhor: a pronunciação da latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da francesa, a elegância da italiana.

Almeida Garret, no seu justo entusiasmo, afirma-se crente e convencido de que a língua portuguêsa a todo estilo se presta, pela singeleza do seu dizer, pela malícia, popular e mordente, dos seus recursos.

Dela afirmou o imortal padre Antônio Vieira: "Valeu-me sempre tanto a clareza que, só porque me entendiam, comecei a ser ouvido, e o começaram a ser também os que reconheceram o seu engano e mal se entendiam a si mesmos".

Língua, em que mel com aroma se mistura, na frase dúctil e precisa do príncipe dos nossos poetas.

O trabalho meritório pela limpidez vernácula compete às aristocracias intelectuais, de que falava João Ribeiro, com desvanecimento.

A literatura tem a desempenhar, com efeito, magnífica tarefa social e civil.

Exalcemo-la no ofício de exibir aos olhos profanos as riquezas, de que é fértil, e os fulgores da sua magnificência.

Não é possível transformar a Arte em vassadouro dos instintos perversos e das paixões deprimentes. Dentro da sua inspiração, lampeja o sentido sobrenatural das coisas eternas.

A natureza busca, necessàriamente, a compreensão da verdade.

Ruysbrock escreveu, admiràvelmente: "O esplendor divino, sem limites, foi dado em comum aos espíritos amantes, em graça e glória. Para todos dimana, como um clarão do céu. Entretanto, os que o recebem não se vêem igualmente iluminados: o sol transilumina mais claramente o vidro que a pedra, e o cristal que o vidro. Cada gema preciosa brilha e mostra nobreza, riqueza e côr, à luz do céu, e cada uma é iluminada em graça e glória, segundo a sua aptidão para o sublime".

Está, nesta matáfora encantadora, explicado o destino do gênio no domínio universal. É refletir as cintilações da Verdade, do Bem e do Belo, no prisma da alma sensível e privilegiada. Tanto mais perfeita, quanto mais luminosa!

É que, segundo a intuição de um filósofo contemporâneo, viemos ao mundo para amar, crer, sentir, ser bom, feliz e forte, muito embora, tantas vêzes, atraiçoemos o nosso itinerário.

Quando no homem — sentenciou alguém — o infinito já não acorda ecos profundos e magníficos, que resta nêle da obra divina? Ruínas de uma grandeza que desapareceu...

Ai daqueles que sacrificam o talento na pira das ilusões

falazes! Maldito seja — exclamou Péguy — o estéril orgulho, mercê do qual o homem mata, em si próprio, o sentido do sagrado.

A fé — proclamou Coelho Neto — é uma claridade que desfaz as sombras interiores. O que não crê é como o cego, que anda tateando — disse êle — sempre arriscado a perigos, bastando resvalar num talude para precipitar-se no abismo.

Aliemos, pois, em nosso mandato, nesta brilhante sociedade de letras, o culto do Belo ao respeito à Verdade e ao Bem.

No tempo confuso e desordenado em que vivemos, mais do que em qualquer outro, se torna necessário valorizar as coisas do Espírito.

A lei moral paira acima de tudo. Na previsão do autor da "Finalidade do Mundo", é sòmente para quem foge ao seu império, que a vida termina.

Realmente, fora da sua órbita, existe o vácuo, o embotamento completo da sensibilidade.

Não se pode tomar consciência dos fatos que acontecem, como se não acontecessem, pois não repercutem, não provocam eco e desaparecem, conforme observou Roland Corbisier, tragados pelo instantâneo esquecimento.

É por isso que Paul Claudel nos adverte de que não pode haver condescendência com a falsidade, com a impostura, com a mentira.

Só uma atitude se deve assumir perante o que é mau — destruí-lo.

Afirmou Disraeli que um livro pode ser tão importante como uma batalha. Molda caracteres, encaminha desígnios, robustece decisões.

Nas escaramuças dos combates da Inteligência, exercitemos as nossas fôrças, para ressurreição do prestígio nacional.

Inspirados pela nossa crença e pelo nosso patriotismo, empreendamos aquilo que Olavo Bilac chamou, apropriadamente,

um prodígio de taumaturgia social — lavrarmos a alma do Brasil, como os agricultores lavram o seu campo: com o tempo e a paciência, com a vontade e a arte, dando tôda a fôrça do braço e energia do coração, a todos os largos e sublimes trabalhos que o solo exige — o derrote e o amanho, a aradura, e o alqueive, a semeadura e a rega antes do dia nobre em que, coroando e abençoando o sacrifício, surge o esplendor da seara!

* * *

Ingressa, hoje, em nosso carinhoso convívio, brilhante plêiade de novos timoneiros da causa por que aqui nos congregamos, neste solar do Ideal, onde manteremos, acesa, dia e noite, a lâmpada da confiança nos destinos imortais da Pátria.

Integrando-se nos quadros da cruzada de exaltação dos nossos foros de cultura, temos a alegria de receber, nesta festiva efeméride, que marca a data da fundação da Academia Cearense de Letras, epígonos dos mais categorizados da atualidade intelectual da nossa Terra.

Joaquim Alves — estudioso dos problemas atinentes à sociologia regional, autor de interessantes ensaios sôbre peculiaridades, usos e costumes sertanejos, tem nome feito nas lides do pensamento.

Nêle se encontram os traços dominantes da raça — pugnador infatigável, vencendo todos os obstáculos, à custa do esfôrço próprio.

Parece haver seguido a indicação altaneira de Edmond Rostand: — Subir! Sim, de vagar, porém subir sòzinho!...

Conseguiu, desta maneira, atingir posição evidente no cenário do magistério e do jornalismo, vindo, presentemente, alargar o âmbito das suas atividades no exercício dos misteres que esta casa dêle reclama.

Antônio Martins, devotado cultor do Direito, é figura saliente da moderna geração de homens lúcidos e progressistas, ao nível das exigências do nosso tempo.

Parece encarnar o conceito de Charles du Bos, fazendo da literatura a expressão mesma da vida, na sua plenitude avassaladora, de realizar e construir, de acometer e triunfar.

Êle dá o exemplo da teoria objetiva que adota, afirmando-se arrojado plasmador de empreendimentos valiosos, a que empresta tôda a vitalidade da sua dedicação ardente de legionário das idéias renovadoras.

Será, por certo, elemento dos mais úteis à expansão da nossa sociedade.

Servindo-me, adequadamente, neste Nordeste ressequido, de uma comparação do autor citado, a Academia Cearense de Letras terá para Antônio Martins, no domínio do espírito, o efeito alcançado pela técnica no campo da hidráulica: capta, recolhe, conduz e eleva as águas...

É que, ainda na lição douta e convincente de Charles du Bos, se a Literatura deve à vida o seu conteúdo, a vida deve à Literatura a sua sobrevivência.

Braga Montenegro é uma vocação de literato, atraído da esfera realista em que milita, entre algarismos e cifras, cheques e operações de juros e descontos, para o gabinete de meditação e de trabalho, onde lavra, com tanto devotamento e delicadeza, o terreno sutil das idealizações e fantasias imaginosas.

Conquistou com mérito a láurea de autêntico novelista — campo de indiscutível influência social.

A tarefa de quem escreve para emocionar é bastante espinhosa. Faz-se imprescindível, hoje em dia, mais do que nunca, não deitar amargura nos corações impressionáveis, nesta época, já de si, tão cheia de tristeza e desenganos.

Passou a fase da literatura de cruezas, que dilaceram o peito. É necessário otimismo e esperança, para que floresça ra-

diosa primavera de alegria e não nos acabrunhe tristonho panorama de inverno, glacial, e enervante.

É êste o companheiro que vem conviver conosco, delineando painéis de sentimento humano, lembrado de que tudo o que se grava no papel tem côr e som, a se refletir e a provocar um eco...

A felicidade que se pode transfundir em bênçãos e irradiar em luz, não consiste, segundo Tennyson, em realizar os nossos ideais, senão em idealizar o que realizamos...

Raimundo Girão tem já assegurado renome nos debates das questões mais de perto relacionadas com o desenvolvimento econômico do Estado.

Militando no "Instituto do Ceará", encontrou na Casa Barão de Studart o cenário próprio para a sua especialização em estudos sérios, do mais claro proveito coletivo.

Disse Alberto Tôrres que nenhum outro povo levou, até hoje, vida mais descuidada que o nosso... O espírito brasileiro é ainda um espírito romântico e contemplativo, ingênuo e simples.

Raimundo Girão pertence à linhagem dos que defendem, com bravura e tenacidade, os interêsses palpitantes da nossa evolução progressista.

Deixa de parte o convencionalismo de uma civilização, no conceito daquele acatado sociólogo, de exterioridades ostentosas e de bonitas roupagens, de idéias decoradas, de encadernação e de formas, para olhar de frente os processos de fortalecimento das nossas finanças, de solidificação da nossa economia, com juízo seguro sôbre a realidade dos nossos problemas básicos.

Bem se pode aquilatar a têmpera dêste novo consócio, reconhecendo-se que parece ter ouvido o conselho do velho filósofo helênico — Pitágoras: — Cala-te, ou dize alguma coisa mais preciosa que o silêncio!

Fran Martins encabeça alvoroçada turma de valores novos, no seio da mentalidade regional. Vem, por ventura, confirmar

o depoimento de Frânklin Távora, quando afirmou que, no Norte, mais do que no Sul, exuberam os elementos para formação de uma literatura eminentemente brasileira, filha da terra.

Os seus trabalhos refletem as singularidades de um meio, onde se conservam os traços característicos da nossa fisionomia social.

Não há negar que o seu esfôrço, em vencer o indiferentismo ambiente, obteve plena satisfação.

É êle um dos vanguardeiros dessa clarinada que repercutiu com estridor nos centros mais distantes do País.

A calmaria das nossas plagas não paralisou o ímpeto do seu ardor juvenil, que vem contribuindo para a maior irradiação do brilho das nossas letras, através do intercâmbio crescente do pensamento nacional.

Conosco batalhará para que se amplie, cada vez mais, o horizonte da nossa visibilidade intelectual, o que sòmente se consegue, galgando os cimos dominantes, de onde se descortinam as paisagens refulgentes do supremo Ideal.

Diremos parodiando o ínclito publicista Carlos de Laet, retemperadas no crisol das virtudes cristãs, as almas encontram, fàcilmente, o caminho da verdade nas Ciências e da beleza nas Artes.

Fran Martins será, entre nós, o pesquizador de preciosidades nos garimpos do Sentimento, enriquecendo o tesouro das suas criações literárias, no gênio de bondade da raça.

Abelardo Montenegro cultiva, na publicidade, o gênero delicado e complexo, que é a crônica jornalística.

Aí se localizam as fontes originárias da História. No exame dos fatos ocorrentes, na apreciação das personalidades em foco, acumulam-se materiais indispensáveis, na construção dos anais indígenas.

Faz-se mister permaneçam na memória das gerações que

se sucedem as ações dignas da perpetuidade, para edificação dos pósteros.

Escrever sôbre os acontecimentos diários com justo senso crítico e honestidade de propósitos representa uma forma de estimular os lances da altivez e generosidade da nossa gente.

Não se podem esquecer nas jazidas os veios opulentos, de onde se extraem, na expressão de Ronald de Carvalho, brilhos de pedrarias e ressôos de metal sonoro, com que havemos de ostentar, aos olhos dos outros, as maravilhas de ocultos cabedais.

É esta a faina de quem, como Abelardo Montenegro, esboça perfis e ressalta fatos, na imprensa e na tribuna, com perícia e oportunidade, no nobre intuito de trazer, à plena luz, o que a obscuridade escondia, em prejuízo da contemplação de todos.

Valha-lhe o ensejo de, penetrando neste cenáculo, aumentar os seus títulos de dignitário das grandes pugnas pela imortalidade do Brasil.

Carlyle Martins tem o coração forrado de arminhos. A poesia — disse Musset — está na alma, como o rouxinol na ramagem.

Procede do mais recôndito do nosso ser. Como percebeu fino psicólogo, tanto se pode manifestar por um lindo verso, como por uma ação formosa.

Enche de alegria e de paz os desvãos do nosso fôro íntimo,

Porisso, a vida dos santos é um hino, transbordante de unção.

Não houve maior lírico, que o Patriarca de Assis, cantando, com a simplicidade de viva emoção mística, as criaturas do Senhor.

Carlyle Martins não sacrificou aos ídolos do futurismo a sinceridade da sua lira.

Não é daqueles, a que se referia Afrânio Peixoto, que, ainda tendo na alma a poesia, não na souberam conservar no cristal dos vasos lapidados.

Só a forma, a pauta, no conceito do preclaro mestre, compassa e conserva.

Porque a forma, se é disciplina, é também simetria, equilíbrio, ordem, perfeição.

Carlyle Martins continuará, nesta casa, a tradição do Panteon dos bardos cearenses, que povoam de harmonia as regiões onde se fala a doce língua materna.

Pertence à estirpe aristocrática de Álvaro Martins, inesquecível cantor dos "Pescadores da Taíba". É legítimo herdeiro do renome daquele inspirado vate que militou na primeira linha dos cancioneiros desta gleba esquecida e sofredora, ao lado de Juvenal Galeno e de Barbosa de Freitas, de Lívio Barreto e de Bonfim Sobrinho, glorificando com ritmos imperecíveis o amorável berço de Iracema.

Que dizer de Filgueiras Lima, manejador escorreito do vernáculo, cintilante conferencista, poeta consagrado, emérito pedagogo, com reais serviços prestados à causa sagrada da Educação?

A poltrona que vai ocupar cabe-lhe de direito líquido e certo, como germano expoente do humanismo clássico, entre nós. Podemos incluí-lo entre as pessoas gradas, que constituem o escol da inteligência conterrânea.

É o homem de boa vontade, sempre pronto a colaborar, com ânimo decidido, pelo soerguimento das energias cívicas e morais da juventude.

Êle aprendeu, muito bem, na lição de Saavedra Fajardo, que a felicidade nasce, como as rosas, de espinhos e aturado labor.

No árduo afã de modelar caracteres, para formação do espírito da mocidade, não poupa diligência, procurando preservar-lhe o espírito, da contaminação dos erros e sofismas do século.

O ensino é como a água fresca da chuva que desce do ceu e fertiliza a terra.

Se êle míngua, todos sentem os efeitos ruinosos de tão lamentável crise.

Filgueiras Lima estrutura, em princípios pedagógicos sadios e sólidos, a constituição do magistério de amanhã, na certeza de que será de um professorado consciente e competente, que há-de promanar uma sociedade tranqüila, à altura dos nossos créditos de honra, de civismo e de fé.

De fato, no juízo de insigne pensador, se queremos preservar a cultura, é preciso continuar a criá-la.

A educação é o fulcro do progresso humano. Baseia-se na Sabedoria, que a escola dissemina. E a Sabedoria, na translúcida opinião de Goethe, não está senão na Verdade.

Contra a verdade não há prescrições, asseverou Pierre Bayle. Mesmo quando persistem e se tornam velhas, as mentiras, segundo a sua observação, continuam a não merecer o acatamento de ninguém.

Daí podermos contemplar as bençãos decorrentes de um reflorescimento no campo lourejante, onde os preceptores cultivam as virtudes cristãs.

A Filgueiras Lima, o preito da nossa admiração pela obra efetiva e duradoura do seu ministério patriótico e moralizador, em bem da nossa terra.

Estão, hoje, reabertos, de par em par, os umbrais da Academia Cearense de Letras.

Toma parte na mesa da presidência Mário Linhares, que, na Capital da República, representa, tão dignamente, os nossos foros de alta cultura.

Exerce mandato oficial da Federação das Academias de Letras do Brasil, ao participar desta magna cerimônia.

Poeta primoroso e fluente beletrista, o prezadíssimo

coestaduano era bem o emissário natural da douta entidade metropolitana, nesta solenidade.

Tributamos-lhe, com sincero júbilo, merecida homenagem de apêço e cordialidade, por tão grato ensejo.

Aos ilustres membros da extinta Academia de Letras do Ceará, que se incorporam à nossa veterana instituição, com ela formando auspiciosa comunidade, para maior fulgor da nossa atividade mental, os nossos mais efusivos cumprimentos.

Serão, como nós outros, vigilantes guardiães dos pundonores ancestrais, a envidar todo o empenho para que não esmaeça o esplendor das conquistas passadas, no torrão que viu nascer a Liberdade e onde fulgiram, entre tantos astros de primeira grandeza, Alencar e Capistrano, Clóvis e Farias Brito, Antônio Bezerra e Antônio Augusto, Padre Antônio Tomás e José Albano, Moura Brasil e Antônio Sales.

É com inteira confiança no êxito de tão valorosa iniciativa, que a todos saudamos, no deslumbramento dêste triunfo, que revive os dias de esplêndido fastígio das falanges literárias, a cuja projeção na História se deve o excepcional relêvo desta parcela federativa, no concêrto da fraternidade brasileira!

ORAÇÃO DE PARANINFO

Venho trazer-vos uma mensagem do coração, meus caros bacharéis da Faculdade Católica de Filosofia do Ceará, ao terminardes o vosso curso de Ciências e Letras, neste ano tumultuoso de 1955. Quero expressar-vos, em tão excepcional momento, os augúrios de um futuro feliz.

Ides iniciar, lá fora, a vossa lida, num tempo que requer não sòmente comprovado saber profissional, mas ainda e, sobretudo, fé segura e invacilável nos destinos morais do homem.

Tendo-vos adestrado para o exercício do magistério, num compo, cheio de flôres e espinhos, ireis semear os conhecimentos adquiridos, para que loureje a messe cultivada mais tarde, entre os vossos alunos.

Não podíeis escolher, em verdade, ofício mais nobre que o que abraçastes e reclama de vós o maior carinho e desvanecimento. É que tereis de enrijar caracteres e polir mentalidades, à luz de uma pedagogia consciente e patriótica, digna da dedicação e do amor, que o Brasil exige de nós.

Já sabeis, por experiência bem vivida, o que é o amibente de uma escola, como a nossa, cujos altos objetivos atingistes conquistando galhardamente a láurea do professorado.

A cultura nacional reclama, agora, de todos vós, a contribuição que não podeis negar, do vosso decidido esfôrço para esclarecer e orientar as novas gerações patrícias, chamadas às diversas atividades da comunhão social.

(*) Discurso proferido na Faculdade de Filosofia da Universidade do Ceará.

Não seja, porém, apenas vossa preocupação aparelhar especialistas, nesta ou naquela determinada disciplina, neste ou naquele setor, em que ides atuar. Tereis de auscultar a realidade da hora presente e indicar com franqueza o sentido das coisas, na sua adaptação à época e ao meio em que nos encontramos.

Serão inúteis pesquisas psicológicas, para que se nos torne conhecida a alma humana, em geral, e, em particular, a alma dos educandos, se não disciplinarmos a nossa concepção dentro da filosofia perene, que abre horizontes infinitos à capacidade de investigação e compreensão.

Sabeis que é encantador o desbravamento de tantas regiões que palmilhastes, com os olhos voltados para as alturas do Saber. Aprendestes no estudo da Lógica a esgrima do Pensamento, a argumentar com segurança e a deduzir com êxito. A Sociologia alargou, sem dúvida, a esfera do percebimento das múltiplas fases da Civilização, em seu evolver através das idades. A Ética ofereceu revelações admiráveis, que deslumbram pela glorificação do nosso itinerário sôbre a terra. A Estética atraiu as predileções da vossa sentimentalidade para as paragens do supremo ideal de perfeição.

Seria mutilação deplorável, deixar à margem, segundo o desígnio positivista, tão imenso e fecundo espaço de indagações da capacidade de perquirição da inteligência humana. A Filosofia abre estradas deslumbrantes à sabedoria universal.

No que toca às ciências, nunca, por certo, como presentemente tanto se avançou nas descobertas das maravilhas da natureza. Para que pormenorizar êstes prodígios, que se traduzem na técnica e na tática de uma eficiência assombrosa, que parece querer roubar ao Céu os segredos da Criação?

É que Deus fêz o homem à sua imagem e semelhança, influindo nêle o sôpro da eternidade. Não será para a passagem precária e transitória por êste vale de lágrimas, que recebeu do Alto a raça de Adão o toque da graça que se expressa, por vêzes,

nas cintilações do gênio. Aí estão os progressos do nosso século a testemunhar o valor da obra grandiosa do Senhor, a quem devemos honrar e bendizer, humildemente, num gesto de gratidão.

* * *

Esta hora de alegria e de saudade desejo que fique marcada, para sempre, na lembrança desta Casa, onde aprendestes a razão séria de crer na Verdade e no Bem, na eficácia de quanto vale a virtude que se transmite pelo exemplo e pela palavra às gerações que se sucedem.

O Vosso ministério é moldar corações e iluminar consciências. Nas cátedras resplendam os brilhos de uma era nova para a nossa Pátria, através de lições, capazes de acender na juventude a flama do civismo e o ardor de entusiasmos sagrados pelas grandes causa de recuperação moral da sociedade.

* * *

A tradição exige que as turmas que se formam escolham um paraninfo a quem cumpre, neste último encontro entre os professôres do curso e os alunos laureados, dar o adeus, no momento desta solene dispersão, quando todos vão percorrer estradas diferentes pelos quadrantes da existência.

É um instante emocional, em que a voz assume um timbre de expressão particular, porque se sente embargada pelas suaves reminiscências de tão longos dias de grata e íntima cordialidade.

As aulas como que estabelecem a hierarquia da família e uma paternidade espiritual se gera prendendo, num laço de amena e doce comunicabilidade, os que ensinam e os que aprendem.

É o influxo dêsses sentimentos que ora nos domina, quando

vemos concluída a tarefa de demorado e assíduo tirocínio para a conquista da vitória hoje alcançada.

Viver é pensar e agir, disse com muita razão Toníolo, um dos mais assinalados luminares do pensamento contemporâneo. Viver bem, comenta o insigne Pe. Leonel Franca, será pensar a verdade, será agir com justiça.

Realmente, neste binômio tão expressivo, uma síntese essencial, vemos reunidos o valor e a nobreza do destino humano. "Pensar condensa, na brevidade de uma só palavra, os primeiros e os mais importantes deveres do homem: os seus deveres para com a verdade". Assim reconhece o grande terapeuta da "Crise do Mundo Moderno". É êle que nos adverte nada existir na nossa natureza de mais elevado, de mais perfeito, de mais sublime que a inteligência. E acrescenta: "Por esta luz espiritual nós entramos em contacto de conhecimento com a universalidade do que existe, por ela nós iluminamos e orientamos e valorizamos a responsabilidade da nossa vida moral; o esplendor da inteligência é, no mundo criado, a mais alta participação, a imagem mais pura da perfeição infinita de Deus. Conservá-la em sua integridade, respeitá-la nas leis naturais do seu dinamismo é defender no homem a fonte de tôda a grandeza, a possibilidade de todo o progresso; deformá-la, mutilá-la, desviá-la do seu objetivo é introduzir, no que há em nós de mais profundo, um princípio de perturbação, uma raiz de desordem de conseqüências inestimáveis".

* * *

Tivestes a fortuna de beber a ciência numa fonte límpida, onde as doutrinas não se impregnam dos tóxicos do século... Aqui a vossa mentalidade se moldou no estudo acurado e bem dirigido dos postulados clássicos do Cristianismo.

A vossa alma sentiu-se defendida contra as insídias e ma-

levolências de uma época tão infiltrada de doutrinas perversoras e dissolventes.

O amor da verdade encheu de vigor o vosso espírito de investigação e a sinceridade foi o grande estímulo dos vossos triunfos. A cultura católica não teme a luz: segue sem vacilações a esteira dos fatos. Goza de plena e ampla iniciativa. É que, no conceito de Henri Poincaré, destituída de liberdade a ciência morre de asfixia, tal um pássaro privado de oxigênio. E esta liberdade deve ser sem limites, por que quiséssemos nós dar-lhe algum, não teríamos mais do que meia ciência; e meia ciência não é mais ciência, pois isso poderá ser ou forçosamente é falsa ciência...

Leão XIII — o Papa sábio — proclamou, em seu tempo, diante do racionalismo estonteador — que a Igreja, mestra da sabedoria e da verdade, não receia o progresso e nem vive nas trevas...

Proclamou, ainda recentemente, Gregório Marañon que, do triunfo atual da ciência aplicada, raia nova era, — a da vitória da grande Ciência do Espírito!

A posição do católico, diante da ciência, tendo em vista a disciplina da Igreja, foi expressa, luminosamente, no tríplice preceito agostiniano: — nas coisas necessárias, unidade; nas coisas dubitativas, liberdade; em tôdas as coisas, caridade: *in necessariis unitas, in dubiis libertas, in omnibus caritas*...

Lecomte du Nouy, expoente autêntico da ciência, em nossos tempos, asseverou com a mais percuciente visão do problema: — "todo homem que acredita em Deus deve compreender que nenhum fato científico, se é verdadeiro pode contradizer a Deus. De outro modo não seria fato verdadeiro. Logo, homem que teme a ciência não possui a fortaleza da fé".

É por isso que D. Helder Câmara, em magistral conferência no alto meio científico do País, exclamou, num surto de elo-

qüência tão próprio da sua oratória portentosa: "Livres, só os filhos de Deus!"

Guardai, portanto, meus caros bacharéis da Faculdade Católica de Filosofia do Ceará, o vosso otimismo e o vosso júbilo, ao ingressardes, amanhã, na classe do magistério, irradiantes das esperanças que bebestes aqui, nesta fonte lustral da proficiência humanística e da integridade educacional!

* * *

A tarefa que vos cabe, na bela profissão que abraçastes, é a mais oportuna e meritória, — a defesa da inteligência juvenil, em face dos erros e sofismas da época presente. Batalhar sem quartel contra o egoísmo avassalador, cujos efeitos desastrosos se refletem, tristemente, no rompimento dos laços de fraternidade social.

Vale a pena repetir o que disse, ainda há pouco, eminente porta-voz do Episcopado Brasileiro, o abnegado apóstolo cearense, que tudo tem dado de si à pobreza das favelas cariocas, D. Helder Câmara: "O egoísmo é comêço, meio e fim dos sete vícios capitais que, por sua vez, são cabeça e fonte de todos os pecados. E poderá haver prisão mais estreita, mais sem ar e sem luz, do que o próprio *eu*? Nascidos para encher os olhos com horizontes infinitos, para povoar a mente com projetos sem limites e ainda tendo recebido coração católico, isto é universal, nós nos vemos, de repente, no fundo escuro de um calabouço, limitados, diminuídos, aniquilados. Não é exagêro dizer que o egoísta passa por êste mundo sem ver, sem ouvir e sem amar, porque só tem olhos para ver-se, ouvidos para ouvir-se e coração para amar-se.

Lá fora tanta beleza, tanta variedade e tanta graça: mas tudo serve apenas de pretexto para que o egoísta conte o que viu, o que fêz, o que pretende realizar.

Lá fora tantas vozes, tantas palavras, tantas mensagens: nada difícil, porém, como um autêntico diálogo na terra dos homens.

Dois conversam: dir-se-ia um diálogo, quando de fato se estão desenrolando monólogos paralelos.

Quando mal os lábios do primeiro se abriram, uma palavra sugeriu comentários que já não deixam o interlocutor ouvir coisa alguma; também, assim que os comentários começarem, terão o dom de acordar novos comentários, que tirarão completamente o interêsse do que estiver sendo dito.

Sem ver e sem ouvir, sem olhos e sem ouvidos para o próximo, com olhos e ouvidos só para si, o egoísta só pode ter amor próprio, êsse terrível amor próprio que atrasa a marcha do mundo, seca as fontes da santidade e nos predispõe para a convivência eterna com Lúcifer e seus anjos, que por amor próprio foram confirmados no ódio, e hoje e para sempre nem a si próprios mais são capazes de amar".

Aí temos o painel traçado, com tanta fidelidade e exatidão, do que se passa nos meios descristianizados, vazios dos ensinamento insubstituíveis do Evangelho!

Agora, meus caros bacharéis, que recebestes a láurea de uma carreira privilegiada — a dignificante e honrosa missão de transmitir as claridades da idéia, nas cátedras do ensino, pensai, sèriamente, nas responsabilidades da vossa profissão.

Tudo o que valeis se concretiza na pureza e na grandeza dos vossos sentimentos. O problema fundamental do vosso porvir é vos manterdes sempre fiéis à Verdade.

Nada supera na vida a glória de uma consciência reta, íntegra, sincera... Hoje como sempre a melhor posição que se pode atingir é a de homem de bem. E homem de bem significa, em síntese, homem de verdade.

* * *

Dizia o marechal Foch, aos seus comandados, no meio da maior perplexidade da guerra ainda registrada na História: — "Não vos pergunto o que pensais... Dizei-me o que é... Os acontecimentos aí estão. É preciso vê-los. Êles não fogem... Não será com sentimentos que o fareis desaparecer".

Um espírito de tal clarividência havia de conduzir as suas tropas à vitória. É que os fatos, no dizer sóbrio e elegante de César Cantu, são a linguagem eterna do Criador, enquanto as opiniões representam a linguagem efêmera da criatura...

A data de hoje, em que vos armastes cavaleiros para as pugnas da Pátria e tomastes uma atitude decisiva na encruzilhada da existência, será como um dia de Natal, pleno de iluminações interiores e de regozijos intraduzíveis.

Conservai a vossa alegria! Ela é o segrêdo da vossa felicidade. Ouvi esta chave de ouro de uma estrofe do ínclito poeta Emílio Verhaeren:

— "A vida é um combate que se deve converter em festa"...

Na afirmação de Carrel, o coração, que se extasia numa prece, alcança as alturas infinitas do Céu... Êsse contacto dos homens com Deus impregna-os de paz. E a paz irradia nêles. E levam a paz para tôda a parte, aonde vão...

Orando por vós, neste momento aurifulgente, um dos mais significativos da vossa vida, desejo-vos a plenitude da ventura, resumida na fórmula de Marcel Desmarais. Sim! No curso das vossas atividades, repeti, cada dia: — O mundo com a minha vida será melhor e mais feliz!

ÍNDICE

PAG.

O Sacramento da Eucaristia na Formação da Nacionalidade 9
O Culto da Tradição 19
Quatro Vêzes Secular a Milícia de Santo Inácio 27
O Mundo Sem Espírito 39
Padre Anchieta — Primeiro Mestre 47
A Catedral — Novo Tabor 61
Barão de Studart — Dos Nossos O Maior 73
Antônio Bezerra — Cearense Padrão 81
Tomás Pompeu — Fisionomia de um Enciclopedista 93
Antônio Augusto — Príncipe da Oratória 107
Justiniano de Serpa — Luminar do Direito 118
Figura de Apóstolo 129
Carlos de Laet — Jornalista Inexcedível 141
Capistrano — Historiador dos Historiadores 161
Oração da Academia 177
Oração de Paraninfo 191

Princeton Theological Seminary Libraries
1 1012 01245 4890

ALGUMAS EDIÇÕES DA I. U. C.

"Clóvis Beviláqua e Outros Trabalhos" — *Dolor Barreira*

"Curso de Direito Comercial" — *Fran Martins*

"Cultura e Universidade" — *José Denizard Macedo de Alcântara*

"Estética Profissional" — *Leite Maranhão*

"Missão da Universidade Brasileira" — *Clóvis Salgado*

"Fundamentos Científicos da Pedagogia no Sistema Social Romano" — *J. Sobeira de Amorim*

"Êrro de Observação nos Cadastros Toráxicos e sua Correção" — *F. J. Máximus de Codes*

"Da Alimentação de Acôrdo com o Biótipo e o Clima" — *Joaquim Juarez Furtado*

"A Academia Cearense de Letras" — *Manuel Albano Amora*

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

"Anais da Universidade" — I Tomo

"CLÃ" — Revista de cultura — nº 16

*

* *

I. U. C.

IMPRENSA UNIVERSITÁRIA DO CEARÁ